A revista que pensa a Educação.

EDUCATRIX

ANO 11 • Nº 22 • 2022

SANTILLANA

A escola como EXPERIÊNCIA



Inspire-se com
iniciativas reais para a reintegração
da comunidade escolar!

POR DENTRO
COMO APLICAR O *USER EXPERIENCE* (*UX*) NA SALA DE AULA

PANORAMA
DICAS PARA INCLUIR OS 100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA NA SUA ESCOLA



FORMAÇÕES

EDUCATRIX

ATUALIZAÇÃO PRÁTICA

A FORMAÇÃO DO ALUNO COMEÇA SEMPRE COM O DESENVOLVIMENTO DO PROFESSOR. PENSANDO NISSO, CRIAMOS AS **FORMAÇÕES EDUCATRIX**, UMA FORMA INOVADORA DE TRANSFORMAR SUA REVISTA FAVORITA EM UMA FERRAMENTA DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES.

MKT • MODERNA



PLENOS SABERES

Acesse gratuitamente no portal da Educatrix e aproveite todos os conteúdos.

WWW.MODERNA.COM.BR/EDUCATRIX



Você encontra o selo **Formações Educatrix** em reportagens que se transformam em apresentações para formação de professores.

Acesse gratuitamente no portal da **Educatrix** e aproveite todos os conteúdos.

www.moderna.com.br/educatrix

MODERNA

moderna.com.br 0800 017 2002 /editoramoderna

VAMOS EXPANDIR A EDUCAÇÃO JUNTOS?

APRENDER É UM MOVIMENTO INFINITO.
CONHEÇA NOSSO UNIVERSO DE SOLUÇÕES EDUCACIONAIS.

www.santillana.com.br

/santillana.educacao

/SantillanaBrasil

/santillanaeducacao

Saiba mais sobre esta marca com mais de 50 anos no Brasil.

MODERNA COMPARTILHA UNO educação SFB SISTEMA FARIAS BRITO KEPLER Richmond Richmond Solution educate by Richmond



SANTILLANA ESPAÑOL

Proyección

PROGRAMA CRESCEMOS

SALAMANDRA

leiomundo

SANTILLANA EDUCAÇÃO

UMA MARCA GLOBAL
COM MAIS DE 50 ANOS DE HISTÓRIA NO BRASIL.



Experiências multiconectadas

OLÁ! Diante da capa desta nova edição da *Educatrix*, é provável que você seja remetido à grande bagagem de aprendizados que colheu até aqui. Esta edição está voltada ao futuro das experiências que vivemos no presente. Eu explico. A palavra pode parecer um lugar-comum entre frases como "é preciso investir na experiência do cliente" ou "sempre procuro referências sobre a experiência que outros pais tiveram com a escola". Mas você já parou para pensar nas suas próprias experiências? Seu primeiro dia de aula como aluno e, depois, como professor, gestor; a primeira vez que viu um filme que marcou a sua vida; ou ainda a primeira vez que dirigiu? Muitas dessas histórias nos acompanham por serem marcos de novas vivências.

Eu me arrisco a afirmar que grande parte das suas primeiras experiências não foram planejadas. Ao longo desses mais de dois anos de pandemia, renovamos nosso estoque de primeiras vezes. Muitos educadores ministraram pela primeira vez uma aula on-line ou tiveram de participar de uma reunião virtual. Depois de algum tempo, essas experiências se tornaram hábitos e puderam ser aprimoradas – mudança de uma plataforma de apoio ou a criação de regras com os alunos, por exemplo. Mas e se você pudesse mirar as experiências de hoje como preparação para um futuro desconhecido? A nossa edição vai falar exatamente sobre isto: como essas vivências são realmente significantes para a vida toda.

Para começar essa aventura, Alex Bretas, especialista em *lifelong learning* (aprendizagem para toda a vida), nos dá uma aula sobre a importância de aprendermos, por nós mesmos, com método, consistência e profundidade, aquilo que bem entendermos, no tempo que desejarmos. Será que aí está a chave do sucesso?

Nas seções Gestão Escolar e Perspectivas, aprofundamos a conversa com educadores, gestores e famílias para compreender como as experiências da pandemia estão projetando o futuro das instituições privadas e públicas. Ainda nessa jornada pelo futuro, Betina von Staa nos traz um panorama sobre o tema do momento: letramento para o futuro (Unesco – *Future Literacy*). A especialista separou dicas que ajudam a entender e implementar a teoria no dia a dia.

Julci Rocha preparou um tutorial sobre *User Experience* (*UX*), com sugestões de abordagens e metodologias para aplicação na escola e na sala de aula. Se o assunto é **experiência**, não há como não abordar temas que serão pauta dentro e fora da sala de aula. Convidamos o autor Douglas Tufano para contar como o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser um recurso pedagógico interessante para a realização de projetos interdisciplinares. Ainda em conexão com o dia a dia, Kamila Nunes, do Politize!, escreve sobre a relevância de a formação política e cidadã começar em diálogos sobre as eleições.

Falando em novidades, nós, da Santillana Brasil, também estamos passando por constantes aprendizados. Em 2022, a Santillana propôs uma nova atuação no mercado para valorizar a pluralidade da educação brasileira. A partir deste ano, parte da nossa equipe estará totalmente dedicada às necessidades das redes públicas de ensino. A Moderna consolida sua força e seu compromisso com a educação pública e passa a ter colaboradores 100% focados nesse plano, desde o editorial até a equipe comercial e pedagógica que faz o acompanhamento nas escolas. Para as escolas da rede privada, nosso portfólio de marcas ficará organizado sob o nome Santillana Educação: um reforço das possibilidades que temos de dar suporte às instituições de ensino para que possam expandir seus resultados.

Esperamos que as próximas páginas extrapolem a palavra **experiência** para muito além daquilo que já vivemos e sirvam como um exercício de preparação para aquilo que ainda não conhecemos. Nosso convite é que você e sua equipe observem com carinho o que aprenderam até aqui e vislumbrem, junto à comunidade escolar, projetos e novas experiências que concretizem uma aprendizagem cada vez mais significativa para um futuro desconhecido para todos.

Boa leitura!

Ivan Aguirra Izar
DIRETOR DE MARKETING E SERVIÇOS EDUCACIONAIS

sumário

EDUCATRIX *A revista que pensa a Educação.*

SAIBA+ | A EXPERIÊNCIA DO AUTOCUIDADO PÁG. 8

FIO DA MEADA | NOVAS EXPERIÊNCIAS EM UMA NOVA ESCOLA PÁG. 10

ENTREVISTA | ALEX BRETAS: CONVITE PARA UMA EDUCAÇÃO FORA DA CAIXA PÁG. 12

PERSPECTIVAS | EXPERIÊNCIAS NA PANDEMIA: PROPÓSITOS E NOVOS RUMOS PARA A ESCOLA PÁG. 20

PENSAMENTO ACADÊMICO | AVALIAÇÃO PÓS-PANDEMIA EM TURMAS MUITO HETEROGÊNEAS PÁG. 26

TENDÊNCIAS | É POSSÍVEL APRENDER A PENSAR EM QUE MUNDO QUEREMOS VIVER PÁG. 32

CONEXÃO | PÁG. 38

ESCOLA: ESPAÇO DE EXPERIÊNCIAS E ELABORAÇÃO DE PERDAS NA PANDEMIA



POR DENTRO | *USER EXPERIENCE* E A EXPERIÊNCIA DO ESTUDANTE NA ESCOLA PÁG. 50

NA TELA | NOVO ENSINO MÉDIO: NOVOS SENTIDOS DA ESCOLA E DO CONHECIMENTO PÁG. 56

PLENOS SABERES | FORMANDO MENTES BILÍNGUES PÁG. 66

GESTÃO ESCOLAR | A RETOMADA DAS AULAS E O FUTURO DAS ESCOLAS PÁG. 76

PANORAMA | A SEMANA DE ARTE MODERNA ONTEM E HOJE PÁG. 86

LINHA DE RACIOCÍNIO | CAMINHOS DE ESPIRITUALIDADE NA ESCOLA PÁG. 94

FOCO | EDUCAÇÃO POLÍTICA: A CONSCIENTIZAÇÃO COMEÇA NA ESCOLA PÁG. 98

CIDADANIA | GRETA THUNBERG E A ESCOLA CIDADÃ PÁG. 104

FAVORITOS | CONTEÚDOS QUE POTENCIALIZAM O DIA A DIA DO PROFESSOR PÁG. 112

ARMANDINHO | ALEXANDRE BECK PÁG. 114

A experiência do autocuidado

Reflexões sobre expectativas, mudanças e o olhar sobre nós mesmos.

TEXTO *Ivan Aguirra*



TENHO UMA CONFIDÊNCIA A FAZER: a experiência que tenho com a educação teve como base minha perspectiva como aluno e como gestor, observando práticas e ouvindo professores, lendo relatos e estudos de especialistas, realizando pesquisas ou mesmo aprendendo numa sala de aula, e não atuando como professor. Apesar da minha inexperiência docente, compartilho com você, educador, algo muito potente: trabalho todos os dias para oferecer uma boa experiência educativa.

Pressuponho que, em suas classes, você direciona seus esforços para garantir uma aprendizagem eficiente e significativa para os alunos e, indiretamente, para a fidelização de famílias com expectativas, valores e exigências diversos. Do nosso lado, como produtores de conteúdos, nos dedicamos muito para oferecer um ecossistema consistente de soluções e formações para profissionais de educação, alunos e famílias que forneça experiências e serviços repletos de criatividade e sentido.

Neste ponto da nossa conversa, proponho uma reflexão sobre as nossas atuações: estamos no mesmo barco quando falamos sobre as experiências que proporcionamos e pelas quais somos avaliados. Uma experiência ruim é comunicada e sucessivas notas negativas exigem uma mudança de rota. Todo profissional da educação sabe que não basta ensinar, é preciso conquistar as turmas, encantá-las para que queiram aprender e aprendam de fato. Quem se propõe a esse tipo de serviço sempre está suscetível a críticas abstratas: uma mesma experiência pode ser plena para um e vazia para outro. Disso nascem análises, propostas de melhorias, experimentações e se constroem soluções personalizadas.

AFINAL, QUE EXPERIÊNCIA ESTAMOS GERANDO PARA NÓS MESMOS?

Qual tem sido nossa própria satisfação diante do que oferecemos ao outro? É essa reflexão que gostaria de deixar com você. Nesse mundo caótico em que vivemos, muitas vezes repensamos tanto nossa entrega para, supostamente, melhorar a experiência do usuário que acabamos nos distanciando do nosso real propósito. Outras vezes, reproduzimos tanto, *ipsis litteris*, os valores da institui-



ção na qual trabalhamos que acabamos nos fundindo com ela, num tipo de simbiose corporativa. E sem perceber, às vezes acabamos nos esquecendo ou desviando dos nossos propósitos para justificar mudanças de planos da instituição. Quanto mais isso acontece, mais força fazemos para explicar para nós mesmos o nosso próprio trabalho. Líderes – da escola, da sala de aula ou de instituições educativas – devem ter uma escuta ativa e empática para acompanhar movimentos como esse. Claro que o ideal é sempre buscarmos um trabalho que se encaixe em nossas expectativas e valores, mas precisamos lembrar que nem as instituições nem nós somos estáticos.

Cada um deve ter como premissa a prática do autocuidado e de revisitar constantemente seu projeto de vida. Uma experiência só é boa mesmo quando todos se transformam na direção esperada. Você indica sua própria experiência para um colega de trabalho? Essa resposta diz muito sobre você, seu trabalho e a instituição que representa.

EDUCATRIX
ANO 11 • Nº 22 • 2022

CONSELHO EDITORIAL
Eny Muniz
Gisele Cruz
Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra
Luciano Monteiro
Solange Petrosino

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra

PRODUÇÃO DE TEXTOS
Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra
Lara Silbiger
Paulo de Camargo
Ricardo Prado

ARTICULISTAS
Betina von Staa
Danielle Lima
Douglas Tufano
Julci Rocha
Kamila Nunes
Leonardo Rabelo
Luís Carlos de Menezes
Renan Nascimento

REVISÃO FINAL
Ana Cristina Garcia

EDIÇÃO DE ARTE E *DESIGN*
Ricardo Davino

PESQUISA ICONOGRÁFICA
Ricardo Davino

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Ricardo Davino

COLABORADORES
Eduardo Santana
Tassia Cobo

LEIA NOSSO ACERVO DIGITAL:
moderna.com.br/educatrix

SANTILLANA
Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP • CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação semestral com a proposta de colaborar com a formação nas escolas parceiras de todos os negócios da Santillana no Brasil.
ISSN: 2447-4991

educatrix@moderna.com.br

© **Direitos reservados.**
É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.



Novas experiências em uma nova escola



Do estabelecimento em que se davam instruções para um lugar sem muros onde todos podem aprender e ensinar a partir de suas experiências.

TEXTO *Leonardo Rabelo*

O MOVIMENTO de pessoas diferentes indo e vindo, o som no corredor nos intervalos das aulas, a cor das paredes, o número na porta da sala, os sorrisos e os gritos na quadra de esportes, as conversas sobre a vida com amigos, as aulas no laboratório, o sabor da merenda, o sorriso do professor favorito, o primeiro trabalho em grupo, a primeira avaliação, a apresentação do grupo de teatro, o dia em que a banda da escola ganhou um prêmio, a palavra de incentivo quando algo deu errado, as festas, a inesquecível saída pedagógica, a apresentação de um projeto de pesquisa e o tão sonhado fechamento de um ciclo com uma formatura. Conseguiu voltar no tempo e abrir a caixinha de memórias significativas? Qual foi a principal experiência que marcou a sua trajetória na escola?

Dificilmente vamos lembrar da página 38 do livro de Matemática e da lista de 10 exercícios valendo pontos para o bimestre. Definitivamente, o que nos move não são ideias abstratas, mas a experiência vivenciada, o conhecimento obtido por meio de tentativas repetidas, do acerto, do erro, do que um dia era incerto e, por um processo metodológico ativo, com etapas e estímulos diferentes, tornou-se conhecido, testado e, por fim, aplicável e memorável. As ideias até podem abrir caminhos, mas dar passos por esses caminhos é uma questão de experiência.

Quando somos submetidos a experiências voluntárias ou involuntárias, dentro ou fora da escola, do ponto de vista do nosso funcionamento biológico — entendendo que o nosso cérebro é maleável e adapta-se a mudanças de acordo com a prática que vivemos — proporcionamos ao outro e a nós mesmos uma situação nova de aprendizagem a partir das conexões pelos nossos canais sensoriais, em movimentos simultâneos, combinados com estímulos visuais, auditivos, gustativos, motores e emocionais que alteram nossa capacidade de dar atenção para nos movimentarmos e, assim, aprender algo que terá sentido e significado.

Diante do entendimento sobre o poder da experiência e do contexto que vivemos atualmente, a cada dia fica mais evidente que a escola de hoje não deveria ser um lugar de simulações da realidade, de tópicos com foco apenas no conteúdo, mas, sim, um ambiente de sociabilização, de valores, de tolerância, de relacionamento social, de respeito, de expressão de cultura, de mais contato com a comunidade, de experiências para cumprir uma missão muito mais ampla do que apenas ensinar com aulas expositivas. Não que ela não deva oferecer conteúdos, mas ela precisa ter seu campo de atuação ampliado para construir experiências significativas no tempo presente.

Como amante das boas perguntas, termino o texto com um convite à reflexão. Um convite para pensarmos na escola como uma instância social que respira experiências. E o que isso muda no lugar chamado escola, na herança do modelo que recebemos e replicamos com o passar dos anos? A própria palavra **instância** substitui a palavra **estabelecimento** e abre espaço para experiências que automaticamente nos farão repensar lugares, formatos e movimentos de como a prática pedagógica (a vida) acontece com maior ou menor intensidade fora do seu prédio físico. Que tipos de experiências e estímulos estamos proporcionando aos mais diferentes atores da escola? Que decisão transformadora é preciso tomar para proporcionar uma educação mais focada em experiências?

Gostamos muito de funcionar de maneira única, nos polos do certo e errado, na prática literal da expressão "sempre foi assim". A escola que baseia sua prática em projetos e experiências de aprendizagem, não precisa ser isso ou aquilo, ela pode ser isso, aquilo, mais isso, mais aquilo e uma enorme variedade de práticas e situações de aprendizagem que façam mais sentido a todos os atores envolvidos.

Que a experiência de aprender continuamente seja fértil!

LEONARDO RABELO
é professor de História com especialização em Psicopedagogia e Educação para Infância. Gestor. No Projeto UNO educação, atuou como Coach Pedagógico, Supervisor Pedagógico e, atualmente, está como Gerente de Serviços Educacionais. Seu propósito e trajetória na educação estão marcados pela sua inteligência social, generosidade, perspectiva e liderança.



Convite para uma educação fora da caixa

O empreendedor Alex Bretas vem se tornando cada vez mais conhecido por sua defesa das comunidades de aprendizagem autodirigida. Nesta entrevista, ele explica o que são esses movimentos e como a escola acaba por tolher, no aluno, as iniciativas de autodireção do processo de descoberta.

TEXTO *Paulo de Camargo*

O INÍCIO da vida escolar do empreendedor Alex Bretas até que foi convencional. Natural de Governador Valadares (MG), estudou em um colégio tradicional católico, como aluno de sua própria mãe. Nascido em uma família em que as mulheres eram professoras, acostumou-se a ouvir reclamações características dos educadores sobre a indisciplina, o excesso de trabalho e outros temas de sala aula – e talvez tenha sido plantada aí uma semente para suas ideias futuras. Na época da faculdade, Bretas mudou-se para Belo Horizonte, onde cursou a Fundação João Pinheiro, que lhe daria acesso direto a um cargo de gestão pública. Terminou o curso, começou a trabalhar e... a vida de aprendizado convencional de Alex Bretas parou aí.

Veio para São Paulo, e até pensou em seguir os caminhos tradicionais, como ingressar no mestrado e no doutorado. Desistiu, quando viu que não era aquilo que queria. Em seguida, ganhando a vida como consultor e facilitador de grupos, tomou uma decisão radical. Em 2014, decidiu parar tudo para estudar. Abriu uma campanha de financiamento na internet, conseguiu arrecadar 16 mil reais, e foi fazer o que queria — ler, estudar, pesquisar, entrevistar pessoas, viajar para conhecer experiências inovadoras.

Desde então, iniciou uma jornada que lhe rendeu milhares de seguidores, em um caminho, no mínimo, muito pessoal – o da experiência da aprendizagem autodirigida, campo do qual se tornou um dos principais representantes no Brasil.

Da experiência nasceram dois de seus primeiros livros: *Kit Educação fora da caixa* e *Doutorado Informal*, nome que emprestou do amigo jornalista André Gravatá.

Em síntese, estava iniciada a construção de um movimento que convida pessoas comuns, como eu e você, a fazerem algo tão óbvio quanto desafiador: aprender, por si mesmas, com método e a profundidade escolhida, aquilo que bem entenderem, no tempo que desejarem — com consistência.

Desde então, Bretas envolveu-se em diferentes projetos: dedicou-se a escrever, tornou-se um conferencista TEDx, criou, em 2020, o *MoL Academy*, curso que está em sua terceira edição, pelo qual já passaram centenas de alunos, tudo isso para se formar no que ele chama de arquitetura de aprendizagem autodirigida, multiplicando o sonho ao qual se dedicou. Para falar sobre o que essa experiência de aprendizagem autodirigida tem a dizer para a educação escolar formal, Alex Bretas recebeu a *Educatrix* para a seguinte entrevista.

EDUCATRIX **Vamos começar por uma abordagem que é um dos temas centrais desta edição — a experiência do usuário, neste caso, a experiência do aluno, do aprendiz. Como você interliga o que faz com essa ideia?**

BRETAS Acho que o que fazemos está totalmente conectado com



a ideia de experiência. Há um texto do autor catalão Jorge Larossa que, para mim, define bem o tema. É um texto pequeno, mas profundo. Lá, tem uma frase que me pegou: "experiência não é o que acontece, o que toca, o que afeta. É o que acontece a você; o que toca você; o que afeta você". Isso é maravilhoso. Quando você aprende de forma autodirigida, aprende desse ponto de partida, liga a chavinha da descoberta. Existe uma distinção grande entre aprender sendo instruído pelo outro — e tudo bem, isso tem seu lugar, é importante — e o aprendizado pela descoberta, pelo empírico, tão natural desde o nosso nascimento. Aprender pela descoberta é uma experiência emocional profunda para nós, seres humanos. A biologia nos recompensa, pois nosso corpo foi configurado para fazer isso.

EDUCATRIX **Como assim, a biologia nos recompensa?**

BRETAS Eu gosto de estudar sobre a química do cérebro. Entre os quatro principais neurotransmissores, três deles, relacionados com nosso bem-estar, nosso prazer, nosso desejo, são ativados quando aprendemos de forma autodirigida. Ocitocina é um neurotransmissor liberado quando você se sente pertencente, quando sente que faz parte de algo, quando se sente cuidado e quando cuida do outro. No aprendizado autodirigido isso acontece. A descarga de serotonina tem a ver com você se sentir especial, uma pessoa valorizada pelo que é, autêntica. A aprendizagem autodirigida é o caminho da autenticidade, um aprendizado profundamente criativo. Você está criando o seu caminho, provavelmente ele vai ser único. A dopamina regula o desejo. Mais do que o prazer, ela tem a ver com o sistema de recompensa de quando deseja algo. Não é liberada apenas quando você está comendo o brigadeiro, mas principalmente quando o está desejando. O aprendizado heterodirigido, quando outra pessoa está coagindo, controlando, obrigando alguém a aprender, é um aprendizado que suprime o desejo. Ninguém lhe perguntou se era o que queria. O desejo precisa de espaço, tempo, ócio, tédio para germinar, e não temos espaço para isso no modelo escolarizado tradicional. Para mim, estas três substâncias estão conectadas com a visão de experiência: o que toca você, o que o afeta, o que acontece com você. O caminho da autodireção do aprendizado nos remunera biologicamente com substâncias que dizem respeito à fruição da vida.

EDUCATRIX **Vamos entender melhor o que é a aprendizagem autodirigida. Para conhecer o que você faz, podemos começar pelo seu *MoL Academy*.**

BRETAS O *MoL Academy* é uma comunidade de aprendizagem autodirigida que criei, no começo da pandemia. É um programa com início, meio e fim. Acontece em ambiente on-line, no formato de uma comunidade. Tem sido uma experiência muito legal. O *MoL* congrega pessoas que, de algum modo, já têm uma pegada autodidata, são inquietas em relação ao seu aprendizado, talvez nunca tenham se encaixado bem nas estruturas tradicionais. Vêm para o *MoL* pessoas que querem empreender sua aprendizagem de outra forma. Só que o dilema do autodidata é que ele gosta muito de fazer tudo do jeito dele, mas se sente muito só nesse percurso. Ele se pergunta com quem pode trocar, quem vai apoiá-lo no processo...

EDUCATRIX **Fala-se muito hoje na importância do aprendizado coletivo, na troca com o outro. Dessa forma, o estudo autodirigido também acontece em comunidade?**

BRETAS O autodirigido não é um solitário, pode buscar apoio, pode buscar mediações, conversações e múltiplos referenciais. A comunidade entra nesse aspecto. Assim, conseguimos preservar duas polaridades importantes. Por um lado, o *MoL* potencializa a autonomia do aprendiz, ou seja, ele não só escolhe em um cardápio disponível o que vai fazer para aprender, como cria o próprio processo. De outro, acontece tudo em comunidade, ele consegue se sentir visto, legitimado nessa busca. Nosso lema é: se joga que aqui tem rede. Dizemos: vai fundo, cara, para se aprofundar nas paradas que você curte. Mas saiba que, uma vez fazendo isso, aqui tem rede. Se você precisar de qualquer coisa, se quiser compartilhar o seu processo com a gente, se tiver dificuldades, vai ter aqui um oceano de apoio e de pessoas ao seu lado.

EDUCATRIX **O *MoL* então é reflexo de todas as suas pesquisas anteriores sobre formas de aprendizagem autodirigida, correto?**

BRETAS Pode-se dizer que é o suprassumo do que eu faço e reflete a minha concepção de aprendizado. Eu batizei esse »

» conceito de comunidade de "aprendizado autodirigido", mas é importante dizer que isso já tem acontecido muito, com diferentes nomes. Uma escola democrática funciona como uma comunidade de aprendizagem autodirigida, assim como uma universidade livre e famílias que se juntam e se apoiam para escolarizar os filhos, também. Esse padrão se repete em muitos lugares e organizações, e entendo que deveria ser a norma de nosso sistema educacional.

EDUCATRIX **Ouvindo sua fala, é perceptível que você também passou por autores da pedagogia. Como é o seu diálogo com o mundo dos pedagogos?**

BRETAS É difícil, porque a pedagogia é um campo ainda um pouco resistente a essas ideias. A autodireção colide com crenças muito arraigadas. Há um filósofo e pedagogo francês do século XIX, Joseph Jacotot — na verdade, mais um antipedagogo —, que dizia que toda pessoa é capaz de ensinar a si mesma. Ele criticava a lógica da explicação das escolas, baseada na premissa de que o aluno sempre precisará de um mediador para fazer a ponte com o objeto de conhecimento, com o mundo. Quase todos os espaços pedagógicos têm esse papel institucionalizado, e o recado que está sendo mandando é: você não é capaz de aprender de maneira autodirigida. Por isso, o que penso colide de maneira frontal com algumas crenças da pedagogia convencional. Mas existem alguns autores de referência, como Yaacov Hecht, da aprendizagem pluralista, o Ivan Illich (*Sociedade sem escolas*). São autores centrais, mas em faculdades de pedagogia são estudados de uma perspectiva muito crítica, se é que são estudados. Mas quem realmente leu Paulo Freire sabe que ele tem uma compreensão muito libertária do processo educacional.

EU GOSTO DE ESTUDAR A QUÍMICA DO CÉREBRO. ENTRE OS QUATRO PRINCIPAIS NEUROTRANSMISSORES, TRÊS DELES, RELACIONADOS COM NOSSO BEM-ESTAR, **NOSSO PRAZER**, NOSSO DESEJO, SÃO ATIVADOS QUANDO APRENDEMOS DE FORMA AUTODIRIGIDA.



ALEX BRETAS

EDUCATRIX **E como esses autores ajudaram você a pensar a escola?**

BRETAS Se partir de uma compreensão freireana, ampliando o olhar dele, entendo que no sistema convencional escolarizado também existem opressores e oprimidos. E a opressão que se coloca ali é sobretudo epistemológica: da imposição de um saber específico, que também é imposição de uma cultura. Não somente somos introjetados por conteúdos alheios à nossa vontade, mas de uma certa forma de fazer as coisas, de pensar, de sentir. Isso entra na gente e depois, para tirar, é trabalho de uma vida inteira. No ano passado lancei um livro chamado *Crenças escolarizantes*, com frases sobre ideias que o sistema contribuiu para introjetar na gente. Tipo: "Eu só consigo aprender se for ensinado". Veja, não sou contra as escolas, não quero destruir as escolas. Como equipamento social, cultural, as escolas são muito importantes. Mas, não precisamos ser maniqueístas. Tem jeito de defender a escola e criticar radicalmente o que acontecer nela. Fico indignado porque há milhares de experiências importantes hoje no mundo, cada uma delas com características interessantes, próximas, advogando mais ou menos explicitamente a aprendizagem autodirigida. Precisamos nos inspirar nessas iniciativas e recriar o que acontece na escola.

EDUCATRIX **O que você propõe vai além de reformar o ensino?**

BRETAS Há muitas tentativas de reformar a educação, como as metodologias ativas, as mudanças curriculares, como a própria BNCC. Acho que a gente precisa de uma conversa mais profunda. A pergunta é: qual é o propósito disso aqui? Na educação básica, existem essas conversas de reformas. Veja, por exemplo, as referências da Unesco. Quando se chega na fase adulta, no mundo organizacional, fala-se muito hoje em *lifelong learning* (aprendizagem para a vida inteira). Existem os paradigmas do aprender a ser, conviver... Poxa, mas se esse é o ideal, se é aonde a gente quer chegar, o que a gente está fazendo na educação básica está tudo errado.

EDUCATRIX **Há pessoas que conseguem cumprir esses objetivos?**

BRETAS Se queremos formar aprendizes ao longo da vida, pessoas capazes de cultivar relações, ativas politicamente, já tem gente fazendo isso. No final do livro *Doutorado informal*, entrevistei o canadense David Marshak, diretor do Self Design Graduate Institute, altamente não convencional. Ele disse que há um conjunto de características nítidas entre pessoas que passaram por experiências de aprendizagem não convencional, existentes há muito tempo, como é o caso de Summer Hill, na Inglaterra. São gerações que talvez nunca tenham sido obrigadas a aprender em sistemas de punição e recompensa. Essas pessoas têm maior nível de participação comunitária e política, estão mais preocupadas com seu entorno, são mais altruístas, querem contribuir mais com a sociedade, o planeta, têm capacidade crítica elevada, forte senso de autonomia, não vão se contentar com contexto de vida insatisfatório. Esse é o ponto pra mim. Está muito nítido que não devemos continuar fazendo o que está sendo feito. Não é um jogo, uma metodologia ativa que vai resolver.

EDUCATRIX **Por falar em metodologias, você desenvolveu um conjunto de recursos de aprendizagem para o trabalho que elas propõem?**

BRETAS Sim, para mim não é um problema desenvolver métodos, técnicas, abordagens, e compartilhar abertamente. Gosto

muito de compartilhar, desde a minha campanha de financiamento coletivo. Com isso, consigo produzir melhor. Se eu não mostro nada do que faço — como o escritor que leva três anos para fazer o livro —, é fácil deixar na gaveta. Mas se você está ali, em interação constante com pessoas, isso não ocorre. No início, ninguém me seguia, hoje há quem espere para ler um texto meu. Existe um termo do mundo corporativo, que é o *working out loud* (trabalhando em voz alta), que eu adaptei para *learning out loud*, ou seja, aprendendo e compartilhando. Isso é benéfico em muitos níveis.

EDUCATRIX **Por desconhecimento, as pessoas podem pensar na educação autodirigida como algo mais espontaneísta, mas é mais complexo do que isso, não é?**

BRETAS Educação autodirigida não significa ausência de método, de técnicas, assim como não significa você fazer tudo por sua conta. Essa é uma das principais dúvidas: "por que eu vou aprender uma coisa que o Alex oferece se ele está falando de aprendizagem autodirigida? Isso faço eu mesmo". Bem, o que acontece é que muitas vezes a pessoa não faz, ou faz sem a potência que deveria ter. Por que as pessoas vão a uma academia? Podemos fazer exercícios na rua, em casa, mas por que vamos a um local específico? Por que alguém contrata um *personal trainer*? Porque quer o apoio, o comprometimento, a personalização. Quer criar uma relação. O ser humano é focado em cultivar relacionamentos. O aspecto da comunidade ajuda nesse sentido, e aí há uma série de métodos, uma série de convites. Tenho também uma boa pesquisa em torno do tema convite, e precisamos resgatar muito isso em educação. O poder do convite, por uma pedagogia do convite.

EDUCATRIX **E como seria essa pedagogia do convite?**

BRETAS Eu diferencio entre convocações, convites genuínos e convites constrangedores. Imposições, obrigatoriedades, convocações, está bem claro o que são. Se não fizer, vai acontecer alguma coisa ruim. Você está sendo coagido. Vai ter uma consequência negativa ou uma recompensa. Ou seja, você não se vê com escolha. Convite genuíno é como se eu falasse: "Você quer participar de um encontro do *MoL*, você topa? Acho legal por isso e aquilo. Você me responde: "sim, ótimo" ou "não tenho vontade". Isso não gera nenhum problema em nossa relação. Agora, muito de nossa educação na escola, na universidade, nas empresas, é baseado no convite constrangedor. Nas empresas, quando há algum tipo de treinamento, aparece um e-mail com uma convocação. Pode não ir? Pode, mas vai ficar ruim... pode depois haver um *feedback* negativo no ciclo de avaliação, e vão dizer que você não está se desenvolvendo, não veste a camisa da empresa, ou seja, vão usar uma série de termos para dizer que a pessoa não está performando direito e ali vem uma ameaça implícita de ser demitido ou não conseguir promoções. Isso é um convite constrangedor. A sociedade está cheia deles, isso é uma erva-daninha na forma como nos relacionamos.

EDUCATRIX **Você disse que o *MoL* foca agora na formação de uma arquitetura da aprendizagem autodirigida. O que isso quer dizer?**

BRETAS Chamo de arquiteturas as estratégias de que qualquer pessoa pode lançar mão para criar contextos de interação, favorecendo a aprendizagem autodirigida. Fui observando os projetos inovadores com foco em autodireção, e vendo que existiam alguns padrões. Chamo a uma delas, por exemplo, de Pedidos e Ofertas. Diz respeito a qualquer dispositivo digital, analógico, físico para facilitar e mapear o que se pede ou o que se pode oferecer para uma comunidade de aprendizagem. Podemos fazer isso no recorte de duas horas, em um evento, no espaço de uma semana ou em um contexto contínuo. Usamos a lei dos dois pés: se você não sente que está aprendendo ou contribuindo, se não está bem em qualquer um desses espaços, use os dois pés para ir para outro lugar. As pessoas são livres para transitar. O paradigma é a confiança, inclusive com as crianças. Você confia radicalmente que as pessoas são capazes de decidir, por si mesmas, o que querem fazer, a que dedicar seu tempo, e que sua decisão expressa, o que ela dá conta de fazer naquele momento.

EDUCATRIX **O que fazer quando as pessoas acham que não são disciplinadas o suficiente para estudar sozinhas?**

BRETAS A autodisciplina é uma capacidade que qualquer pessoa pode desenvolver. Uma das principais crenças escolarizantes é que fomos acostumados a confundir disciplina com obediência, e isso dá um problema. No modelo escolarizado, não só o da escola, mas em todas as organizações, nós não abrimos espaço para a pessoa buscar a sua própria autodisciplina. Porque ela não tem espaço de escolha, de criação, de tentar e não ser capaz. Não damos a ela o direito de cair. Então, se ela faz algo é porque está sendo cobrada, coagida. Isso se repete por muitos anos e vamos perdendo essa musculatura. A autogestão, sua capacidade de se gerir como ser no mundo, não se desenvolve e acaba atrofiando. Só se aprende a tomar decisões, decidindo. Quando você permite, cria espaço, cria condições, não interfere ou interfere o mínimo possível, a pessoa vai tropeçar, pode perder o interesse ou retomar de onde parou, e de qualquer maneira está tudo bem... Isso leva ao desenvolvimento da autodisciplina. Só que vamos tolhendo a capacidade durante anos a fio. A escola diz: fulano, você não é disciplinado. Na verdade, quer dizer: você não é obediente. A sua autodisciplina foi roubada por uma cultura muito heterodirigida. É muito cruel, e a gente se acostuma.

PNLD2023
FUNDAMENTAL 1
MODERNA

Compromisso com quem faz a escola pública

A Moderna quer continuar fazendo a diferença no dia a dia da sua escola. Mais do que uma liderança consolidada com materiais que você já conhece e confia, vamos reafirmar nosso compromisso: **estar cada vez mais próximos, sempre!**

Um novo momento merece um novo patamar de atuação.

Faça a melhor escolha. Escolha Moderna!



Para saber mais informações do programa, acesse:

moderna.com.br/**pnld**

MODERNA

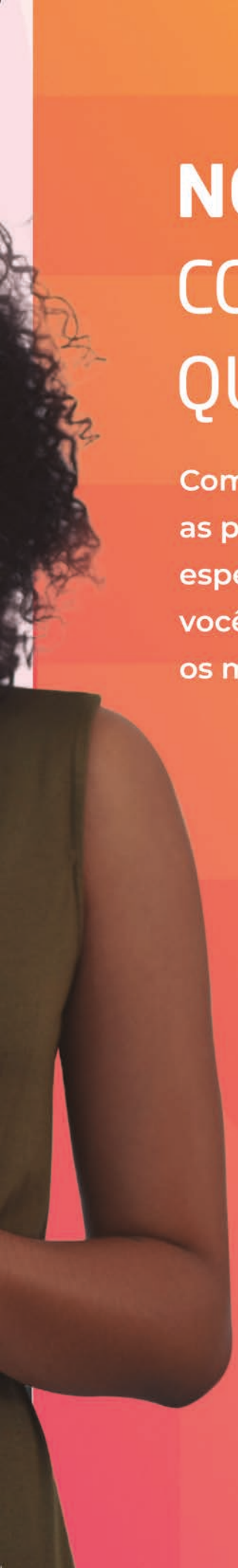

1º LUGAR
Fundamental e Médio

O BLOG

redes moderna

ESTÁ DE CARA NOVA!





NOVO VISUAL
COM A CREDIBILIDADE QUE VOCÊ CONHECE

Com conteúdos exclusivos, o blog Redes Moderna traz as principais tendências e novidades educacionais com especialistas do mercado, que vão contribuir para que você e toda a equipe da sua escola possam alcançar os melhores resultados.

CONHEÇA NOSSAS PRINCIPAIS COLUNISTAS



MARIA JOSÉ NOBREGA



DÉBORA GAROFALO



EMILLY FIDELIX



MARA MANSANI

Acesse

redes.moderna.com.br

e fique por dentro das novidades!

MODERNA

/editoramoderna /editoramoderna /edmoderna

Experiências na pandemia: propósitos e novos rumos para a ESCOLA



Instituições de ensino começam a revisitar sua proposta pedagógica e seu currículo para oferecer experiências formativas condizentes com o futuro que se desenha.

TEXTO *Lara Silbiger*

NO RETORNO AO PRESENCIAL, a oportunidade de viver experiências que haviam se perdido no ensino híbrido e outras que sequer imaginávamos antes da pandemia, começa a despertar nas escolas um novo olhar sobre si mesmas.

Os aprendizados da comunidade escolar na pandemia, os ganhos, as perdas e, principalmente, as descobertas contribuem para a autorreflexão sobre a instituição que desejam ser nos próximos anos. "Quero voltar a ser como antes? Ou tenho a chance de reformar o espaço, informatizar a escola e repensar percursos formativos? É hora de dialetizar o trauma, integrar e simbolizar", afirma Christian Dunker, professor do Instituto de Psicologia da USP e psicanalista.

Questionamentos como esses são, na prática, um convite para as escolas revisitarem os valores que compõem sua identidade, a proposta pedagógica e o currículo. "Neste terceiro ano de pandemia, vale investir mais em pesquisa e em processos evolutivos e questionar o *status quo*? Continuo no processo passivo ou já tenho um processo estruturado de aprendizagem ativa? Essa é a melhor prática que posso oferecer? Ela reflete a intencionalidade da instituição? A proposta pedagógica permanece a mesma?" — essas são perguntas sugeridas por Eny Muniz, diretora pedagógica da Santillana Educação.

Diante de tantas perguntas e de um cenário ainda pandêmico, há quem possa se sentir perdido, sem saber por onde começar. "O ponto de partida é o PPP (Projeto Político-Pedagógico), que não deve ser tratado apenas de forma administrativa, mas como um instrumento pedagógico e comunitário", recomenda Christian.

Para ele, é fundamental que alunos, pais, professores e funcionários tenham plena ciência do que está escrito no PPP, a fim de contar com ferramentas para discuti-lo e avaliar se ainda os representa. "O PPP é a palavra que deve valer como plataforma de futuro da escola, expressa por seus valores e reflexões", afirma o professor do Instituto de Psicologia da USP.

Por isso, é tão importante que gestores deem visibilidade ao documento, promovam mediação constante em torno dele e o coloquem, de fato, no centro da tomada de decisão na escola. "Novos processos de ensino, aprendizagem e avaliação, entre outros, precisam sempre ser intencionais e refletir o pensamento pedagógico da escola", diz Eny.

Não menos importante é olhar para o currículo. "Ele jamais pode ser considerado estático. Tem que ser revisado e questionado a partir do avanço acadêmico dos estudantes e das práticas que a escola adota. Deve levar em conta também o desenvolvimento socioemocional deles, além do cognitivo", explica a diretora pedagógica da Santillana Educação.

Segundo ela, é um exercício que abre novas possibilidades. "Por exemplo, pensar o conteúdo de forma mais lúdica, criar ambientes diferenciados, valorizar a experimentação e a colaboração e buscar formas mais prazerosas de aprender, criando memórias afetivas e imprimindo significado ao aprendizado."

Eny reconhece, porém, que não se trata de um movimento rápido; tudo demandará tempo e atenção por parte da comunidade escolar para identificar as experiências que a pandemia a impediu de viver e outras que foram catalisadas nesse cenário.

Para conhecer mais de perto como as escolas estão lidando com a nova realidade, confira os depoimentos de quatro gestores que já abraçaram o desafio de repensar suas propostas e práticas pedagógicas. »



ESTUDAMOS SOZINHOS, MAS APRENDEMOS JUNTOS

{ANA CRISTINA DUNKER, mantenedora e diretora-geral da Escola Carandá Vivavida, São Paulo, SP}

"Ainda que a pandemia tenha nos mantido afastados, a escola é por excelência um espaço de produção de encontros. É onde ocorre a experiência do coletivo, do compartilhamento. E como já dizia Paulo Freire: o aprendizado se dá nesses encontros.

Para materializar tais conceitos, que estão no cerne da identidade da Carandá Vivavida, idealizamos uma nova sede que fosse o retrato do nosso PPP. A conversa com os arquitetos foi feita pela própria comunidade escolar, em um movimento de pensar juntos a escola que queríamos que virasse concreto.

O prédio — construído durante a pandemia — conta com um vão central estrategicamente posicionado para funcionar como praça no andar térreo. Todos os demais ambientes da escola levam para esse pátio, que, inspirado nas ágoras da Grécia Antiga, tem o propósito de abrigar os encontros em que se decidirão os rumos da instituição. No caso, uma escola participativa.

No início de 2022, chegamos todos juntos ao novo prédio e entendemos que o que nos manteve vivos na pandemia foi esse lugar simbólico — muito bem consolidado — do que é a escola. Podemos ter estudado sozinhos, sim, mas aprendemos juntos.

É nesse contexto que temos revisitado o PPP — nosso grande lastro na pandemia — para ver se ele se reafirma e para onde caminha diante de tudo o que vivemos e dos desafios que estão a caminho. Sua atualização levará em conta o novo espaço, o uso das tecnologias no mundo contemporâneo, o protagonismo dos alunos no aprendizado para orientar a construção do currículo e, claro, a relação com o momento histórico que vivemos.

A partir daí, surgem duas grandes perguntas: O que perdemos? Como isso se transforma em currículo? Tais reflexões, seguidas de observações e intervenções, já vinham acontecendo de forma contínua. Agora, o que vamos fazer é olhar para estas últimas e colocá-las no currículo — um documento vivo e passível de alterações, acompanhando as mudanças pelas quais nós também passamos na pandemia."

EM BUSCA DO ELO PERDIDO

{SÔNIA BERNARDO PIERI, diretora da E. E. Infante Dom Henrique, São Paulo, SP}

"Na volta ao presencial, o maior desafio é reconstruir a conexão entre os alunos e a escola. Era nítida a ansiedade deles por retornar, mas agora estão em pleno processo de readaptação aos contatos relacionais — tanto entre eles mesmos como com professores, funcionários, gestores e famílias da comunidade escolar. E, claro, isso ainda precisa ser feito de máscara e respeitando o distanciamento mínimo.

Cabe destacar também a importância de os estudantes voltarem a enxergar a escola como espaço coletivo de experiências e de recobrar o senso de pertencimento a ela. Isso fica ainda mais desafiador quando se tem em conta os alunos que vêm de longe, de outros bairros, e que mesmo antes da pandemia já tinham dificuldade de se apropriar do espaço.



CHEGAMOS TODOS JUNTOS AO NOVO PRÉDIO E ENTENDEMOS QUE O QUE NOS MANTEVE VIVOS NA PANDEMIA FOI ESSE LUGAR SIMBÓLICO - MUITO BEM CONSOLIDADO - DO QUE É A ESCOLA.

Hoje, eles e os demais enfrentam o desafio de voltar para a escola mudados — atravessados pela pandemia, cada qual do seu jeito — e encontrar um ambiente de aprendizado que também está diferente. Por exemplo, mais equipado e digitalizado.

Entre encontros e desencontros — permeados por rotinas de estudo que se estabeleceram no ensino remoto e que conferiram mais autonomia ao estudante para decidir quando fazer as tarefas escolares, fica evidente a quebra de elos. Apesar de todo o esforço que fizemos para que o aluno não perdesse o contato com a escola.

Mas o que pode soar como dificuldade nem de longe nos afasta do propósito de restabelecer tudo isso. Para a volta às aulas de 2022, planejamos uma avaliação diagnóstica dos conteúdos que eles, de fato, absorveram desde o início da pandemia. As sondagens, realizadas em todas as séries e disciplinas, contou com rodas de conversa promovidas pelos professores, de forma que pudessem ter subsídios para avaliar a necessidade de ações que ajudem a sanar eventual defasagem.

O próximo passo será revisar o PPP à luz dos aprendizados que a pandemia trouxe e do que precisamos considerar para que ele reconheça a escola como espaço de conhecimento e formação. Não quer dizer que iremos nos transformar em uma nova escola, mas é provável que adotemos um novo jeito de olhar para ela.

Nesse processo, queremos contar cada vez mais com as famílias, restabelecendo também a relação com elas e conscientizando-as da importância de participar do aprendizado dos filhos. As portas estão abertas para que participem do Conselho de Escola — seja como representantes, seja como ouvintes — e das reuniões de pais e mestres. O mesmo vale para os alunos, cuja participação nos grêmios estudantis favorece a gestão participativa e a valorização da escola como espaço de experiências formativas.” »

REFLEXÕES SOBRE A NOVA MATRIZ CURRICULAR

{LEANDRO LAMANO, diretor pedagógico da Escola Castanheiras, Santana de Parnaíba, SP}

Os dois últimos anos, marcados pelo ensino remoto, nos impuseram o desafio de ser escola fora da escola. Tivemos de nos distanciar de um jeito de ser e funcionar que nos fez ver a Castanheiras sob outra perspectiva — a de quem se reinventava dentro de casa para entrar virtualmente na casa dos outros.

Por um período, tivemos de adotar outras formas de trabalhar, de fomentar experiências, de experimentar relações. Não havia uma lógica definitiva e estávamos em busca de novas possibilidades. Como norte, nos apoiamos na identidade da escola, sua história e valores.

Ainda assim, até entender o que não funcionava e o que sim, vivemos um tanto de erros e acertos, provocando uma série de reflexões, novas demandas e movimentos.

Entre eles, está a reafirmação do nosso PPP — construído entre 2017 e 2019 com envolvimento de toda a comunidade escolar — que tem como tônica a formação de um sujeito que faça a diferença no mundo. Ele permanece absolutamente atual.

Já do ponto de vista curricular, entendemos que efetivar o currículo por competências se faz mais necessário do que nunca. Para tanto, em 2021, iniciamos as discussões com os professores para redesenhar nossa matriz curricular até 2024, com vistas à personalização da aprendizagem — desde o Fundamental II, o aluno terá papel ativo na sua trajetória escolar, podendo definir caminhos curriculares de acordo com os seus interesses; à diversificação de metodologias — menos centradas no professor; e ao enfoque globalizador, com conteúdos e práticas pedagógicas que imprimam para o aluno sentido na aprendizagem.

Neste ano, a meta é revisitar o que vamos entender por competências, como as propostas pedagógicas contribuem para esse processo e para a construção do produto final, os conteúdos que precisam ser cobertos, os tempos de aula e o volume de aulas por componente.

Em linha com tudo isso, no retorno ao presencial, já estamos retomando alguns fatores que são estruturantes da nossa proposta pedagógica e que tinham sido inviabilizados no virtual. É o caso das saídas pedagógicas e dos trabalhos em campo, fundamentais para o aluno coletar dados *in loco* (entrevistas, áudios, materiais, croquis de observação etc.), apropriar-se do contexto, elaborar a compreensão do problema e propor uma solução.

Isso está diretamente ligado ao nosso objetivo de provocar a comunidade escolar a olhar para o entorno e se questionar: qual é a nossa ação para o mundo?





A PARTIR DESSES ENCONTROS, UM GRUPO DE PAIS FORMOU O COLETIVO SEMENTES — FAMÍLIAS EM REDE, CUJO OBJETIVO É CRIAR UMA REDE DE APOIO COMUNITÁRIO ÀS FAMÍLIAS DA ESCOLA.

DE PORTAS ABERTAS PARA AS FAMÍLIAS

{MARIA CLAUDIA POLETTO, diretora-geral do Colégio Rainha da Paz, São Paulo, SP}

"A pandemia pegou todas as escolas de surpresa. Não tivemos outra alternativa a não ser nos abrir para novas experiências e aprendizados — alguns, a duras penas. Nesse percurso, sempre nos perguntávamos o que levar do presencial para o remoto, de forma a nos manter coerentes com a prática pedagógica do colégio.

Agora, nos vemos fazendo o caminho inverso e perguntando o que trazer do remoto para o presencial. E uma das respostas é o diálogo que se abriu com a comunidade escolar.

No início da pandemia, os pais trouxeram críticas contundentes e pertinentes para a escola, o que nos levou a ampliar os canais de comunicação e também as possibilidades de participarem mais ativamente da nova rotina do colégio.

Um exemplo foi a comissão especial criada em 2020 — e formada por gestores, professores e pais (de tantos inscritos, tivemos de fazer um sorteio para definir os representantes) — para discutir como seria a volta ao presencial. Ao todo, foram seis encontros remotos, com facilitação, de modo que todos pudessem pensar juntos sobre o contexto e os aspectos positivos e negativos do retorno. O resultado foi uma carta de recomendação, que destacou a importância do acolhimento, do reaprender a se relacionar no coletivo e do respeito aos protocolos sanitários.

Para manter o diálogo vivo, no ano seguinte, iniciamos o Café com a Direção. Em rodas de conversa quinzenais e virtuais, os pais do Infantil ao Ensino Médio levavam diferentes temas para conversar com os gestores — por exemplo, depressão na adolescência, dúvidas sobre acompanhar ou não o filho nas aulas on-line e acerca de protocolos de saúde, programa de filantropia do colégio, entre outros. O plano para 2022 é reestruturar o Café com a Direção para ter rodas presenciais de conversa a cada trimestre.

Foi também a partir desses encontros que um grupo de pais formou o coletivo Sementes — Famílias em Rede, cujo objetivo é criar uma rede de apoio comunitário às famílias da escola. Por exemplo, no acolhimento de quem está chegando à escola pela primeira vez, na arrecadação de fundos para fins beneficentes, nas trocas de uniformes e de livros, entre outros.

Mas a participação da comunidade no dia a dia do colégio não é novidade no Rainha da Paz. Desde 2017, quando começamos a rever nosso PPP, demos um passo significativo para a gestão participativa ao promover um espaço de escuta de professores e de pais. Com a chegada da pandemia, o envolvimento dos alunos teve de ser adiado. Em 2021, só após a escuta deles no presencial o projeto foi finalmente concluído e publicado. Agora, estamos no momento de viver o PPP, buscando — em tudo o que fazemos — a coerência com o que escrevemos no papel."

PARA SABER MAIS

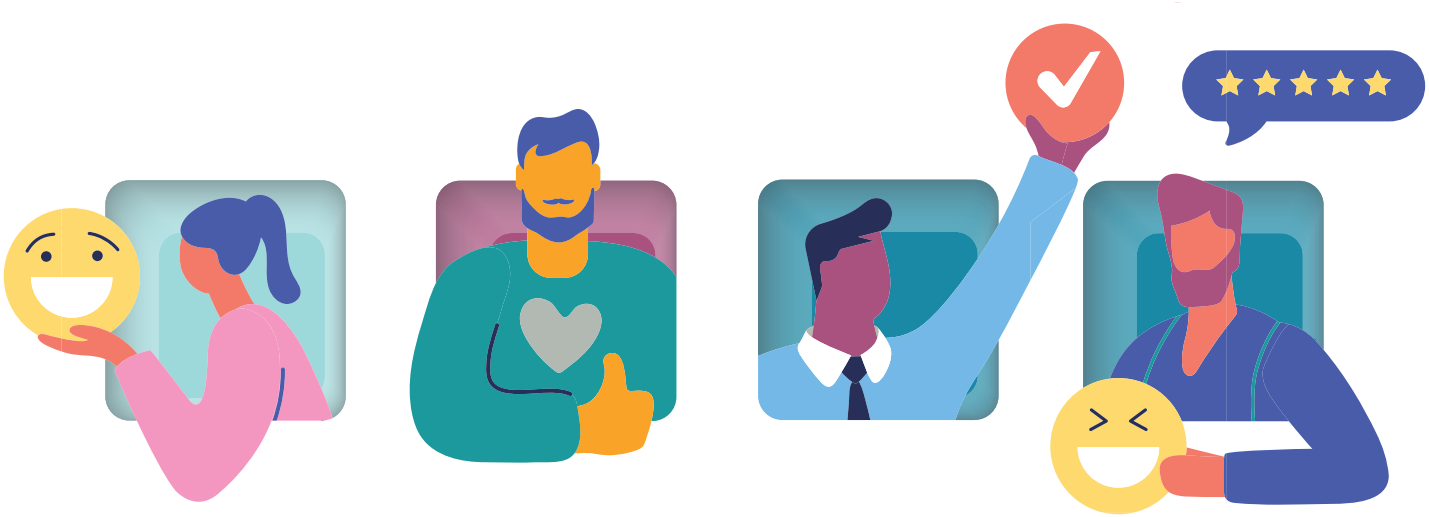
- GHANEM, E. (Coord.). *Mudança educacional, inovação e reforma*: relatório científico 2 final. v. 1. São Paulo: s.ed., 2006. 194 p.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. *Teorias de currículo*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MOREIRA, A. F. B. (Org.). *Currículo:* questões atuais. São Paulo: Papirus Editora, 2014.

Avaliação diagnóstica na retomada pós-pandemia em turmas muito heterogêneas

Como criar estratégias para garantir a aprendizagem em contextos, realidades e etapas escolares distintas.

TEXTO *Luís Carlos de Menezes*





O LONGO TÍTULO deste texto por si só demanda que se esclareça cada um de seus conceitos, como o sentido de uma avaliação diagnóstica, o caráter da retomada diante do que terá sido a pandemia para diferentes estudantes e como isso se reflete na heterogeneidade extrema de uma turma. A relevância dessa discussão tem a ver com questões bastante diferentes: uma imediata, que é o impacto escolar de uma crise de alcance mundial que envolve todas as escolas e sistemas; outra menos imediata, que é a nem sempre clara compreensão de avaliação como diagnóstico ou do que seria uma heterogeneidade extrema, já que qualquer turma é naturalmente heterogênea.

Comecemos com o sentido de avaliação diagnóstica, em qualquer circunstância a mais importante modalidade de avaliação escolar, usualmente chamada de avaliação formativa, que verifica o que foi realizado e o que falta realizar, apontando o que fazer para dar continuidade às ações, suprir lacunas ou corrigir rumos. Fazer um diagnóstico demanda estabelecer prognósticos e planejar ações. Portanto, é um primeiro movimento que orienta os demais, ou seja, não faz sentido deixar o diagnóstico desacompanhado de propostas de intervenção que ele possa suscitar.

Em seguida, é preciso entender de qual heterogeneidade se fala e de que forma ela condiciona a retomada. Toda turma de estudantes tem uma variedade de personalidades, de ritmos de aprendizagem, de contextos familiares e, especialmente em escolas públicas, de diferentes condições sociais e econômicas. Mas quando se discute a retomada das práticas escolares presenciais depois de dois anos de relacionamento majoritariamente remoto, a questão é verificar de que forma esses distintos contextos e condições poderão ter exacerbado a heterogeneidade preexistente.

Certamente, os níveis de aprendizado dependem de como foi a participação efetiva de cada estudante nas atividades remotas durante a pandemia, mas as razões para essa participação ser maior ou menor são mais variadas do que se costuma apontar. Em função do poder aquisitivo das famílias, dispor ou não de um computador ou de um bom celular pessoal pode ter sido determinante. Alguns acompanharam as aulas com um único celular familiar, enquanto outros, por características pessoais, dispondo de celular próprio e de computador, não se adaptaram ao ensino remoto e chegaram a desistir. Ou seja, a heterogeneidade não deveria ser pensada como mero sinônimo de diversidade socioeconômica, ainda que também a expresse.

A situação de pandemia, que em alguma medida prosseguirá por mais tempo, atingiu e continuará atingindo a todos, mas de forma distinta. Crianças ou jovens com núcleo familiar e social envolvente, ou com irmãos em idade escolar, terão vivido esse período de forma não comparável com outros que não contam com cuidado ou acompanhamento afetivo em boa parte do dia, sendo deixados sós, com vizinhos ou, dependendo da condição social, com auxiliares domésticos. Para muitos destes, a escola pode ser bem mais do que lugar de aprender, mas igualmente sua referência de amizades, de atenção pessoal e, até mesmo, de alimentação. »

» Compreender essas diferenças deve ser um dos aspectos iniciais centrais da retomada das aulas e, por isso, precisa significar um amplo e delicado diálogo coletivo em torno não somente do que foi a pandemia em sua cidade, em seu país e no mundo, mas do que ela significou para cada pessoa. Uma professora ou um professor que relate com franqueza os desafios que enfrentou para proteger a si mesmo e a seus filhos, ou sua dificuldade para aprender a conduzir seu trabalho de forma remota, pode iniciar essa conversa, dando margem a outros depoimentos dos bem ou malsucedidos. Especialmente importante nessa interlocução é acatar com naturalidade e compreensão aqueles que realmente se perderam no processo. Esse acolhimento dos desgarrados é talvez a parte mais importante da retomada.

Por isso tudo, compreenda-se que a retomada envolve diagnóstico de aprendizagem, mas em muito transcende isso. Claro que interessa saber quantos e quais terão acompanhado com sucesso quais temas e objetivos formativos, quantos e quais terão lacunas relativas a que aspectos, antes de se poder conceber que métodos serão empregados para suprir carências e conceber continuidades, mas fundamental será garantir que a turma continuará sendo a turma, que todos se sintam recebidos e reconhecidos, com sua condição real aceita para ser tratada.

Cabe aqui uma metáfora para enfatizar esse aspecto essencial da retomada: houve um gravíssimo acidente pelo qual ninguém foi pessoalmente responsável, mas que atingiu a todos, alguns mais gravemente do que outros; esse acidente é a pandemia. A retomada do percurso começa por dar mais atenção aos atingidos, que jamais poderiam ser abandonados, pois são os que demandam cuidados. Assim, retomando o título deste texto, a "avaliação diagnóstica na retomada pós-pandemia em turmas muito heterogêneas" de nenhuma forma deve ou pode segregar quem ficou para trás, e sim planejar formas eficazes de acolher e fortalecer quem mais precisa, possivelmente com a contribuição dos demais. Essa metáfora pode ser mesmo explicitada em sala de aula, com a linguagem adequada para cada etapa escolar.

A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NA RETOMADA

Pode-se agora partir para a discussão sobre como fazer a avaliação diagnóstica na retomada, para em seguida complementá-la depois com o que fazer a partir do diagnóstico conhecido. Pois bem, comecemos por dizer que não há resposta única, já que tudo depende, por exemplo, da etapa escolar, da qualidade dos conselhos de classe, de expectativa na participação das famílias em reuniões convocadas em torno dessa problemática e, até mesmo, do efetivo envolvimento do corpo docente com o projeto pedagógico da escola.

Quando se trata da Educação Infantil, vale dizer que os aspectos emocionais, sociais e afetivos são determinantes, pois a heterogeneidade pode estar especialmente na diferença de atitudes entre crianças quanto a voltar a estar longe dos familiares, depois de ter permanecido ao lado deles durante tanto tempo. Por isso, o envolvimento destes será essencial para elaborar as formas de retornar à escola. Uma alternativa plausível, por exemplo, seria a escola convidar o responsável a entrar com a criança e ficar um tempinho com ela, em lugar de entregá-la na porta. De toda forma, o envolvimento da família é essencial para equacionar problemas dessa fase.

No início do Ensino Fundamental talvez o mais urgente seja identificar, com o cuidado de não estigmatizar, quem apresente defasagem maior relativa ao letramento, já se sabendo que estudos estatísticos apontam aumento expressivo de estudantes com esse problema ao longo da pandemia. Em nenhuma hipótese, esses estudantes devem ser separados dos demais. Exercícios de canto, desenho, relatos pessoais e outras formas de expressão oral e gestual podem ser de grande ajuda para atividades que envolvam todos os estudantes, e as atividades de retomada na alfabetização devem considerar todos os grupos, mesmo os já alfabetizados. Em outras palavras, sempre reconhecer e trabalhar as especificidades e nunca separar com base nesse critério.

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a heterogeneidade precisa ser tratada com abordagem orientada centralmente pela gestão escolar, por envolver uma variedade de componentes curriculares conduzidos por diferentes professoras e professores. Aliás, a atenção às aprendizagens específicas não se dará em detrimento da dimensão socioemocional, uma vez que aqueles com maior dificuldade na educação remota precisam se perceber acolhidos com ênfase. Mesmo em situações limítrofes, quando longo e explícito abandono no decorrer da pandemia possa recomendar reclassificação em termos de série, isso precisa ser tratado com os estudantes e suas famílias. Além de lidar com naturalidade e nenhuma perspectiva punitiva, cabe acenar com a possibilidade de volta à turma original em função de progressos revelados, o que pode ser reforçado por atividades de recuperação.

Essas atividades eletivas poderão envolver estu-





dantes que tenham sido mantidos em suas turmas de origem, a despeito de eventuais defasagens em determinados componentes curriculares, recomendando-se ao corpo docente que delimite claramente aspectos essenciais de seus componentes que demandem reforço específico e de outros, menos centrais, que possam ser temporariamente adiados e retomados em oportunidades posteriores. Em outras palavras, a retomada das atividades não pode ser pensada como simples continuidade, e sim como um período de transição para o que venha a significar uma nova normalidade.

Por falar em nova normalidade, o emprego de recursos digitais, tão relevantes ao longo do período de aprendizagem remota, certamente virá a ter função no ensino presencial bem mais do que acontecia antes da pandemia. Dependendo das condições da escola e do seu contexto socioeconômico, pode ser mais ou menos praticável a combinação das modalidades presenciais e remotas, o chamado ensino híbrido. Relativamente a esse aspecto, cabe uma observação de outra natureza, que merece especial destaque. Aprender a utilizar meios digitais de informação e comunicação, como a busca de informação em sites especializados, a troca de mensagens ou a redação e o envio de relatórios, cartas afetivas e textos autorais, deve ser mais do que um recurso da educação básica; é igualmente objetivo formativo dessa etapa escolar.

Voltando à temática central da avaliação diagnóstica para a retomada, há instâncias escolares que terão papel determinante para as etapas finais de Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, como os conselhos de classe, em que os estudantes são percebidos em suas características individuais que transcendem seu desempenho em cada componente, e em que os diferentes componentes curriculares têm sua condução comparada com a dos demais. Por isso, o diagnóstico ali possibilitado tem duas vias, ao permitir avaliar tanto estudantes como educadores. Pressupõe-se que os responsáveis pela condução de cada componente tragam fichas dos estudantes, com foto e observações de desempenho e atitudes. A orientação da gestão escolar a esses conselhos seria de maior ênfase à verificação de competências e habilidades dos estudantes, a partir das quais eles retomarão a continuidade de sua aprendizagem, orientação que também se aplica às avaliações nos componentes.

A etapa do Ensino Médio tem mais de uma razão para merecer considerações apartadas. É a que mais sofreu evasão e a que já era a mais problemática em termos de componentes com os quais os estudantes não se identificam (também por isso não completada por muitos), além de ser a etapa mais impactada pela reforma educacional já encaminhada na maior parte dos estados. Esse último aspecto, ainda que problemático, por exemplo, pela falta de professores de áreas de conhecimento, pode ser pensado como parte da solução dos problemas. O fato de boa parte do Novo Ensino Médio ser orientada por itinerários formativos, de discussões de projetos de vida e de componentes eletivos a serem escolhidos, é algo que facilitará a recepção e o acolhimento para essa nova fase de estudantes com distintos envolvimentos na fase remota. Além disso, vale para essa etapa o que se disse para as demais.

Como conclusão, é natural que se aponte de que forma a instituição escolar deverá considerar os resultados dessa avaliação diagnóstica para conduzir a retomada sistemática da educação presencial, ou eventualmente combinada com alguma atividade remota, no período de pós-pandemia ou de transição para isso, não somente mas também em função da heterogeneidade das turmas. Admitido o encaminhamento mesmo que parcial das sugestões alinhavadas nos parágrafos anteriores, é preciso pensar como a escola, considerada um todo sistêmico, encaminhará as decorrências de sua avaliação diagnóstica para toda a comunidade escolar.

A instância institucional para analisar quanto o Projeto Político Pedagógico escolar foi ou não cumprido ao longo da pandemia é o conselho de escola, apreciando-se os diagnósticos das turmas das etapas iniciais e dos conselhos de classe das demais etapas, sem precisar se limitar aos impactos da pandemia em turmas heterogêneas, podendo atender a reformas educacionais em curso ou a recomendações do sistema escolar. No entanto, em resposta ao diagnóstico, seriam desejáveis ações empreendidas autonomamente pela escola, como orientações gerais para lidar com a heterogeneidade das turmas na retomada do ensino presencial, ou como uma proposta de rediscussão do Projeto Político Pedagógico em função das novas circunstâncias e do que se aprendeu com a pandemia.

LUÍS CARLOS DE MENEZES
é físico e educador na Universidade de São Paulo, coordenador acadêmico de Cátedra de Educação Básica junto ao Instituto de Estudos Avançados dessa Universidade.

APROVA BRASIL

MAIS QUE UM MATERIAL. UM PROJETO QUE REVOLUCIONA O IDEB DA SUA REDE DE ENSINO.



Uma história com mais de 10 anos de sucesso!

Com uma metodologia única e eficaz que se apoia em recursos impressos e digitais, nosso projeto envolve alunos, professores, equipes gestoras da Escola e da Secretaria de Educação em ações integradas que desenvolvem as competências leitora e matemática.

Conteúdos alinhados à BNCC e ao novo SAEB

Pode ser usado em conjunto com o material didático adotado no PNLD

Agora também com recursos digitais!

- LIVROS DIGITAIS PARA ALUNOS E PROFESSORES
- VIDEOAULAS PARA ALUNOS E PROFESSORES
- SIMULADOS COM CORREÇÃO AUTOMÁTICA
- GAMES EDUCATIVOS
- AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DO ALUNO
- ATIVIDADES DIGITAIS COMPLEMENTARES

Ideb
FUNDAMENTAL
ANOS INICIAIS

2%
CRESCIMENTO MÉDIO DAS REDES QUE NÃO USARAM O APROVA BRASIL
EM RELAÇÃO AO IDEB DE 2017

50%
CRESCIMENTO DE UM PARCEIRO APROVA BRASIL
EM RELAÇÃO AO IDEB DE 2017

Ideb
FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS

5%
CRESCIMENTO MÉDIO DAS REDES QUE NÃO USARAM O APROVA BRASIL
EM RELAÇÃO AO IDEB DE 2017

67%
CRESCIMENTO DE UM PARCEIRO APROVA BRASIL
EM RELAÇÃO AO IDEB DE 2017

SOLUÇÕES MODERNA

Saiba mais sobre o projeto

Ou acesse: www.solucoesmoderna.com.br

Apresentação disponível em ***Formações Educatrix***:
WWW.MODERNA.COM.BR/EDUCATRIX

É possível aprender a pensar em que mundo queremos viver

Como ensinar alguém a imaginar futuros possíveis? Por que isso é importante? Quais são as estratégias? Imaginar futuros não é realizar o trabalho de um vidente, mas sim usar a imaginação coletiva para tomar decisões e realizar atos que ajudam a criar o mundo em que desejamos viver.

TEXTO *Betina von Staa*



DIANTE de um mundo com desafios cada vez mais complexos, criados pelos seres humanos ou não, e que precisam ser resolvidos, qual é o nosso foco como sociedade? Educar os jovens para serem bem-sucedidos no planeta como o conhecemos? Preparar os jovens para enfrentar qualquer situação, até as mais imprevisíveis, do ponto de vista individual? Ou será que deveríamos ajudá-los a compreender desafios complexos e instrumentalizá-los para que encontrem soluções coletivas para a construção de um mundo melhor, seja lá o que tenha de ser consertado, aprimorado ou criado? »





» A educação de hoje prepara para um futuro incerto, que inclui o fato de que os desafios a serem enfrentados individual e coletivamente serão desconhecidos. Podemos trabalhar com a certeza de que as soluções tecnológicas e sociais para resolver as situações que nos forem colocadas também serão cada vez mais complexas, e que será cada vez mais necessário trabalhar de maneira colaborativa e multidisciplinar. Sem dúvida, todos — absolutamente todos — terão de continuar aprendendo sempre.

O QUE É PREPARAR PARA O FUTURO?

Preparar para o futuro não é conhecer a última tecnologia, pois ela ficará obsoleta mais rápido do que o tempo que leva para um aluno se formar no Ensino Fundamental, Médio ou Superior; não é conhecer a solução para a dengue ou para a covid-19, pois, quando os jovens estiverem prontos para lidar com os desafios que a saúde nos impõe hoje, já deverão lidar com outras questões nessa área; não é se preparar para as profissões que garantiram subsistência aos seus pais e avós, porque o mundo muda rapidamente e é bem provável que essas profissões não serão mais executadas como antigamente.

Tampouco é prever os fatos que vão acontecer, como um vidente. Não conseguimos saber onde vai ocorrer a próxima enchente; qual doença surgirá; onde estará o nosso próximo emprego; ou quando (e se) vamos nos casar algum dia. Preparar para o futuro não se resume a tentar acertar o melhor investimento na bolsa de valores.

Mesmo que não seja possível prever situações muito específicas, conseguimos observar que os avanços tecnológicos estão mais rápidos, que o planeta está aquecendo, que novas doenças estão surgindo, que as desigualdades estão aumentando e que as populações estão envelhecendo. Em contrapartida, a humanidade impressiona com a sua capacidade de encontrar soluções para problemas complexos.



IMAGINANDO FUTUROS A PARTIR DE **HISTÓRIAS**

Você pode apresentar uma ou mais histórias com temática futurista para seus alunos. Use histórias tradicionais e de ficção científica como ponto de partida. Essa atividade ajuda a promover uma visão mais ampla de futuro da humanidade. Depois, em grupos, coordene uma discussão sobre como os alunos se relacionaram com a história, como se sentiram, por que ela é verossímil ou não. É importante que eles escutem uns aos outros e depois criem sua própria visão de futuro.



Precisamos desenvolver a capacidade de lidar com a mudança e com o diferente para encarar os desafios que ainda não conhecemos. Isso exige de nós flexibilidade, inteligência emocional e abertura ao novo. Também envolve a capacidade de imaginar futuros bastante desagradáveis e não suprimir esses pensamentos ruins, mas desenvolver estratégias para combatê-los e enfrentá-los a fim de contribuir para a construção de um mundo melhor.

A boa notícia é que essas habilidades podem ser ensinadas e aprendidas, e já existem metodologias com esse objetivo.

O QUE É A ALFABETIZAÇÃO PARA O FUTURO?

A Unesco cunhou o termo *Future's Literacy*, traduzido do inglês como alfabetização para o futuro, ou melhor, "para os futuros possíveis". Entende-se que prever futuros possíveis é uma habilidade a ser aprendida. Trata-se da capacidade de imaginar o futuro e entender por que esse exercício é importante.

Prever futuros envolve entender a origem de nossas esperanças e dos nossos medos e ampliar nossa capacidade de imaginar diferentes possibilidades de futuros, levando em conta a diversidade que habita o planeta. Consequentemente, está relacionado a compreender o impacto das escolhas que fazemos para pessoas e grupos distintos, não só para nós mesmos e para aqueles com quem nos relacionamos diretamente. Ao colocar em prática essa habilidade imaginativa, desenvolvemos a capacidade de planejamento e de improvisação e de aceitar melhor o que não nos é familiar. Para Duncan Cass-Beggs, conselheiro da Organização de Previsão Estratégica da OCDE, promover o letramento para o futuro é essencial para viabilizar a elaboração de políticas públicas responsáveis. "Você precisa explorar diferentes futuros possíveis para ter os ingredientes para desenvolver políticas responsáveis", afirma. »





IMAGINANDO O FUTURO NA **SUA ÁREA** DE CONHECIMENTO

Para o trabalho dentro das áreas de conhecimento, vale separar um tema atual, como a relação com o dinheiro, o meio ambiente, o consumo de energia, os valores democráticos ou a saúde pública, e pedir aos alunos que imaginem como será a situação desse tema no mundo, no país ou na cidade em que moram. Peça a eles que, em grupos, registrem suas ideias e as compartilhem, e depois as classifiquem a partir das seguintes categorias:
❶ futuros que me dão medo;
❷ futuros que me trazem esperança.
Por fim, solicite uma produção de texto individual com o tema: Qual é o futuro que desejo ajudar a construir?



IMAGINANDO O FUTURO COM BASE EM **AÇÕES TEATRAIS**

Em uma atividade voltada ao desenvolvimento de Projetos de Vida, sugira que os alunos encenem, voluntariamente, um profissional do futuro. Os demais alunos devem interagir de forma improvisada na encenação. Por exemplo, se um aluno assume o papel de um médico do futuro, outros podem assumir o papel de pacientes. Após experimentar várias profissões, organize um debate em grupo com perguntas como:
▸ Que tipo de profissional eu desejo ser no futuro?
▸ O que pretendo realizar?
▸ Como pretendo me relacionar com os outros?
▸ O que não desejo para mim – nem para os outros?

Por que é tão importante desenvolver habilidades entre os alunos de hoje?

IMAGINAR O FUTURO diferente do mundo que conhecemos pode ser muito desagradável. Não que o mundo atual seja perfeito, mas a nossa mente tende a evitar o desconforto de enfrentar o desconhecido. Sendo assim, a escola tem o papel de educar nossas mentes para imaginar futuros – tanto os que desejamos com muita esperança, como os que nos dão pânico – e, de fato, entender as consequências dos nossos atos sobre o futuro que nós, nossos filhos e, talvez, nossos netos teremos de enfrentar.

O hábito de imaginar futuros dá significado ao empreendedorismo, ao consumo consciente, à sustentabilidade e às ações de preservação ambiental. Essas habilidades nos capacitam para enfrentar o novo e criar soluções complexas que ainda não foram experimentadas. Vale reforçar a liderança, a comunicação e a colaboração, visto que não será possível enfrentar qualquer desafio futuro de forma individual. As pessoas mais visionárias, aquelas que conseguem imaginar futuros e fazer algo para promover o mundo em que queremos viver ou evitar as tragédias pelas quais não pretendemos passar, precisam desenvolver a capacidade de liderar e de convencer pessoas a atuar de forma colaborativa.

COMO A ESCOLA PODE ENVOLVER A FAMÍLIA?

O envolvimento da família na alfabetização para o futuro pode acontecer naturalmente com sugestões de conversas entre os alunos e suas famílias, com o compartilhamento dos trabalhos e reflexões em sala de aula e até mesmo com atividades realizadas na escola em que as famílias sejam convidadas a imaginar futuros e a refletir sobre o mundo em que querem viver e ver seus filhos vivendo, e como construí-los.

Envolver as famílias em atividades e não só por meio de informativos deixará mais clara a importância de os jovens dedicarem tempo a temas subjetivos, que podem parecer pouco práticos ou focados nas necessidades imediatas de obter notas e passar no vestibular. Ao participar de atividades práticas, mesmo em casa com seus filhos, os responsáveis vão sentir que o papel da escola vai muito além das disciplinas. Formar para saber lidar com o que vem pela frente é essencial para a formação individual do jovem e para a nossa sociedade como um todo.

COMO INCLUIR ALFABETIZAÇÃO PARA O FUTURO NA ROTINA ESCOLAR?

A alfabetização para o futuro pode ser estimulada pelos materiais didáticos e nos planejamentos de aulas em qualquer área do conhecimento. Em todos os conteúdos utilizados, é interessante incluir perguntas pessoais, como "O que VOCÊ faria se...?" ou "Por que VOCÊ acha que esse assunto é importante?"; ou sugerir o diálogo entre alunos em grupos diferentes: "Conte para seus colegas como você se sente em relação às mudanças climáticas, à polarização, ao uso frequente do celular..."; ou, ainda, estimular a imaginação: "Imagine/desenhe/redija um poema que retrate como você acha que serão as casas, o comércio, o relacionamento, a alimentação das pessoas no futuro".

Ouvir as reações das turmas a esses questionamentos traz ricos elementos norteadores sobre os seus sentimentos, as suas experiências e suas expectativas para o futuro. Imediatamente, os alunos começam a pensar, a entender que suas rotinas podem ser diferentes, que têm responsabilidade sobre seus atos, que são diferentes dos colegas (e que isso é bom). Esse *feedback* dos alunos é impagável, e é a prova de que esse tipo de abordagem faz toda a diferença no modo como vão lidar com suas próprias vidas e com o mundo que os cerca.

Imaginar futuros é uma atividade extremamente importante em qualquer processo educativo, pois gera motivação para seguir estudando e tentando construir um mundo melhor. Deixar a imaginação fluir e refletir sobre nossos atos gera autonomia, criatividade e resiliência. É ao imaginar como nossos atos têm consequências sobre futuros possíveis para diferentes indivíduos e grupos sociais que entendemos, concretamente, que todos nós estamos criando o mundo em que vivemos e viveremos a cada decisão que tomamos e a cada ação que realizamos.



» POR QUE IMAGINAR FUTUROS É TÃO IMPORTANTE?

As escolhas que fazemos hoje têm impacto sobre o mundo em que viveremos amanhã. Segundo o filósofo australiano Roman Krznaric, reconhecido mundialmente como referência em empatia, não podemos tratar o futuro "como um território distante sem pessoas, onde podemos despejar a degradação ecológica, o risco tecnológico, o lixo nuclear e a dívida pública livremente. O futuro não pode ser um espaço para largar tudo o que não nos interessa resolver hoje".

Pupul Bishit, autora indiana e fundadora da iniciativa Descolonizando o Futuro, defende a importância de lembrar que temos a tendência de imaginar o futuro reproduzindo nossa própria visão de mundo e nossos valores. Essa preferência por nos mantermos em contextos conhecidos (mesmo que imaginários) gera uma visão limitada do futuro que marginaliza as pessoas, as visões de mundo, as ideias e os valores que não cabem em nossos próprios modelos de pensamento. Não podemos deixar a tarefa de imaginar futuros para poucos, ou para os líderes de sempre, ou para pessoas das mesmas classes sociais, gêneros, etnias ou dos mesmos grupos de amigos. É fundamental ampliar a representatividade das pessoas que participam dessa construção para que ela seja rica e diversa como a humanidade. Precisamos dar a todos a oportunidade de responder à pergunta: quais são os futuros que você deseja? Se é para envolver todos nessa prática, temos de desenvolver esse hábito desde o início da escolarização.

COMO FORMAR PROFESSORES E EDUCADORES PARA ENSINAR SOBRE UM FUTURO QUE AINDA NÃO CHEGOU?

A alfabetização para o futuro não envolve a previsão do futuro, mas o desenvolvimento da capacidade de todos imaginarem possíveis futuros. De forma alguma espera-se que um educador diga aos alunos como será o futuro. Seu papel é questionar como imaginam o futuro, incentivando que compartilhem seus medos e suas esperanças, e que explicitem em qual futuro eles desejam viver. É com base na troca de ideias entre diferentes indivíduos e grupos sociais que se pode pensar em como criar um mundo no qual queremos viver.

Isso pode ocorrer por meio de perguntas e debates coletivos, mas fica mais interessante ao estimular a imaginação com fotos, poemas, filmes, ou ao solicitar que os próprios alunos registrem suas ideias em diferentes formatos. Podem ser criadas situações de imaginação coletiva sobre qualquer assunto que esteja sendo trabalhado na escola. Se isso for feito regularmente, com diferentes professores, certamente os alunos desenvolverão o hábito de dar margem à sua imaginação e pensar soluções para problemas novos, imprevisíveis, complexos e que afetam diferentes pessoas de diversas maneiras.

BETINA VON STAA
é doutora em Linguística Aplicada, fundadora da Betina von Staa Consultoria. Gestora de relações B2B para a RoboGarden. Localizadora do programa de formação de professores Star Lessons, da Finlândia. Coordenadora do relatório CensoEAD.BR, da ABED. Participou da criação das coleções didáticas* Tecnológica Mente *(Arco);* TransFor.Me *(MacMillan) e* English And More *(Richmond), aprovadas no PNLD.

PARA SABER MAIS

- LARSEN, N. What Is 'Futures Literacy' and Why Is It Important? Disponível em: **mod.lk/tend22_1**. Acesso em: 20 fev. 2022.
- DIB, C.; PARENTE, R. *Como educar famílias para futuros desafiadores*. Recife: Pipa Comunicação, 2021.
- UNESCO. *Global Futures Literacy Design Forum*: catalogue of learning-by-doing labs. Paris: Unesco, 2019.
- UNESCO. Futures Literacy. Disponível em: **mod.lk/tend22_3**. Acesso em: 20 fev. 2022.
- WEIGEL, J. Alfabetização para o futuro. Disponível em: **mod.lk/tend22_4**. Acesso em: 20 fev. 2022.

Apresentação disponível em **Formações Educatrix**:
WWW.MODERNA.COM.BR/EDUCATRIX

ESCOLA: ESPAÇO DE EXPERIÊNCIAS E



ELABORAÇÃO DE PERDAS NA PANDEMIA

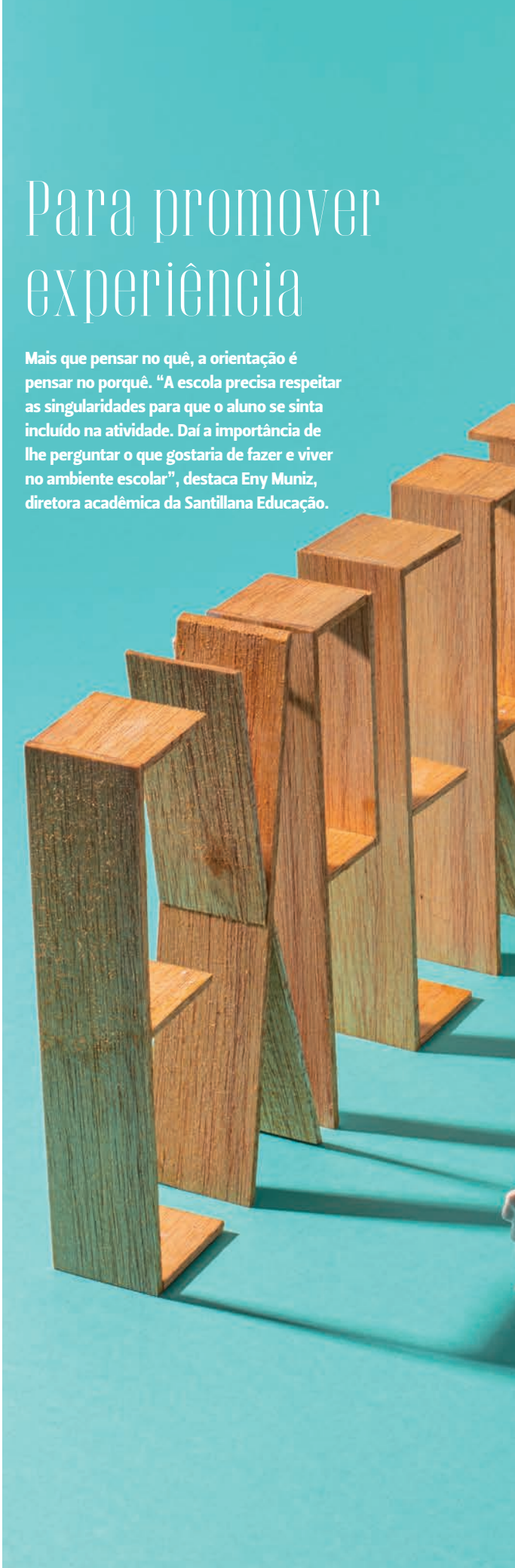


No retorno ao presencial, gestores, professores e famílias repensam o papel da escola para além das vivências e buscam novas formas de torná-las significativas para a formação dos estudantes.

TEXTO *Lara Silbiger* ILUSTRAÇÃO *Ricardo Davino*

Para promover experiência

Mais que pensar no quê, a orientação é pensar no porquê. "A escola precisa respeitar as singularidades para que o aluno se sinta incluído na atividade. Daí a importância de lhe perguntar o que gostaria de fazer e viver no ambiente escolar", destaca Eny Muniz, diretora acadêmica da Santillana Educação.



A VOLTA às aulas presenciais vem, aos poucos, trazendo contornos de normalidade à escola neste terceiro ano de pandemia. Pais formam fila para deixar os filhos na porta do colégio, crianças circulam pelos diferentes ambientes e professores interagem entre si e com os alunos, sem as telas para mediar o ensino e a aprendizagem. Quem está de fora pode até pensar que tudo voltou ao normal. Um olhar mais atento, porém, revela as perdas inerentes ao período em que a comunidade escolar se viu privada do convívio presencial, o que impõe o desafio de proporcionar experiências que deem conta dos traumas, da reintegração e da socialização.

O primeiro passo é entender o conceito de experiência. "De vasta tradição na Filosofia, em especial, no Idealismo Alemão, a experiência remete à viagem, à andança para fora de si", afirma Christian Dunker, psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da USP. Mas a jornada não para por aí. "Implica também o retorno. É a história que a gente conta daquilo que aconteceu. É como voltar para casa, depois de um passeio, rever as fotos e narrar os acontecimentos. Às vezes, o que parecia tão intenso acaba ficando empobrecido, e o trivial, ganhando intensidade no relato", diz ele.

Por isso, a experiência não deve ser entendida apenas como um conjunto de acontecimentos. Ela é também repleta de contradições e contratempos. Por exemplo, a prova em que o estudante foi mal, a pessoa que ele admirou e que não correspondeu ao seu sentimento e outras tantas frustrações e superações. "É desse emaranhado que se extrai outro conceito, o de formação, que só existe se houver a experiência de conflitos", explica Christian.

Não por acaso, a escola deve ser — por excelência — uma promotora e aceleradora de momentos formativos. "É papel dela ser um ambiente protegido, um palco de encontros e compartilhamentos de experiências, permeados por diferenças, diversidade, negociação e pelo reacender do desejo de viver junto. É nesse espaço que se dá o aprendizado", afirma Ana Cristina Dunker, diretora-geral e mantenedora da Escola Carandá Vivavida, situada em São Paulo (SP).

> "É desse emaranhado que se extrai outro conceito, o de **formação**, que só existe se houver a experiência de conflitos."
>
> **CHRISTIAN DUNKER**

A realidade, entretanto, está longe do ideal. "Ainda se pensa na escola como colecionadora de práticas e aprendizagens e repetidora de valores, relações de poder e visões de mundo", lamenta Christian. Como resultado, colhem-se apatia, tédio, dificuldade de envolvimento com a aprendizagem, angústia, solidão e fragmentação da experiência, com alunos achando que nunca usarão determinado saber ao longo da vida.



Confira, a seguir, algumas dicas de experiências para aplicar no retorno presencial:

- **ESCUTA ATIVA** Aliada no processo de retomada, envolve práticas de retórica e conversação, além de um espaço dedicado, seguro e reservado para isso.
- **APRENDIZADO PARA A CIDADANIA** Fundamental para que a comunidade escolar reconheça as dificuldades da vida em sociedade. A pandemia evidenciou a importância de cuidar do meio ambiente e reafirmar o lugar da ciência, a fim de garantir a nossa existência. "Precisamos fazer novos acordos e repensar a convivência em grupo na escola, na cidade, no país e no planeta", afirma Ana Cristina Dunker, diretora-geral e mantenedora da Escola Carandá Vivavida.
- **METODOLOGIAS ATIVAS** Ensino por pares, rotação por estações, saídas a campo, entre outras que permitam ao aluno experimentar novas sensações e atividades, bem como ocupar seu lugar de fala. Além disso, a retomada das atividades em grupo, com a escola proporcionando mais oportunidades para os alunos passarem tempo no ambiente escolar, fazer o trabalho juntos e se reapropiarem do espaço.
- **CULTURA *MAKER*** (MÃO NA MASSA) Ativa, na prática, verbos ligados às habilidades do pensamento — imaginar, conectar, errar e construir/criar —, em busca de novas soluções durante a experiência. "Isso não significa que precisamos ignorar os processos de aprendizagem passiva, como leitura e aula expositiva. O desafio é remodelar as aulas para se chegar ao momento de criação — seja de objetivo, seja de uma linha de pensamento ou objetos", explica Eny.

Segundo Christian Dunker, professor do Instituto de Psicologia da USP, evitar que a escola reduza seus processos a ensino e aprendizagem passa necessariamente por fugir da imagem de banco distribuidor de saberes e assumir-se como escola aprendente. "Para isso, vale aumentar a proximidade da instituição com centros de pesquisa e universidades e garantir tempo hábil para que os professores desenvolvam sua pesquisa e a própria experiência com o saber", diz ele.

Participação das famílias na experiência

RESGATAR a escola como espaço de experiência demanda também um novo olhar em relação às famílias e seu anseio por participar da educação dos filhos. É preciso questionar como anda a relação com os pais ou responsáveis, sobretudo nos quesitos vínculo de confiança e interação com as práticas escolares. Afinal, são atores de suma importância para o conjunto de experiências da criança.

Como sugestão prática, Christian Dunker indica a implantação de escolas para pais, a fim de inseri-los na comunidade escolar e na educação formal dos filhos. "Vale, por exemplo, montar grupos de estudo, discutir os conceitos de comunidade e de processo ético na tomada de decisões na escola, oferecer palestras e articular a criação e a manutenção de uma associação de pais e mestres."

Outro aspecto que o professor do Instituto de Psicologia da USP destaca é a urgência de dar visibilidade ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, em uma mediação constante com as famílias. É essencial colocar na equação que estamos diante de um momento de luto, mas também de uma oportunidade de rediscutir a escola, elaborar o trauma e buscar, em comunidade, caminhos para fazer isso.

"Depois de mais de dois anos de pandemia, o que espero da escola do meu filho — hoje com seis anos — é uma experiência de socialização. Com as outras crianças, com os professores, com os funcionários e — por que não — também com outros pais", diz William Katayama, pai do João, que estuda na escola Alecrim Dourado em São Paulo (SP). O responsável conta que, no seu entorno, já começam a surgir famílias mobilizadas para promover encontros em praças públicas com o intuito de interagir, discutir pontos sobre cuidados dos filhos e produzir sugestões para a escola.

Outro aspecto que o pai enfatiza é a importância de a experiência na escola ser permeada de afetividade e humanismo. "Não pode faltar respeito ao tempo da criança, dos pais e do outro – do porteiro que nos recebe na frente da escola à professora que espera o aluno na porta da sala. O conteúdo é apenas um dos elementos desse processo, cujo objetivo deve ser atribuir sentido à formação, promover vínculos e gerar momentos de felicidade."

Para que isso se concretize no dia a dia do filho, William optou por dar tempo ao tempo e prezar pelo que realmente importa. "Não quero nada a toque de caixa. Prefiro



paciência, calma e zelo nesta volta ao presencial ainda em plena pandemia. Quero que a escola privilegie o cuidado, designando alguém para pensar nisso, focar nas crianças, em como elas estão chegando, como reconstruir o que ficou para trás e como se comunicar com as famílias, considerando as especificidades afetivas e emocionais de cada uma."



PONTO DE VIRADA

Para virar esse jogo, a escola precisa cuidar da experiência da sua comunidade — estudantes, professores, famílias, colaboradores, vizinhos, ex-alunos, entre outros —, de forma que ela se torne formativa para o indivíduo e para a relação com o outro.

Isso ganha ainda mais força no retorno presencial. "Mesmo que a escola tenha mantido suas atividades no ensino a distância, é consenso que houve traumas e perdas de experiência", comenta Christian. A boa notícia, segundo ele, é que nada disso é irrecuperável. Os traumas têm valor formativo quando se transformam em experiência, algo passível de ser transformado em narrativas significativas e transmitido no encontro com o outro.

Para isso, o reconhecimento da perda em si é fundamental. "Não dá para simplesmente passar a borracha na pandemia. O padrão de estrutura de pensamento e o comportamento dos estudantes mudaram completamente. É preciso olhar para o grupo com carinho e maior profundidade e verificar o impacto desse período sobre ele", afirma Eny Muniz, diretora acadêmica da Santillana Educação.

Segundo Eny, a escola deve "mapear o conjunto de experiências que os estudantes não viveram e resgatá-las para que se construam novas memórias afetivas". Como exemplo, a diretora acadêmica traz a possibilidade de celebrar o encerramento do ciclo dos Anos Finais do Fundamental com os estudantes que não tiveram a formatura em 2020. "Quando você perde algo lá atrás não significa que precisa perder também aqui no presente. Sonhos foram adiados, mas não estamos diante de vidas que passaram em branco", completa.

O objetivo não é propor uma volta ao passado, mas reconhecer o que se perdeu e promover a regeneração. "Tal como uma ferida, a recomposição se dá de dentro para fora até se transformar em pele de novo. Antes, porém, é preciso aceitar que ela está lá", ilustra Ana Cristina, diretora-geral da Carandá Vivavida.

ESPAÇO DE (RE)ENCONTROS

Para Vitor Miranda, professor de Ciências dos Anos Finais do Ensino Fundamental no Colégio Stockler, na capital paulista, a pandemia escancarou a escola como espaço de convívio não só entre educadores e educandos, mas também com as famílias, diferentes culturas e formas de ser. "Todo o processo nos fez repensar a importância de compreender o outro e nos posicionar perante ele, considerando onde começa o espaço de um e termina o do outro."

Essa era uma reflexão que ele já provocava em sala de aula havia quatro anos, desde que iniciou o projeto Ágora com as turmas de 6º a 8º ano. No início de cada ciclo trimestral, a turma se reúne para levantar problemas que perpassam a convivência e o aprendizado, pensar em como solucioná-los e definir entre eles eventuais consequências para quem não cumprir os combinados. "Às vezes, a Ágora vira uma lavagem de roupa suja — com temas que podem fugir à minha alçada. Como mediador, fomento a reflexão e a discussão sobre atitudes que os ajudem a melhorar a si próprios e a comunidade", explica o professor.


“Éramos **pessoas diferentes**, buscando o melhor para si. Fomos aprendendo a ceder, dos dois lados, para chegar a um resultado bom para todos.”
SOPHIE CURROS, 9º ANO

» Na prática, é um espaço de escuta, de fala e de posicionamentos, em uma experiência na qual o aluno faz parte da construção de caminhos. "Em vez de ver o problema e não fazer nada ou ficar reclamando, a turma entende que as pessoas podem sentar e conversar para resolvê-los", conta Vitor. O professor ainda destaca a gestão em espiral do projeto. "A cada vez que a Ágora é aplicada, menos temas precisam ser atacados de novo, pois as questões já vêm se resolvendo — de forma intencional — ao longo do tempo."

No retorno às aulas presenciais, o professor de Ciências conta que a Ágora passou por novidades. A autogestão ganhou força, com os alunos podendo se candidatar a guardiões dos combinados e votar uns nos outros. O envolvimento dos estudantes nesse processo surpreendeu. "Em algumas turmas, é nítida a ansiedade de participar, de se envolver em discussões coletivas. Em outras, a necessidade de ressocializar, olhar nos olhos e não apenas ver nucas enfileiradas na sala de aula. Em comum, saltam aos olhos o medo do adolescente de ter sido esquecido ou não mais ser aceito, bem como a necessidade de recuperar o tempo perdido no distanciamento social e (re)conhecer os colegas."

Tudo isso fortaleceu o que Vitor já valorizava: a experiência do encontro, das relações. "Já não me frustro com um aluno que está desatento à aula, querendo conversar. Passei a entender que nem tudo precisa girar ao redor de mim e que esse estudante pode ter outra demanda para além da aula naquele momento. Cabe a mim garantir a oportunidade de ele recuperar isso depois", comenta.

Para embasar sua reflexão sobre a experiência do aprendizado mediada pela interação, com pitadas de sofrimento, empatia e orientação, o professor cita o psicólogo Lev Vygotsky, pai do sociointeracionismo. E o que isso tem a ver com Ciências? Tudo. "Sem conversar, articular possibilidades, ouvir a crítica e recebê-la de forma construtiva não se faz ciência", garante Vitor.

Para Sophie Curros, que foi aluna do Vitor nos últimos três anos, um dos grandes aprendizados das atividades em grupo nas aulas de Ciências foi a tolerância. "O processo em si, por vezes, foi difícil: éramos pessoas diferentes, buscando o que entendiam ser melhor para si. Com o tempo, fomos aprendendo a ceder um pouco, dos dois lados, para chegar a um resultado bom para todos", explica a estudante, hoje no 9º ano.

De acordo a jovem, mais significativo que o benefício de trabalhar com os colegas foi conviver com eles, entender como pensam e se abrir para outros pontos de vista. "Foi uma experiência que transcendeu o conteúdo e que vou levar para a vida", assegura Sophie. Como prova, ela conta sobre o melhor amigo, que herdou de seu primeiro grupo nas aulas de Ciências no 6º ano e cujos laços se fortaleceram na pandemia. "Éramos muito diferentes, e cheguei a pedir ao professor que tirasse ele do grupo. Isso não foi feito, claro, o que me deu a oportunidade de aprender a ler seu jeito de ser e conhecer diferentes formas e linguagens que as pessoas usam para se comunicar e se relacionar."

ESPAÇO DE (CON)VIVÊNCIA

Os ambientes em que as relações acontecem e os atores que delas participam também devem ser levados em conta na construção da experiência. "Desde a calçada e a portaria da escola até os corredores e a fila da cantina, tudo e todos perpassam a experiência da criança e contribuem para determinado padrão comportamental", revela Eny Muniz, diretora acadêmica da Santillana Educação.

O risco de não avaliar se esse processo está sendo significativo para o aluno é impor um padrão de comportamento baseado apenas no olhar da escola, deixando de lado as emoções que movem a experiência. Tomar decisões de acordo com a experiência de cada indivíduo da comunidade escolar é levar em conta aspectos socioemocionais (suas dores, preferências e expectativas), aspectos cognitivos e espaços de construção do saber.

Essa é uma forma de a escola conduzir uma autorreflexão sobre suas práticas. "A aluna que não quis abrir a câmera no ensino a distância já o fazia antes ou ela estava fechada para qualquer tipo de interação mesmo antes da pandemia e você sequer percebeu? Por que os pais que antes estavam satisfeitos agora reclamam: será desconfiança porque passaram a acompanhar as aulas em casa ou sempre se sentiram inseguros?", questiona Eny.

Em busca de respostas, a recomendação para a escola é aplicar pesquisas de clima junto a alunos, funcionários, professores e pais. "O conhecimento empírico não exime os gestores de contemplar esses múltiplos olhares para questionar seu próprio comportamento, além de práticas e padrões que deseja oferecer."

PARA SABER MAIS

- BIESTA, G. *Para além da aprendizagem* — Educação democrática para um futuro humano. Tradução de: Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rio de Janeiro, ANPEd. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan.-abr. 2002, p. 20-28. Disponível em **mod.lk/con22_1**. Acesso em: 20 fev. 2022.
- KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo* — Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Novo Ensino Médio



Desde que **a Lei 13.415/2017 estabeleceu mudanças na estrutura e na carga horária do Ensino Médio**, muitas escolas começaram a implementar uma nova organização curricular, mais flexível e em consonância com as necessidades e os interesses dos estudantes.

A PROPOSTA DO UNO É...

diversificada, abrangente e inovadora.



SAIBA MAIS
sobre a oferta do UNO para o Ensino Médio, apontando a câmera do seu celular para o *QR Code* ao lado.

Conheça as principais mudanças:



Divisão do Ensino Médio entre **Formação Geral Básica**, comum a todos os estudantes, e **Itinerários Formativos**, parte personalizada composta de **Projeto de Vida**, **Eletivas** e **Aprofundamentos**.

Protagonismo do estudante na escolha de um Itinerário Formativo em acordo com seu **Projeto de Vida** e suas preferências.

Ampliação da carga horária mínima para **3 mil horas**, sendo **1.200** horas destinadas a Itinerários Formativos.

UNI educação

Conheça a proposta do **UNO educação** para o NOVO **Ensino Médio**

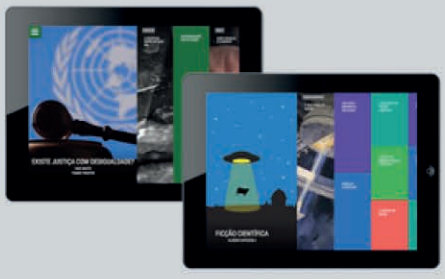
FORMAÇÃO GERAL BÁSICA

Com o Ensino Médio do UNO modular, **cada escola personaliza seu currículo**, elegendo os módulos que deseja destinar à FGB.



240
MÓDULOS DISCIPLINARES IMPRESSOS

Contamos ainda com um projeto totalmente digital, também flexível e com muitos recursos multimídia, **o Fi: experiência educacional**.



217
MÓDULOS DISCIPLINARES DIGITAIS

18
MÓDULOS INTEGRADOS DIGITAIS

GPS: GUIA DE PROTAGONISMO NO SÉCULO XXI



A proposta do UNO para apoiar as escolas na condução do Projeto de Vida está em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular e a reforma do Ensino Médio. São três rotas – uma para cada série do Ensino Médio –, divididas em módulos digitais semestrais, para professores e alunos.

UMA MARCA
SANTILLANA EDUCAÇÃO



ELETIVAS

Parte bastante flexível da proposta, as Eletivas apresentam temas contemporâneos de todas as áreas do conhecimento, alinhados aos eixos estruturantes dos Itinerários Formativos. São cursos de 20 horas de duração, em módulos digitais, com propostas inovadoras, que engajam os estudantes a desenvolver projetos, resolver problemas e usar a criatividade.













APROFUNDAMENTOS

São unidades curriculares do Itinerário Formativo que ampliam ou investigam em profundidade as competências e os objetos de conhecimento já estudados na formação básica.

1 POR ÁREA DE CONHECIMENTO:

Para aprofundar os conteúdos disciplinares e integrá-los em suas áreas do conhecimento, oferecemos componentes curriculares de temas variados.

2 TEMÁTICOS:

Promovem a ampliação de conceitos básicos explorados em determinado tema, apresentando questões instigantes e desafiadoras de todas as áreas do conhecimento.

FALE CONOSCO:

unoeducacao.com

0800 772 8866
@unoeducacao
/unoeducacao
/unoeducacao

SAIBA MAIS sobre a oferta do UNO para o Ensino Médio, apontando a câmera do seu celular para o QR Code acima.

UNO educação

Apresentação disponível em ***Formações Educatrix***:
WWW.MODERNA.COM.BR/EDUCATRIX

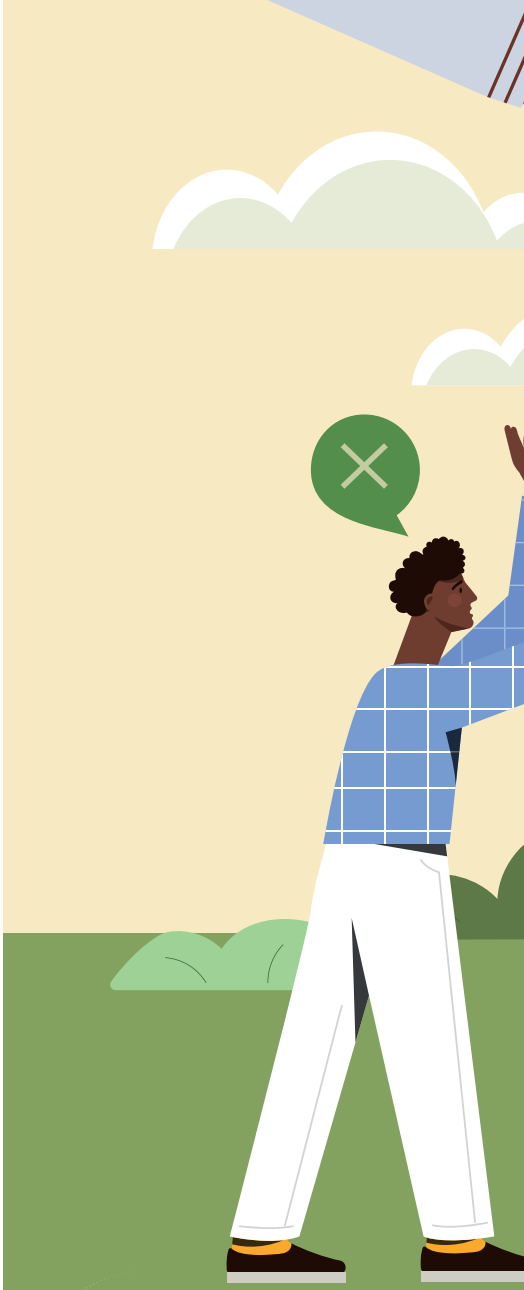
User eXperience e a experiência do estudante na escola

O conceito ainda é pouco conhecido das instituições de ensino, mas pode ser uma ferramenta importante para o engajamento estudantil e para o sentimento de pertencimento à escola.

TEXTO *Julci Rocha* e *Danielle Lima*

O CONCEITO DE *User Experience* (*UX*) — ou experiência do usuário — tem se tornado cada vez mais frequente na esfera educacional. A expressão surgiu em 1993, na área da tecnologia, quando Donald Norman, na época vice-presidente da Apple, cunhou o termo para suprir a necessidade de explicar como os usuários da marca se sentiam fazendo uso dos produtos. De lá para cá, o *UX* se disseminou em variados segmentos, em especial na área de design de serviço. Mas será que temos algo a aprender com esse conceito no cenário educacional? Sim, temos!

Na educação, *UX* se aplica quando o professor ou a escola se atenta à experiência do aluno no processo educacional ou mesmo na sua relação com a escola e, a partir disso, encontra oportunidades de melhoria. Isso pode acontecer em processos com ou sem recursos digitais. A seguir, vamos nos aprofundar mais em possíveis contribuições do *UX* na escola e na sala de aula. »





EMPATIZAR

Os alunos podem fazer um estudo de campo para entender o caminho do lixo e identificar pontos de melhoria na escola ou no entorno. É importante que façam o registro dessa observação. Eles podem preencher um relatório e/ou fotografar. Podem ainda falar com pessoas da escola e/ou da comunidade, para entender o problema do lixo.

O *UX* contribui nesta etapa, pois, permite uma análise aprofundada, ao considerar a experiência das pessoas com o "lixo".



Design thinking e *UX*: do lixo aos resíduos

Projeto interdisciplinar para identificar e resolver problemas relacionados à gestão de resíduos na escola e/ou na comunidade.

DEFINIÇÃO

Agora, já divididos em grupos, os alunos devem compartilhar suas observações e registros e identificar aspectos que se repetem, para estabelecer padrões, classificando os problemas identificados. Essa análise precisa conduzir à escolha de um dos desafios, para que busquem sua solução.

IDEAÇÃO

Cada grupo usa estratégias para criar soluções criativas para o desafio definido. Desde a chuva de ideias, já bastante conhecida nas escolas, até a jornada do herói, que pode contribuir na proposição de formas de superar o obstáculo encontrado.

O *UX* contribui nessas etapas, pois permite que as pessoas que vão se beneficiar da solução avaliem sua eficácia, sugerindo melhorias.

PROTOTIPAÇÃO

Cada grupo escolhe uma forma de concretizar sua ideia, para que as pessoas entendam o que estão propondo. Pode ser uma *storytelling*, uma encenação, uma maquete. Existem inúmeras possibilidades. O importante é deixar claro como essa solução pode acontecer.

TESTE E COMPARTILHAMENTO

Os grupos escolhem uma amostra do público-alvo de sua solução para avaliar, testar seu protótipo. Recebem o *feedback* e ajustam a solução, chegando à sua versão definitiva. Depois, apresentam a ideia finalizada para a escola e/ou comunidade.

» *UX* NA ESCOLA

O *UX* se baseia em **três pilares**. Vamos conhecê-los e apresentar alguns exemplos de suas aplicações na escola:

1 **UTILIDADE:** analisa se, de fato, um processo ou funcionalidade é relevante. Por exemplo, os estudantes recebem um e-mail, pedindo que acessem a plataforma de ensino para realizar uma atividade. Será que isso é necessário? Talvez uma notificação lembrando que a atividade está pendente funcionasse melhor. Pensando em uma situação desplugada, a correção de uma atividade na lousa, toda dirigida pelo professor, sem a participação dos alunos. Essa prática não permite que os alunos protagonizem ações em sala de aula e ainda limita a interação entre pares.

2 **FACILIDADE DE USO:** verifica se o acesso é ágil e fácil, sem precisar do uso recorrente de um tutorial ou manual. Se os estudantes conseguem localizar a plataforma da escola e as atividades com facilidade, de forma simplificada, o nível de usabilidade pode ser considerado alto. Um exemplo de estratégia simples e eficiente é a cada aula antecipar na própria lousa ou em um quadro tudo que irá acontecer. Isso prepara o aluno e o deixa ciente do que deve realizar, melhorando sua experiência na escola.

3 **PRAZER:** analisa se uma atividade rotineira pode proporcionar prazer. Justamente oferecendo uma experiência mais interativa e responsiva, em que, no caso da tecnologia, o estudante vá além de trocar o livro impresso pelo digital. Outra possibilidade é permitir ao aluno customizar o ambiente de aprendizagem, para deixar com sua cara. Trazendo práticas sem tecnologia, aulas "mão na massa" ou explorando outros espaços da escola. Ao final dessa experiência, vale reservar um tempo para que os alunos retomem o que foi realizado e suas aprendizagens.

AMPLIANDO *UX* NOS RECURSOS EDUCACIONAIS DIGITAIS

Com as escolas cada vez mais conectadas, o uso de plataformas de aprendizagem e ambientes virtuais está em franca expansão. Somamos essa tendência ao aprimoramento dos gestores escolares na análise dos dados pedagógicos — que fornecem informações sobre tempo de acesso e interação do estudante com a plataforma — temos uma visão geral mais clara de cada turma e da performance individual dos alunos. Até então, esse tráfego acontecia em apenas uma direção: o estudante acessava o conteúdo e realizava atividades, cabendo ao professor verificar essa entrega e dar uma devolutiva, na maioria das vezes, uma resposta padrão.

O contexto da pandemia de Covid-19 acelerou a transformação digital nas escolas, pedindo a rápida implementação de uma solução on-line para substituir as aulas presenciais, já que as escolas estavam fechadas. Muitos foram os obstáculos, mas professores e gestores perceberam que o momento oportunizava aprimoramentos em alguns processos educativos, sobretudo na avaliação. Com os recursos digitais, os professores poderiam personalizar melhor o ensino e flexibilizar os suportes didáticos para os alunos, atendendo aos diferentes perfis de aprendizagem.

Pensando no papel do professor, é preciso que essas plataformas de ensino garantam facilidade na gestão, mas, sobretudo, que lhe possibilitem desenhar o planejamento, considerando o perfil de cada turma. Se o ambiente for muito engessado, limita a personalização e impede o docente de adequar o conteúdo e os recursos oferecidos à sua didática. Isso pode lhe fazer buscar caminhos fora desse ambiente, comprometendo o engajamento e interferindo nos dados pedagógicos.

Agora é tempo de ir além: que tal usar o *User Experience* para aumentar o engajamento dos estudantes, desenvolver sua metacognição e seu meta-aprendizado e ter um acompanhamento dinâmico de sua atuação nas atividades escolares?

UX NA RELAÇÃO PROFESSOR *vs* ESTUDANTE

Agora que analisamos o conceito de *UX*, percebendo sua aplicabilidade nas escolas relacionada ao uso das tecnologias, vamos aprofundar como, na sala de aula, o professor pode refletir acerca da experiência de seus alunos no processo educacional e realizar ajustes de rota.

1 ***FEEDBACK:*** um excelente recurso é contemplar no planejamento **momentos de *feedback***. Essa prática pode ser realizada com uma **roda de conversa** ou por meio de um **formulário impresso ou digital**. A ideia é dar espaço para que o estudante expresse como foi determinada experiência de aprendizagem (aula, sequência didática, projeto). Essa análise ultrapassa a mensuração do que foi aprendido pelos instrumentos tradicionais de avaliação. Ao oportunizar a reflexão do aluno sobre essa experiência, ele se torna mais consciente de seu percurso aula a aula. Para que o *feedback* funcione para melhorar a experiência do estudante na escola, é preciso que **ocorra de forma sistêmica**, ou seja, com **frequência e agilidade na resposta**. Do contrário, os ajustes identificados acabam ocorrendo tarde demais, prejudicando o percurso de aprendizagem do estudante.



2 **AUTOAVALIAÇÃO:** outro instrumento poderoso é a **autoavaliação**. Nela, o estudante precisa considerar o seu papel na experiência, a qualidade de sua atuação, perceber o que aprendeu e/ou o que precisa aprimorar, tornando-se mais consciente e protagonista da sua própria evolução.

3 **LINGUAGEM ADEQUADA AO PÚBLICO-ALVO:** na Educação Infantil, por exemplo, vale investir mais em imagens ou ícones nas produções ou na escolha de recursos e oferecer explicações e orientações por meio de áudios e vídeos. Já no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, os recursos precisam usar um design atual, condizente com estudantes que utilizam diariamente aplicativos e ferramentas digitais. No caso de recursos digitais, vemos muitos ambientes virtuais de aprendizagem com um aspecto acadêmico e estéril. Por que não incluir um *chatbot* para tirar as dúvidas relacionadas ao uso da plataforma? Os próprios estudantes poderiam participar de sua identidade visual e elaborar perguntas e respostas mais usuais. *Gifs*, memes e *emoticons* também fazem parte do universo dos alunos e podem ser um caminho para dinamizar a comunicação com os professores e a escola.

4 **GAMIFICAÇÃO:** também é uma ótima aliada. Permitir a customização de um avatar e conceder emblemas de habilidades e competências faz com que os alunos se tornem mais proativos na realização das tarefas. Um bom exemplo da gamificação em favor da aprendizagem é a plataforma de ensino digital *Khan Academy*. Vale lembrar que experiências de gamificação também podem ser promovidas sem o uso de recursos digitais.

5 **DEVOLUTIVAS PERSONALIZADAS:** Outra oportunidade de melhoria da experiência do usuário é customizar as devolutivas, tornando-as mais específicas em vez de dar respostas genéricas.

Recebido. | Atividade incompleta. | Não realizada.

Cada professor pode criar uma linguagem própria, alinhada com sua prática e seu jeito de ensinar. Mensagens, comunicados e avisos precisam ser padronizados e trazer as informações necessárias. Um bom exemplo é investir um pouco mais de tempo na elaboração de um questionário on-line, incluindo **comentários nas respostas certas e erradas**. É possível dar um *feedback* individual, oferecendo a cada estudante uma **devolutiva específica** sobre seu desempenho na atividade.

Sua resposta foi enviada.

Você concluiu a revisão sobre frações. Fique atento(a) aos comentários. Ficou com dúvida? Clique **aqui** e acesse o material de apoio.

Personalizar a mensagem de agradecimento do questionário parece uma coisa simples, mas pode surpreender os alunos e evidencia o quanto o professor cuida de cada detalhe.

Ainda aprofundando possibilidades com questionários on-line, é importante comentar o quanto esse tipo de recurso favorece a personalização. Com a **ramificação** das questões, o estudante que marcar a alternativa errada em uma questão, pode ser direcionado a outra que o faça rever o conceito, assistir a um vídeo e tentar novamente. Dessa forma, a atividade potencializa a aprendizagem, pois oferece mais que o erro ou acerto.

DE OLHO NOS DADOS PEDAGÓGICOS

Os dados pedagógicos não são úteis apenas para a análise dos gestores da escola. O professor pode usar essas informações para identificar o perfil de cada estudante, avaliar se determinada tarefa ou prática alcançou os resultados esperados e, a partir disso, realizar as intervenções necessárias para avançar com a turma ou apoiar um dos estudantes em suas dificuldades. Esses dados estão »

» disponíveis na maior parte das plataformas de ensino. Mas, atenção: os dados pedagógicos indicam pontos de alerta, aspectos no processo de aprendizagem que precisam ser revistos ou adequados. Sozinhos eles não resolvem as lacunas de aprendizado ou explicam a falta de participação dos alunos. O professor deve sempre utilizar múltiplos instrumentos para acompanhar suas turmas.

Para exemplificar o quanto os dados podem favorecer as ações pedagógicas, trazemos a seguinte situação:



A professora Ana planejou uma ***sala de aula invertida*** *para introduzir um conteúdo novo: o ciclo da água. Assim, seus alunos exploraram uma* ***trilha de aprendizagem*** *em casa, antes de se aprofundarem sobre o assunto em sala de aula. Nessa trilha, Ana pediu que respondessem um* ***questionário digital****. Antes da aula seguinte, a professora analisou as respostas da turma ao questionário e identificou alguns* ***pontos de atenção*** *que precisaria retomar durante a aula. Ela replanejou a atividade prevista, tornando-a mais ativa, já que os alunos formariam duplas e desenhariam juntos todas as etapas do ciclo da água. Ana percebeu que os dados fornecidos pelo questionário ajudaram a* ***otimizar o tempo da aula****, focando no que realmente precisaria retomar ou explicar.*

DESIGN THINKING E USER EXPERIENCE: PROMOVENDO EXPERIÊNCIAS ATIVAS

O *Design Thinking* (*DT*), abordagem de solução de problemas muito utilizada por empresas, universidades e organizações sociais, tem sido usado nas práticas pedagógicas como uma estratégia de aprendizagem ativa, usualmente integrada a projetos. Na educação, sua contribuição é desenvolver nos estudantes competências de resolução de problemas de forma colaborativa, com um olhar mais empático para as pessoas e seus problemas. O *DT* oferece um conjunto de técnicas, ferramentas e métodos que viabilizam a criação de soluções para atender a necessidades, anseios ou desejos do mundo real.



ETAPAS DO *DT*

1 EMPATIA

Entender o problema por meio de observações, pesquisas, vivências e imersão.

2 DEFINIÇÃO

Compilar as informações, analisando registros e identificando e classificando padrões.

3 IDEAÇÃO

Criação e compartilhamento de ideias. O *brainstorming* e *brainwriting* são estratégias usadas nesta etapa.

4 PROTOTIPAÇÃO

Materialização das ideias por meio de protótipo, cartaz, encenação etc.

5 TESTE

Validação da ideia para verificar se ela é, de fato, aplicável. São realizados testes para identificar pontos de aprimoramento que conduzirão à sua versão final.

A **experiência do usuário** é intrínseca ao *DT* e suas etapas, pois todas as soluções dessa abordagem envolvem o entendimento da realidade dos usuários para os quais as soluções estão sendo desenvolvidas. Por isso, imergir na situação, observar, entrevistar, vivenciar a "jornada do usuário", recolher *feedbacks* e ajustar a rota é a essência do *Design Thinking* e também seu diferencial.

Para entender melhor como desenhar uma prática de *DT* e *UX* em sala de aula, veja o exemplo apresentado no **infográfico** das páginas 50-51.

RECURSOS DIGITAIS: O QUE USAR?

Seguem algumas sugestões de ferramentas e ambientes de aprendizagem que você pode utilizar nas suas práticas pedagógicas que permitem customizações com base na *UX*.



GOOGLE SALA DE AULA A plataforma é gratuita e permite ao professor criar suas turmas, atribuir atividades, compartilhar conteúdo de forma organizada. É possível integrar com outros recursos Google, como documentos, apresentações, questionários. Sua interface simplificada agrada bastante educadores e estudantes.



MICROSOFT TEAMS É considerado um *hub* digital, pois integra diferentes ferramentas sem precisar que o estudante abra várias guias no navegador. A ferramenta conta com versão web e aplicativo (*desktop* e *mobile*) e, como foi criada para o mundo corporativo, inicialmente parece complicada, mas, depois que entendemos sua lógica e organização, torna-se um poderoso aliado para a aprendizagem. No *Teams*, o professor atribui tarefas, envia mensagens individuais e para a turma, usando o chat. A ferramenta tem videochamada integrada, com lista de presença. No aplicativo, é possível dividir a classe em grupos. Cada equipe conta com um caderno digital e arquivos separados.



MICROSOFT POWER BI Este vem sendo cada vez mais usado por escolas que utilizam os recursos da Microsoft. Sua finalidade é permitir o acesso a diversas fontes de dados, facilitando a visualização e a interpretação. A ferramenta ainda oferece o recurso de ***insights***, que combina dados significativos, favorecendo a tomada de decisões.

JULCI ROCHA

é mestre em Educação: pela PUC/SP, pós-graduada em gestão educacional, design educacional e educação inovadora. Licenciada em Letras pela USP. Diretora e fundadora da Redesenho Educacional. Atua na formação inicial e continuada na educação há mais de 15 anos, em diversos segmentos, como escolas, universidades, organizações sociais e empresas relacionadas à tecnologia educacional. É consultora do CIEB, Fundação Lemann, Fundação Telefônica Vivo e Instituto Natura. Gestora de projetos, formadora de professores, autora de materiais didáticos e professora de pós-graduação do na área de metodologias ativas e educação inovadora. Professora Inovadora Fellow Certificada pela Microsoft (MIE Fellow). Representou o Brasil em Singapura (2018) e em Paris (2019).

DANIELLE LIMA

é mestranda em Educação Escolar pela Unicamp, Licenciada em Letras (UECE), pós-graduada em Gestão Educacional (UFSM) e Educação e Tecnologias (UFSCar). Coordenadora pedagógica na Redesenho Educacional. Professora de Língua Portuguesa. Autora de materiais didático-pedagógicos e formadora de professores. Professora Inovadora Fellow Certificada pela Microsoft (MIE Fellow). Representou o Brasil em Paris (2019) e na Australia (on-line-2020). Vencedora do prêmio Destaque Educação 2019 e 2020.

PARA SABER MAIS

- GOOGLE CLASSROOM. Disponível em: **mod.lk/pd226**. Acesso em: 14 fev. 2022.
- MICROSOFT TEAMS. Disponível em: **mod.lk/pd227**. Acesso em: 14 fev. 2022.
- MICROSOFT POWER BI. Disponível em: **mod.lk/pd228**. Acesso em: 14 fev. 2022.
- PORTAL KHAN ACADEMY. Disponível em: **mod.lk/pd2225**. Acesso em: 14 fev. 2022.
- GOOGLE. Treinamento básico Google for Education, 2020. Disponível em: **mod.lk/pd2230**. Acesso em: 14 fev. 2022.
- MICROSOFT. Curso Transformando o aprendizado com o Microsoft Teams, 2021. Disponível em: **mod.lk/pd2229**. Acesso em: 14 fev. 2022.
- ROCHA, J. Webinar Educação Inovadora 2019 #5 – Design thinking e storytelling para educadores. Disponível em: **mod.lk/pod224**. Acesso em: 14 fev. 2022.
- SILVA, L.; RICALDONI, T. Design UX e educação: aplicação de ferramentas para mapear perfil de alunos, experiência e valor percebido gerando melhorias na gestão e processo de ensino-aprendizagem. Congresso ABED: PUC/MG, 2019. Disponível em: <**mod.lk/pord22**>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- TESSARI, L. Entenda como o *UX Design* se faz presente na educação. Educatech – *Folha de Vitória*, 9 out. 2021. Disponível em: **mod.lk/pod223**. Acesso em: 12 fev. 2022.
- VIVO, F. T. *UX* incrementa o ensino e exercita a resolução de problemas. Fundação Telefônica Vivo, 2019. Disponível em: **mod.lk/pod222**. Acesso em: 12 fev. 2022.

Novo Ensino Médio: novos sentidos da escola e do conhecimento

Implantação da reforma na etapa média da Educação básica dá oportunidade de um novo campo de experiências aos alunos, que aprendem a fazer escolhas e a identificar seus próprios interesses.

TEXTO *Paulo de Camargo*

PARA TODO o sistema educacional, a pandemia representou — para além de todo o impacto pedagógico, emocional e social — um baque na sustentabilidade do projeto e da escola, seja na esfera pública, seja na privada. Dentro do universo da educação particular, estima-se que, em todo o país, milhares de escolas tenham fechado, temporária ou definitivamente, especialmente aquelas de Educação Infantil, cujos pais optaram por interromper as matrículas. Mas, seja qual fosse o tamanho do desafio, o fato é que as instituições de ensino que ofertavam o Ensino Médio tiveram de lidar também com a transição para um novo modelo educacional — complexo, promissor e, principalmente, ainda desconhecido para quase todos. Afinal, a data limite estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação para implementação do Novo Ensino Médio era o ano letivo de 2022. »





» Esse foi o caso da educadora Flaviana Rigolin. Gestora pedagógica do Colégio Modelo, de Curitiba (PR), Flaviana sofreu como todos o impacto da pandemia. Perdeu alunos na Educação Infantil, que agora volta a recuperar, e teve de dividir suas preocupações entre a gestão da escola durante o período do isolamento social ao mesmo tempo que se preparava para mudar o trabalho no Ensino Médio.

"Quando se começou a falar desse tema, em 2018, chamei os professores para conversar, e alguns ficaram muito assustados", lembra. Teve até quem preferiu deixar as aulas pelo temor da mudança. Em 2019, foi tempo de estudar a legislação, com as novas resoluções dos conselhos de Educação, e começar a tomar as primeiras providências. Mas veio a pandemia, e tudo virou de cabeça para baixo. Nos anos de 2020 e 2021, Flaviana precisou, em suas próprias palavras, trocar o pneu com o carro andando. "Eu não sabia nem como começar a falar sobre o tema com os professores e os pais", lembra. Mas, seguiu em frente: com milhões de ideias, decidiu colocar os pés no chão e não assustar ninguém. Desenhou, assim, um projeto coerente com a proposta pedagógica de sua escola. "Idealizei um Ensino Médio realmente próximo da minha escola, tive cuidado com a equipe, planejei", conta.

Foi quando começou a conversar com os alunos que Flaviana percebeu que o susto não era só dela. Eles nunca tinham sido preparados para fazer escolhas — e esse é, ainda hoje, um dos principais argumentos dos críticos da reforma. "Como exigir deles uma resposta sobre o que gostariam de estudar?", perguntou-se. Por isso, no desenho do Novo Ensino Médio, a educadora decidiu criar tempos de experimentação para todos — inclusive para os educadores. "Criei um '*menu* degustação'", explica a diretora. Ainda no final de 2020, convocou os professores mais preparados para a mudança para começar silenciosamente um projeto piloto, introduzindo algumas eletivas. Deu início também ao trabalho com Projeto de Vida.

Articulando o movimento com o material pedagógico utilizado (UNO Educação), criou trilhas e trabalhou em torno de eixos estruturantes propostos na BNCC, em torno do qual se articulavam os componentes. Passou a introduzir temas como Cultura das Telas, Saúde e Educação Financeira. O exercício que já vinha sendo feito com o uso de metodologias ativas contribuiu com sua jornada e proporcionou uma nova experiência de aprendizagem para os alunos.

Outro trabalho importante realizado pela escola foi a comunicação com os alunos, desde os Anos Finais do Ensino Fundamental. Com diálogos e materiais informativos desenvolvidos em vídeo, os educadores explicaram o projeto e discutiram com eles sobre a maturidade das escolhas. "Mostramos que precisam estar preparados para a vida, e isso significa escolher", diz a diretora.



A iniciativa foi um sucesso. Em outubro de 2021, as vagas oferecidas no Ensino Médio já estavam preenchidas. “Com muito medo de estar errando, fomos em frente”, conta Flaviana, agora aliviada. “Estávamos amargurados no ano passado, agora olhamos para o futuro muito animados”, finaliza.

CRESCENDO NA CRISE

Durante a pandemia, a Reforma do Ensino Médio turbinou o projeto de algumas escolas, que cresceram de forma, no mínimo, inesperada. Pelos contextos locais, pela qualidade do trabalho acadêmico realizado na pandemia e, em especial, pela proposta de ensino, o ano de 2022 chegou pleno de realizações para algumas escolas, como foi o caso do Colégio Espaço Verde, em Volta Redonda (RJ).

Entre outras proezas, além de colocar em pé o Ensino Fundamental II, durante o sofrido ano de 2020, a escola ainda abriu de uma vez duas séries de Ensino Médio, em 2021, introduzindo o último ano do ciclo em 2022. Não apenas lançou uma etapa nova sem ter ainda alunos formados na fase anterior, como iniciou o projeto já dentro do modelo do Novo Ensino Médio. Haja apetite para desafios.

Essa escola, aos 30 anos de existência, soube sentir a direção dos ventos e foi em frente. Seus alunos vivem agora uma nova experiência educativa, dentro do novo formato do Ensino Médio, com itinerários formativos e um modo diferente de organizar o currículo, a partir dos interesses dos jovens.

Segundo a diretora Cecília Coli Castilho Damaceno Matos, a primeira parte da expansão já estava planejada quando chegou a pandemia. Até então, a escola atendia a Educação Infantil e, em 2019, tinha inaugurado os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Se a pandemia trouxe o reflexo de fugir ou enfrentar, a opção da escola foi de seguir em frente.

No ano de 2020, já em plena fase da educação remota, a escola decidiu estender a oferta do Fundamental até o 8º ano. Em 2021, com a formação da turma do 9º ano, as próprias famílias se encarregaram de fazer pressão para garantir a continuidade do projeto bem-sucedido. Era a vez de encarar o Ensino Médio. Só que, já dentro do prazo final de implantação definida para o Novo Ensino Médio, a decisão não era simplesmente abrir a etapa subsequente, mas entender e colocar em pé uma organização curricular que vem arrepiando os cabelos de educadores no país inteiro.

O Colégio Espaço Verde lançou mão, dessa forma, da experiência bem-sucedida dos materiais do Sistema Farias Brito de Ensino (SFB) — já organizado dentro da lógica do Ensino Médio reformado. Em 2021, todos os alunos já cursavam o componente curricular Projeto de Vida, uma das grandes novidades da atual Base Nacional Comum Curricular. Haviam iniciado também a experiência com disciplinas eletivas. Em 2022, foi a vez de deslanchar o projeto como um todo, com novas eletivas e itinerários de aprofundamento. »





» Dessa forma, os alunos que começaram o ano tinham como opção novas áreas, como Jogos Digitais, Inteligência Artificial e Astronomia, oferecidos pelo Sistema Farias Brito de Ensino, e duas outras propostas pela própria Escola — Mecanismos de Ação e Pesquisa da Farmacologia e Reflexões e Atuação do Direito.

Com 700 alunos, a escola viveu uma nova dinâmica de atendimento educacional, com novas faixas etárias, a expansão das etapas e uma nova abordagem pedagógica trazida pela Reforma do Ensino Médio. No primeiro ano, todos cursam todos os itinerários, e farão escolhas específicas nos anos seguintes. "Os alunos estão muito felizes com a possibilidade de explorar os diferentes campos", diz Cecília, que ficou feliz ao ouvir, logo no início das aulas, no restaurante da escola, o entusiasmo com que os jovens trocavam suas experiências.

UX EM PARCERIA

No desenvolvimento de projetos de itinerários diferenciados, muitas escolas também aproveitaram da liberdade assegurada pela lei e pelas diretrizes do Novo Ensino Médio, abrindo uma temporada de parcerias inovadoras. As parcerias garantem aos alunos uma experiência radicalmente diferente daquela vivida na escola regular.

Esse foi o caso do Instituto Inteli, em São Paulo. O Inteli é um instituição de ensino superior lançada em 2021, com uma proposta ousada — formar os futuros líderes das empresas de tecnologia. Com cursos de Engenharia da Computação, Engenharia de *Software*, Ciência da Computação e Sistemas de Informação, o Inteli vem sendo desenhado há dois anos, e começou a funcionar em 2022, dentro da área do Instituto de Pesquisas Tecnológicas da Universidade de São Paulo (USP).

Para aumentar a interação com a Educação Básica, o Instituto Inteli estabeleceu parceria com colégios paulistas, entre eles Pentágono, Oswald de Andrade e Piaget, para a oferta de um itinerário formativo no campo da tecnologia. Com base na eletiva Olá, Mundo! Introdução à Lógica Computacional por meio do Desenvolvimento de um Jogo Digital, os alunos do Ensino Médio aprenderão, sim, sobre programação, mas principalmente conhecerão alguns aspectos da experiência iniciada por mais de uma centena de jovens universitários que começaram, neste ano, a estudar na instituição.

Segundo Maíra Habimorad, CEO do Inteli, a metodologia do Instituto partiu da necessidade de identificar potenciais alunos. O primeiro passo foi realizar uma extensa pesquisa de campo. Depois, foram realizados pilotos a partir da metodologia que vinha sendo desenvolvida.

O projeto pedagógico traz elementos da metodologia ágil, articula todo o trabalho em torno de entregas compartilhadas, com um currículo organizado em torno de competências e com uma proposta baseada em projetos e resolução de problemas. Esqueça o predomínio de aulas quadradas e longas listas de textos, como nos cursos superiores



de tecnologia convencionais. A aula instrucional existe, mas a energia principal é canalizada para o protagonismo dos alunos, que se envolvem em projetos reais. Ao mesmo tempo, todos desenvolvem competências de liderança e são expostos a discussões éticas — essenciais para quem vai desenvolver os algoritmos que ditarão o rito do futuro.

O mesmo princípio vale para o próprio desenho global do Instituto Inteli. Hoje, os alunos testam as plataformas tecnológicas utilizadas e dão *feedbacks*. "Eles participam lado a lado com nosso time de tecnologia e *UX* na construção de nossas soluções", explica Maíra, que também é sócia da Cia. dos Talentos, a maior empresa de seleção e treinamento de *trainees* da América Latina.

Outra forma de construir a experiência dos usuários, ou seja, dos alunos, é a realização mensal do que chama de *town halls*, encontros em que todos participam e trazem seu ponto de vista do que podemos melhorar e fazer de novo e diferente. "Nosso comitê de ética é composto também de alunos, e os representantes de turma lideram ações em parceria com nosso time", conta a CEO. Segundo ela, o coração do projeto é ver o aluno como parte de uma comunidade de aprendizagem. "Nossa relação com eles é cada vez mais horizontal", diz.

Contudo, Maíra também faz um alerta importante. Há um risco possível em usar a lógica de experiência do usuário para a educação. "Não podemos colocá-lo no lugar de cliente. Aluno não é cliente. É parte da construção e construir oferece direitos, mas também deveres", explica. Para ela, é importante saber que o aluno está sempre no centro do que o Instituto pensa, mas não de forma passiva, sendo "servido", e, sim, de maneira participativa, convidado a contribuir e a atuar para que o Inteli seja um lugar de todos.

Mal as aulas começaram, e já surgem bons exemplos desse posicionamento pedagógico. Os alunos queriam que o café do Inteli vendesse biscoitos e salgadinhos, mas a parceria estabelecida com o Instituto e a empresa de alimentação traz o foco na alimentação saudável. Assim, junto com os jovens, o Instituto desenvolveu o conceito de um Honest Bar. "Colocamos os produtos que eles indicaram à venda, a preço de custo e autorregulado. Ninguém fiscaliza. Hoje eles são corresponsáveis. Participaram do conceito, e fazer o modelo funcionar depende deles", conta Maíra.

Como tudo é dinâmico, o processo de gestão do projeto continua. Logo em seguida, os alunos pediram permissão para que pudessem vender seus próprios produtos no Honest Bar. A resposta da instituição foi: vamos pensar juntos. "Eu não vou dizer sim e nem não. Propus aos alunos que pensássemos e ainda não conseguimos concluir a questão com os representantes", explica. Já os representantes levaram aos demais alunos a posição, e todos aguardarão o desfecho. "Para a gestão da escola, dizer sim ou não é fácil. Difícil é construir uma decisão coletiva", conclui Maíra.

COMPARTILHA



O futuro da educação, hoje

UM PROJETO GLOBAL VIVO

+ de 740 ESCOLAS no Brasil

+ de 300 mil ALUNOS no Brasil

presente em **16 PAÍSES**

+ de 1,1 MILHÃO de alunos



Desenvolvemos e implementamos propostas **360º**, a partir de uma experiência educativa que se adapta a sua escola, baseada no **DESENVOLVIMENTO CONTÍNUO** de seus profissionais, suas metodologias, seus processos, sua tecnologia, seus espaços de aprendizagem, sua comunicação, sua projeção na comunidade escolar.

*SEJA UMA **ESCOLA COMPARTILHA***

modernacompartilha.com.br

/Moderna.Compartilha

@modernacompartilha

Parceria para uma transição responsável para o Novo Ensino Médio

O Compartilha está atento às mudanças da educação. E, com o **Novo Ensino Médio**, não é diferente. Confira **as nossas propostas para a sua escola elaborar a carga horária do seu jeito**!

Por que o Novo Ensino Médio Compartilha?

FLEXIBILIDADE DE CURRÍCULO	Conteúdos digitais modulares para compor a sequência curricular ideal para a sua escola.
COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO INTEGRAL	Formação sustentada pelos pilares cognitivo, social, emocional e ético.
INTERDISCIPLINARIDADE	Propostas a favor da colaboração e do trabalho em equipe.
METODOLOGIAS ATIVAS	Protagonismo do aluno tanto nos projetos integradores quanto nos itinerários formativos.
CONTEÚDO 100% DIGITAL	Adequado ao universo do aluno para despertar o interesse na hora do estudo.
LIVRO DO PROFESSOR IMPRESSO	Material amplo para a implantação e o planejamento do Novo Ensino Médio.

UMA MARCA
SANTILLANA EDUCAÇÃO



Quer saber mais?

Fotografe o QR Code para conhecer nossas propostas completas e converse com o consultor que atende o seu colégio!

#CompartilheONovo

modernacompartilha.com.br
/Moderna.Compartilha
@modernacompartilha
compartilhaeducacao

COMPARTILHA

Formando mentes bilíngues

O espaço da língua estrangeira só cresce nas escolas, e uma diretriz a ser homologada pelo MEC irá distinguir quem oferece educação ou programa bilíngue de quem só ampliou a carga horária de inglês.

TEXTO *Ricardo Prado*



O CRESCIMENTO das escolas bilíngues na última década foi visível. *Outdoors*, anúncios e e-mails, divulgando às famílias "educação bilíngue", se tornaram cada vez mais presentes nas grandes e médias cidades do país, em um movimento contrário ao encolhimento observado nas escolas particulares de idiomas. É como se, aos poucos, ao menos no âmbito da educação privada, o inglês estivesse sendo abraçado pela escola, e pelos educadores, não como uma área do currículo dedicada à aprendizagem de uma segunda língua, que, segundo a BNCC, obrigatoriamente deve ser o idioma inglês e ter início no 6º ano do Ensino Fundamental, mas como um meio para aprendizagem de conteúdos variados.

Diversas escolas passaram a usar o inglês dessa forma, reformulando seus currículos e ampliando o tempo de exposição à segunda língua. Mas há muita confusão em relação ao que seja, de fato, uma educação bilíngue, e escolas vendendo o que não oferecem. Devido a queixas encaminhadas por escolas bilíngues tradicionais em relação à possível concorrência desleal de outras que falsamente se apregoavam como tais, o Conselho Nacional de Educação aprovou, em dezembro de 2020, as Diretrizes Curriculares para a oferta de Educação Plurilíngue. Como ainda não foram homologadas pelo Ministro da Educação, não têm valor legal. Mas o parecer, do Professor Ivan Tadeu Siqueira, da Escola de Comunicações e Artes da USP, sinaliza para uma normatização da oferta de educação em duas ou mais línguas que ainda não existe, estabelecendo as condições para que uma escola se apresente como bilíngue. »


Au, au?



» EDUCAÇÃO BILÍNGUE: O QUE É?

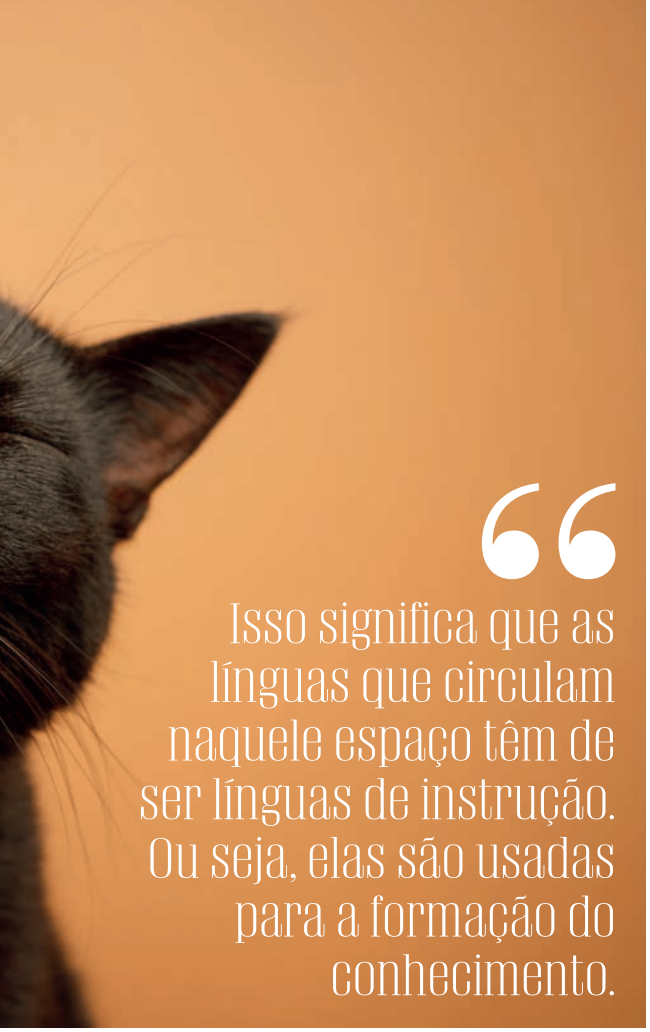
"Teoricamente uma escola bilíngue é aquela na qual o processo de escolarização ocorre com o uso de duas ou mais línguas", explica Antonieta Megale, Coordenadora Geral de Formação Continuada do Instituto Singularidades e organizadora de uma coleção de três volumes, publicados pela Fundação Santillana/Richmond, sobre educação bilíngue (*download* gratuito em www.fundacaosantillana.org.br). "Isso significa que as línguas que circulam naquele espaço têm de ser línguas de instrução. Ou seja, elas são usadas para a formação do conhecimento, e não apenas voltadas à aprendizagem da própria língua. Esse é o conceito mais abraçado hoje em dia. Mas é preciso observar as especificidades de cada país, de cada região", ressalva, destacando, por exemplo, as situações bem específicas de bilinguismo das escolas em regiões de fronteira, da educação para surdos, daquelas unidades que acolhem um grande número de imigrantes estrangeiros, além, naturalmente, das escolas indígenas, que têm uma legislação educacional específica e não entram nessa categoria.

O ideal, segundo Antonieta, é que as duas línguas sejam amplamente valorizadas no ambiente escolar. "Sabemos que o inglês, hoje, é uma língua de alto valor. É um capital simbólico que pode ser transformado em capital econômico e social. Por isso, é preciso tomar cuidado em uma escola bilíngue, porque ambas as línguas devem ser promovidas. Não é uma educação que tem português e inglês; é uma educação na qual o estudante se vê envolvido nessas duas línguas de forma integrada. As duas línguas precisam estar integradas em um currículo único, que tem a ver com aquela escola e aquela comunidade."

Ela ressalta que uma educação bilíngue pode ser atrativa para o estudante, mas não necessariamente todo ensino bilíngue é estimulante. "Ter mais aulas em inglês sobre outros conteúdos pode ser legal, mas também pode ser muito ruim, do ponto de vista da construção do sujeito e da aprendizagem. Vai depender da qualidade do componente que está sendo adicionado. Para isso, é preciso um professor bem formado, com uma equipe que trabalha de forma integrada, em um ambiente no qual ambas as subequipes compreendam o que é uma educação bilíngue", observa Antonieta.

> "As duas línguas precisam estar integradas em um currículo único, que tem a ver com aquela escola e aquela comunidade.





> Isso significa que as línguas que circulam naquele espaço têm de ser línguas de instrução. Ou seja, elas são usadas para a formação do conhecimento.



ASSINATURA NEURAL BILÍNGUE

E o que acontece no cérebro de uma criança que é educada em uma escola bilíngue, se essa educação for feita nos moldes recomendados? Algo bastante importante: a segunda língua parece, de certa forma, moldar o cérebro do falante de uma maneira diferente. Luciana Brentano, pesquisadora vinculada ao Laboratório de Bilinguismo e Cognição (Labico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e que vem assessorando diversas escolas na implementação de currículos bilíngues, afirma que muitas pesquisas, em várias áreas cognitivas, "mostram que as crianças expostas desde cedo a duas línguas apresentam melhor desempenho em funções executivas, na memória e na própria consciência fonológica". Ao contrário da operação mental que costuma ser feita por quem aprende uma segunda língua mais tarde, de traduzir as frases da língua consolidada para a nova, em uma criança que se encontra imersa em um ambiente bilíngue isso não acontece, explica Luciana: "As duas línguas vão se formando juntas, como se fossem uma só, no sentido de representação mental. As crianças que têm esse contato com uma língua adicional desde a infância criam uma assinatura neural diferente".

Essa "assinatura neural" diferenciada dos bilíngues é bem exemplificada por um de seus criadores, Jim Cummins, que em 1979, ao estudar o fenômeno, criou um Modelo de Proficiência Subjacente Comum (*Common Underlying Proficiency Model*) por meio de uma imagem. Segundo o pesquisador, o cérebro de uma criança bilíngue seria como dois *icebergs* vizinhos que, embora estejam separados acima da superfície, representando as características individuais de cada língua, se fundem abaixo da linha d'água, caracterizando, assim, o funcionamento cognitivo compartilhado entre as duas línguas. Para Cummins, as crianças bilíngues não passariam por processos distintos ao desenvolverem habilidades linguísticas em suas duas línguas. Em vez disso, haveria um único sistema de processamento central, algo como um "repositório" central, no qual as habilidades subjacentes ao falar, ler, escutar e escrever seriam originadas de forma compartilhada. Ou seja, as habilidades para reconhecer sons e letras (consciência fonológica e morfológica), essenciais em todo processo de alfabetização, são compartilhadas entre as duas línguas do bilíngue. E isso independentemente da ordem ou da eventual primazia de uma língua sobre a outra. »

» FALTAM PROFESSORES

A questão central que parece girar em torno da educação bilíngue, e que está na origem das Diretrizes que pretendem normatizar a oferta dessa modalidade de ensino e, provavelmente, na demora em sua homologação pelo MEC, é a falta crônica de professores de inglês – especialmente aqueles que, além de dominarem a gramática, também são fluentes. Segundo a última pesquisa sobre proficiência feita pelo British Council, apenas 3% da população brasileira pode ser considerada fluente no idioma, como observa Maria Cecília de Amorim Lemos, Gerente de Serviços Educacionais de Idiomas da Santillana. Trabalhando com formação de professores depois de ter sido professora nessa função, ela observa uma mudança no espaço ocupado pelos professores de inglês nas escolas: "O ensino de língua estrangeira começou a ganhar importância na última década. Antes disso, o professor de inglês era alguém que fez intercâmbio, aprendeu a língua e começou a dar aulas. Houve uma mudança, no sentido de uma exigência maior na qualificação desse professor, já que a demanda aumentou. Só que essa qualificação, que dê conta das exigências que acontecem atualmente em cima desse profissional na escola, não é oferecida nos cursos superiores de Letras", observa Maria Cecília, destacando que entre 2014 e 2019 houve um crescimento de 10% nas escolas bilíngues. "Eu costumo dizer, me dirigindo aos professores de inglês, que eles são as pessoas mais importantes da escola, porque são *experts* não em conteúdos específicos, como o de Matemática, mas em comunicação, que é uma das competências mais valorizadas no mundo de hoje. O conhecimento como conteúdo está, atualmente, na ponta do dedo de todo mundo. Mas geralmente em inglês". Ela observa que já faltam profissionais preparados. E salienta: "A necessidade de se ter mais cidadãos bilíngues no país é um caminho sem volta".

PROGRAMAS DE ENSINO BILÍNGUE

Muitas escolas, conscientes dessa necessidade de oferecer aos seus alunos uma exposição maior ao idioma inglês, entendido hoje como a língua de comunicação planetária, mas igualmente conscientes da falta de professores com fluência e em número suficiente para formar uma equipe bilíngue, vêm optando pela contratação de programas de ensino bilíngue. Diferentemente de uma mera extensão no número de horas dedicadas ao inglês no contraturno, os programas bilíngues se propõem a ter algumas áreas do conhecimento ensinadas nas duas línguas, tendo como personagem central o professor de inglês da escola. É dessa for-

O QUE PROPÕEM AS DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO PLURILÍNGUE?

AS DIRETRIZES CURRICULARES sobre oferta de Educação Plurilíngue, elaboradas pelo Professor Ivan Claudio Pereira Siqueira e apresentadas junto ao Conselho Nacional de Educação, além de estabelecerer critérios para a oferta de educação bilíngue, propõem a criação de uma política pública voltada ao bilinguismo. Seu autor justifica essa necessidade: "Nosso papel, como membro do Conselho, é fazer um documento que estimule o governo a investir, mas os recursos precisam vir dele. Na esfera privada, esse movimento rumo ao bilinguismo já está acontecendo, mas na rede pública ainda é muito incipiente. E se não houver um investimento por meio de uma política pública robusta e continuada, o Brasil ficará atrasado em relação aos seus vizinhos, que já se mobilizaram nesse sentido. Se fizermos minimamente as recomendações indicadas no documento, no espaço de uma geração a situação já será diferente", observa Ivan Siqueira, citando Uruguai, Chile e México como exemplos de países que já possuem uma tradição de mais de uma década de ensino bilíngue.

Entre as recomendações ao MEC estão o estabelecimento de parcerias com as universidades, a criação de uma plataforma digital com recursos didáticos para a educação plurilíngue e a adoção de padrões de avaliação e de certificação de proficiência linguística e em conteúdos para os estudantes. "Ter uma população bilíngue traz inúmeras vantagens para um país. A questão é que os cursos de Letras se mantêm na tradição de ensinar língua. Ali se aprende literatura, e a língua é usada em termos de fala, leitura e escrita. Esse modelo não é mais adequado para hoje", comenta Siqueira.

No entanto, se forem homologadas, as Diretrizes devem causar um rebuliço em muitas escolas que atualmente se apresentam como bilíngues, já que, entre outras determinações, elas pedem a comprovação, por parte dos docentes, de proficiência em nível B2 do Commom European Framework for Languages e uma formação complementar em Educação Bilíngue, como curso de extensão com no mínimo 120 horas; pós-graduação *lato sensu*; mestrado ou doutorado reconhecidos pelo MEC. Poucos profissionais teriam atualmente essas credenciais.

> Diferentemente de uma mera extensão no número de horas dedicadas ao inglês no contraturno, os programas bilíngues se propõem a ter algumas áreas do conhecimento ensinadas nas duas línguas.



ma que funciona, por exemplo, o Programa de Ensino Bilíngue Educate, oferecido pela Santillana, que tem conteúdos integrados à aprendizagem de uma segunda língua seguindo uma metodologia chamada CLIO (*Content Language Integrated Learning*). A proposta é trabalhar a partir de questões essenciais (*Essential Questions*), que funcionam como temas geradores para as aprendizagens.

O papel do professor de inglês no Educate é explicado desta forma por Maria Cecília: "O nível de aprofundamento dos conteúdos de outras disciplinas não é tão grande. Ou seja, esse professor de inglês não vai ser responsável por dar o currículo de ciências, como numa escola bilíngue. No Educate o que há é um alinhamento com a BNCC para que os temas que estão sendo estudados em Matemática ou Ciências, por exemplo, também sejam trazidos pelo professor de inglês, formando assim um círculo virtuoso, já que o professor de inglês reforça aquele conhecimento que o aluno já teve na aula de Ciências. Dessa forma, a língua passa a ser meio; ele não está estudando gramática, mas um conteúdo acadêmico".

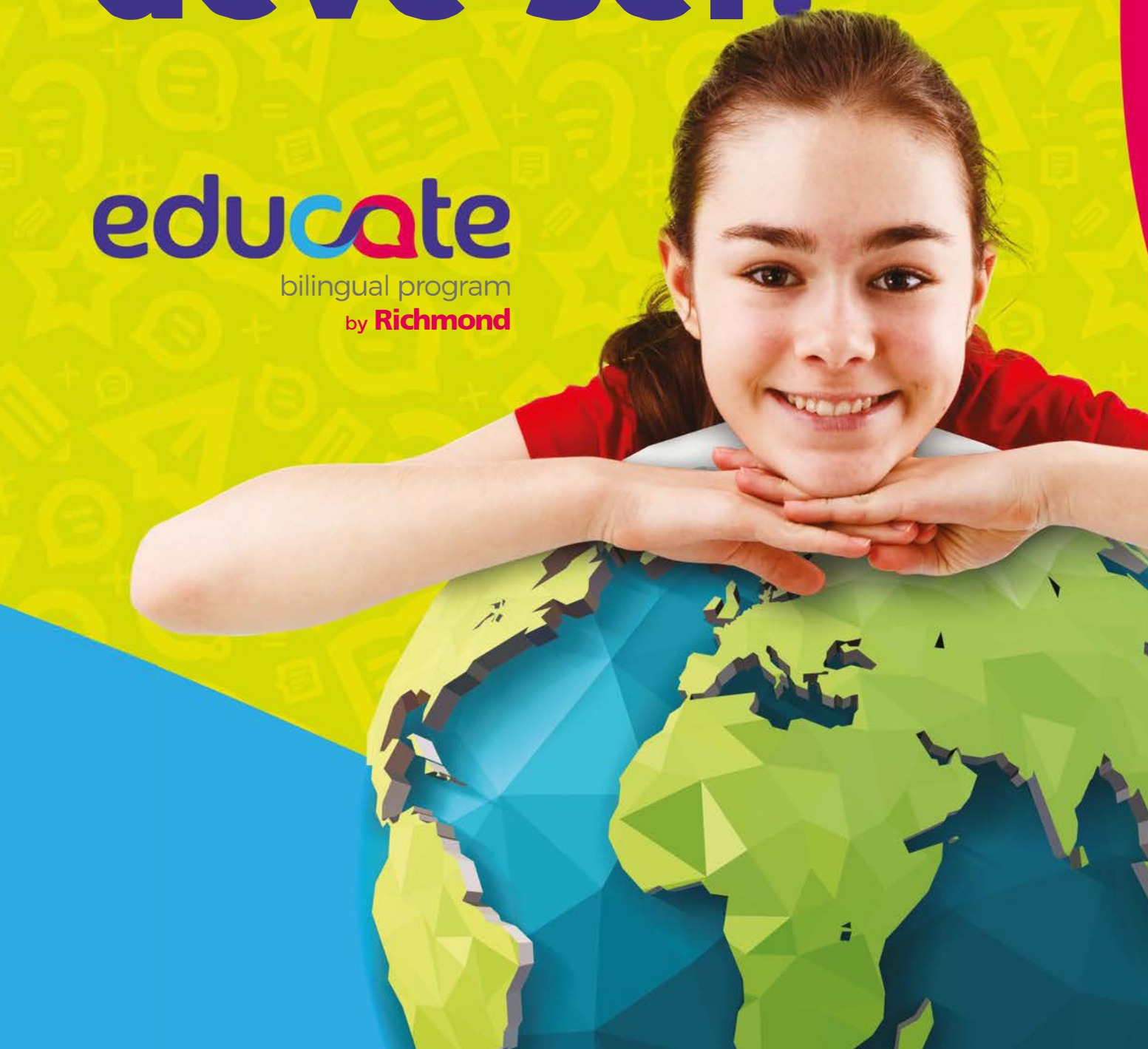
Quando a escola assina um contrato para adotar o Programa Educate, a assessoria pedagógica tem início com o estudo detalhado do planejamento escolar, junto aos gestores e ao professor de línguas, para a escolha dos conteúdos que serão ministrados. Um trabalho de formação permanente junto à peça-chave dessa engrenagem, o professor de línguas, começa a ser feito. Ao final da formação, o programa oferece uma certificação internacional, sem custo adicional (essa certificação também é oferecida aos estudantes).

INGLÊS COM VIÉS CRÍTICO

Além do material didático, para os estudantes e suas famílias o programa disponibiliza uma biblioteca virtual com mais de 6 mil títulos. "Esse acervo digital abrange diversos temas, e tem formatos variados, como livros, histórias em quadrinhos, vídeos, filmes etc. Há, também, ambientes gamificados e objetos digitais interativos. E o Teacher's Guide, que, além das orientações didáticas, traz informações de conteúdo relacionadas aos temas que serão apresentados pelo professor de inglês", destaca Izaura Valverde, gestora da Santillana Educação. Para ela, o programa enxerga o inglês como ferramenta de ampliação da cultura, por ser o meio de conexão e informação sobre o que está acontecendo no mundo. "O que propomos é uma visão crítica, não só consumista, da aprendizagem de uma cultura. Não existe mais essa história de inglês americano ou inglês britânico. É o inglês do mundo. É você abrir a possibilidade de o jovem conversar com um estudante paquistanês, ou colombiano, é tirar a hegemonia imposta por esses países dominantes, de forma que ele aprenda muito mais do que uma língua." Seguindo a mesma linha de raciocínio, Antonieta Megale observa que "aprender inglês é importante até pelo seu caráter de subversão. Eu aprendo inglês para que a minha voz seja ouvida. E essa aprendizagem é melhor quando é uma possibilidade que se abre, e não uma língua imposta".

Fluente como a vida deve ser.

educate
bilingual program
by Richmond



UMA MARCA
SANTILLANA
EDUCAÇÃO

"O" PROGRAMA BILÍNGUE
para a sua escola!

Educação Infantil ao Ensino Médio

Educate Bilingual Program tem a flexibilidade que você precisa para posicionar sua escola em um novo patamar de educação.

Recursos de aprendizagem

- Plataforma de aprendizagem e sala de aula digital.
- Projetos semestrais para mensuração da aprendizagem e apresentação às famílias.
- Biblioteca digital com mais de 6 mil títulos literários.

Compromisso com a sua escola

- Marketing Educacional completo.
- Consultoria acadêmica especializada e progressiva.
- Programa de desenvolvimento contínuo de professores.
- Certificação internacional para professores e alunos sem custo adicional.
- Muito mais benefícios para a gestão financeira da escola.



Agende uma reunião e entenda a diferença!

http://mod.lk/espeduc

0800·772·1040 • www.educate.global

Richmond
Solution

Inglês com garantia de resultado!



Hoje, oferecer uma educação flexível, tecnológica e de qualidade é fundamental para o ensino de inglês. Tudo isso se torna possível e mais simples com **Richmond Solution**.

01 **Ambiente virtual exclusivo** para professores e alunos.

02 **Certificação internacional** para alunos e professores sem custo extra para a escola ou para as famílias.

03 **Plataforma de aprendizagem e sala de aula digital** com variedade de recursos didáticos.

04 Resultados comprovados por meio de **evidências de aprendizagem** durante todo o processo.

UMA MARCA
SANTILLANA
EDUCAÇÃO

Richmond Solution conta, também, com uma **biblioteca digital gamificada**, com mais de 6 mil títulos literários para que as famílias não tenham gastos extras.

Disponibilizamos ofertas personalizadas que respeitam o momento e as necessidades da sua escola.



Quer conhecer mais?

Agende uma reunião com nossos especialistas.

http://mod.lk/espcrich

www.richmondsolution.com.br | 0800 772 1060

A retomada das aulas e o futuro das escolas

Com a volta às aulas presenciais, a grande pergunta é se as escolas vão retroceder ou avançar rumo ao futuro da educação. E que futuro será esse?

TEXTO *Paulo de Camargo*



O COLÉGIO ÁGUIA, na cidade de Belo Jardim, a 50 km de Caruaru, abriu suas portas há 38 anos. Quando a pandemia obrigou o fechamento da escola para as aulas presenciais, sua terceira unidade tinha acabado de ser inaugurada. Como se tivesse sido planejada para os protocolos que meses depois seriam adotados, a instituição tinha as salas abertas, ventiladas, com novas salas de aula, laboratórios e área externa. Por isso, os espaços não foram o principal desafio para a retomada das aulas presenciais. "Não foram necessárias novas obras físicas, nem subir paredes, porque nossos espaços já comportavam as necessidades", diz o diretor Davi Henrique Veloso, que nasceu apenas 18 dias depois da criação da escola e sempre teve sua vida ligada ao projeto educativo.

De resto, tapetes sanitizantes, álcool em gel 70°, distanciamento mínimo e suspensão de atividades físicas com contato compuseram o protocolo.

O foco principal foi trabalhar pelo equilíbrio da equipe. Para fazer frente ao medo, à ansiedade, à tristeza dos educadores que voltavam para a escola, o Colégio Águia investiu em atividades com psicólogos, formações no campo socioemocional e em práticas recreativas. O passo transformador foi o esforço necessário no uso de tecnologia. "Sabíamos antes que precisávamos avançar nesse campo, mas fizemos planos para que isso acontecesse ao longo de cinco anos. Com a pandemia, tudo se tornou muito urgente", diz Davi Veloso. »



» A partir da compra de equipamentos, da melhoria da infraestrutura de rede e do treinamento das equipes, a escola pôs em prática um projeto de aulas remotas, que ainda está em funcionamento. Como também realiza consultoria para outras escolas, Veloso sabe bem como havia grandes defasagens. "Vi muita gente gravando aulas pelo WhatsApp", lembra. Esse legado colocou sua escola em outro patamar e abriu espaço para novas práticas no pós-pandemia, conforme a expectativa de Davi.

Cecília Chiari, gestora educacional da Escola Axis Mundi, em Campinas (SP), tem uma percepção parecida. Seu ano começou com um intenso planejamento para a retomada, com providências materiais como a separação dos portões de entrada e saída, a redivisão de turmas para o uso alternado dos espaços, a abertura de novas salas com divisórias flexíveis e mais aberturas para a ventilação. Todavia, há algo novo na experiência da Axis Mundi: assim como perdeu muitos alunos no início da pandemia, agora a instituição cresce rapidamente com a chegada de egressos da rede pública, que buscam uma educação com mais recursos para enfrentar as limitações impostas pelo vírus.

Cecília, que viajou por diferentes países para conhecer propostas educativas inovadoras, trouxe diversas práticas que, agora, se mostram muito relevantes. Por exemplo, incluir a comunicação com a família como parte do processo avaliativo. A aferição da aprendizagem não se resume a avaliações quantitativas, mas inclui um olhar compartilhado por meio do diálogo com o aluno e com seus pais — que, afinal, participaram diretamente no período das aulas remotas. "Olhei muito para o que mundo estava fazendo e trouxe para as nossas práticas. Precisamos ser conscientes de que não houve só perdas pedagógicas. Foi um momento em que todos nos reavaliamos, os pais também se reavaliaram. A educação se humanizou, ficou mais real", afirma a diretora.



UM OLHAR PARA O FUTURO

Há muitos pontos em comum no que as escolas viveram ao longo de dois anos de inédita dificuldade nas escolas. De um lado, todos viveram as dores da perda, do distanciamento, da incerteza angustiante e da necessidade de recompor a aprendizagem. De outro, ouve-se dos diretores o relato dos legados, do esforço feito para manter a educação viva, o que implicou colocar em pé projetos de educação baseados em tecnologia, bem como rever as relações com a família. Nesse período intenso e de de grande esforço na formação, comparado por muitos especialistas ao avanço de uma década em um ano, no ponto de vista da proficiência dos professores, foi possível dar o primeiro passo para uma educação híbrida, em que a tecnologia estará mais ativa no cotidiano pedagógico.

Por um lado, é consenso entre os diretores que as equipes pedagógicas se sentiram mais potentes para encarar novos projetos. Essa é a percepção da diretora Roberta Mardegam, Diretora Executiva da RRA Associação Educacional, que reúne escolas na Zona Norte de São Paulo, como o Cermac e a bilíngue High Line. "Aumentou muito a velocidade com que os professores abraçam todas as mudanças para vivenciar novas formas e a experiência de aprendizagem, e não apenas pela tecnologia. Se antes eu tinha um professor animado para cada dez resistentes, hoje é o inverso. Isso acaba sendo positivo para a experiência do aluno", conta Roberta. Além disso, o fato de os alunos ficarem menos em sala de aula e mais em outros espaços abertos, para seguir os protocolos estabelecidos pela gestão, também vem trazendo resultado positivo. "A aula sai do giz e lousa, traz mais práticas, mais vivências", explica.

Por outro lado, quem esperava uma arrancada rápida em direção ao futuro pode estar decepcionado. Havia, por exemplo, a aposta em uma evolução rápida das aulas remotas para um redesenho curricular em direção ao modelo híbrido — em que os alunos podem estar trabalhando em diferentes projetos, por exemplo, em estações, de forma concomitante em ambientes virtuais e físicos. Contudo, a arrancada inicial parece estar arrefecendo.

Pistas nesse sentido vêm do Christensen Institute, dos Estados Unidos, que ao longo da pandemia publicou diversos estudos sobre a adoção de estratégias denominadas *blended*, como é o caso do híbrido e da aula invertida. Se os dados iniciais, colhidos entre 2020 e 2021, indicavam o crescente



uso dessas estratégias, os dados mais recentes mostram o contrário. Ouvindo mais de mil professores estadunidenses, o levantamento feito mostrou que, se um quinto dos professores trabalhavam com o método da sala de aula invertida, no primeiro semestre de 2021, menos da metade esperava usá-lo no pós-pandemia.

Com base nos resultados, o pesquisador Thomas Arnett, autor do artigo Is blended learning in decline?, escreveu: "Eu esperava que a ampla exposição ao aprendizado on-line levasse pelo menos alguns professores que experimentaram benefícios com sua implementação a continuar usando as ferramentas que descobriram durante a pandemia. Esse uso contínuo, portanto, levaria a um aumento geral na adoção do *blended learning* pós-pandemia quando comparado à adoção pré-pandemia". Para sua decepção, os dados apontaram para o sentido inverso. "O uso planejado pelos professores dos vários modelos de aprendizagem combinada pós-pandemia foi muito menor se comparado com os dados da pesquisa da primavera de 2021", informou.

Entre as hipóteses que apresenta, é possível que o movimento ainda represente uma tendência pequena para aparecer nas estatísticas norte-americanas, que incluem 13 mil sistemas escolares. Da mesma forma, pode ser preciso avançar na compreensão, pelos entrevistados, da definição dos conceitos utilizados no estudo.

Para a diretora do Colégio Rio Branco, Esther Carvalho, autora de pesquisas e livros sobre gestão de processos inovadores, é uma ilusão esperar movimentos disruptivos nas escolas, como muitos pensaram ao longo da pandemia. "Inovação na escola tem natureza incremental. Envolve o estabelecimento de uma cultura organizacional que valoriza a atitude de fazer boas perguntas e de buscar novos caminhos", explica.

Espera-se que as novas práticas surjam de recursos tecnológicos adquiridos, como foi o caso de muitas escolas e redes que investiram em novos equipamentos ao longo do período de isolamento, especialmente para a transmissão de aulas on-line. "Muitas vezes recursos tecnológicos são trazidos e implementados, mas não necessariamente impactam em inovação. São o que chamo de vitrines de modernidade", analisa a gestora. Para ela, o processo de inovação deve contemplar o olhar do aluno e deve trazer a família para perto.

Da mesma forma, Esther Carvalho acredita que os pais precisam ser envolvidos. "As grandes mudanças demandam comunicação, reflexão e acolhimento das angústias e receios das famílias, assim como a atitude de viver, positivamente, a experiência da construção e do novo", reflete.

OS 4 CENÁRIOS DA OCDE

Outros estudos sobre a educação do futuro buscam tratar um cenário estrutural mais amplo, que parte do conjunto de transformações sociais, econômicas e tecnológicas que vêm ocorrendo no planeta. É o caso de uma edição publicada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), no final de 2020. Analisando dados das 38 nações que integram a organização, a maior parte composta por países ricos, a OCDE traçou quatro cenários possíveis para a Educação no estudo De volta para o futuro da Educação: 4 cenários para a escolaridade.

Evitando previsões futuristas, o trabalho busca apoiar as discussões sobre as visões de longo prazo dos sistemas educativos, sem fechar questão sobre nenhuma hipótese. Parte de questões-chave, como: para enxergar o devir da Educação, até que ponto nossas estruturas atuais ajudam ou atrapalham nossa visão? "Dito de outra forma, se hoje nos encontrássemos com um marciano, procurando dicas sobre como projetar seu próprio sistema educacional, o que sugeriríamos? Começamos com as escolas e o ensino como os conhecemos agora e aconselhamos a modernizar e afinar o sistema? Ou seria preferível recomendar uma maneira totalmente diferente de usar as pessoas, os espaços, o tempo e a tecnologia?", pergunta o diretor de Educação da OCDE, Andreas Schleicher.

Para responder a essas indagações e ajudar a organizar o pensamento estratégico sobre o futuro da educação, a OCDE partiu de megatendências para agrupar quatro linhas principais de possível evolução da escolaridade, da mais conservadora à mais radical. Em nenhuma delas as coisas continuam como estão. »



» O primeiro cenário traçado pelo estudo, denominado Escolaridade Ampliada, é um aprofundamento do modelo de escola que conhecemos, ou seja, sistemas massivos, marcados pela uniformidade curricular e com objetivo de assegurar direitos educacionais para as populações. Reconhecidos como fundamentais para o mundo produtivo, os sistemas de ensino continuam a ter um caráter de governança oficial, burocrática, baseada em currículos nacionais e apoiado no monopólio da certificação formal de conhecimentos, como caminho para incluir parcelas cada vez mais amplas do conjunto da população. Ao mesmo tempo, a colaboração internacional e os avanços tecnológicos apoiam a aprendizagem.

O segundo cenário desenhado pela OCDE vê a educação com mais influências de fora das redes oficiais, como se contasse agora com aportes externos ao sistema — daí o nome Education outsourced (educação terceirizada). Por essa perspectiva, já há um abalo significativo na estrutura que conhecemos hoje.

"Os sistemas escolares tradicionais desmoronam à medida que a sociedade se empenha na educação e busca complementar a formação oferecida na escola. Nesse caso, a aprendizagem se dá por meio de formas mais diversificadas, acordos privatizados e flexíveis, sendo a tecnologia digital um fator-chave", define o estudo. A previsão é uma redução da presença dos padrões burocráticos de governança oficial. Ou seja, parte da responsabilidade continua a ser das escolas, mas há cada vez mais diversidade na formação, em uma espécie de mix de escolha dos pais, da compra de serviços privados complementares e a escola oficial, em arranjos mais flexíveis.

O terceiro cenário, denominado Escolas como *hubs* de aprendizagem, parte da permanência institucional da escola, mas modificada. As escolas se tornam mais fortes e mantêm parte substancial de suas funções, como centros de gestão do conhecimento. A diversidade e a experimentação, em busca de uma educação mais personalizada, se tornam regra. Nesse desenho, diz o estudo, a abertura dos "muros da escola" conecta as instituições às suas comunidades, favorecendo a mudança constante das formas de aprendizagem, engajamento na vida coletiva e na inovação social. Por isso, os arranjos locais, como ecossistemas de aprendizagem, ganham força, uma vez que o sistema não é baseado na uniformidade da formação, como no caso dos sistemas atuais.

Por fim, no modelo mais disruptivo, denominado *Learn-as-you-go*, que pode ser livremente traduzido como "aprenda na jornada", a escola perde a centralidade no processo da educação, demolida por um contexto dominado pela inteligência artificial e outras tecnologias, como a realidade aumentada e a internet das coisas. As fronteiras entre o formal e o informal, bem como entre educação, trabalho e lazer, se tornam tênues. Nessa perspectiva, o processo acontece em todos os lugares, a qualquer hora.

ESCOLHAS ÉTICAS

Evidentemente, os cenários não são estanques e podem conter, em si, elementos de cada um dos outros. Trazem em si, também, questionamentos, riscos e contradições sobre as quais as sociedades precisarão discutir. Daí a importância de se considerar tendências já em curso, sobre as quais existem evidências: os cenários permitem pensar sobre esses temas complexos, que demandam bem mais do que intuição e achismo. Com paradigmas em transformação, torna-se necessário apoiar a



opinião na análise de dimensões de fato estruturais, inclusive para lutar pela visão na qual cada gestor acredita.

Na verdade, trata-se de um exercício cada vez mais central, do qual os educadores, mergulhados nos desafios diários, muitas vezes não se dão conta: pensar no futuro não como ficção científica, mas como uma aventura da qual somos parte. Pensar estrategicamente sobre o que vem por aí ajuda a tomar as melhores decisões no presente, especialmente em cenários de incerteza, como o que vivemos. "A previsão estratégica baseia-se no princípio de que a nossa capacidade de prever o futuro é sempre limitada, mas que é possível tomar decisões sábias de qualquer maneira imaginando e usando múltiplos futuros", explicam os autores do estudo.

Esse pensamento traz vantagens como antecipar a identificação do que está mudando e como se preparar para isso, evitando pontos cegos. Além disso, quem pensa sobre o futuro encontra opções mais claras de ação participativa — e, assim, entende melhor as novas circunstâncias. Por fim, pode fazer testes de planos e estratégias, já antevendo diferentes possíveis cenários.

Alguns pares de opostos ajudam a entender o que está em jogo: há visões que acreditam no movimento incremental, de aprimoramento, a aqueles que apostam na quebra radical de paradigmas. É fácil encontrar exemplos nas evoluções recentes da tecnologia: negócios como Uber e Airbnb e a chegada dos carros autônomos (sem motoristas) mostram que ninguém está livre de um dia acordar e descobrir que o mundo mudou. Porém ainda existem táxis e hotéis, mostrando que o mundo comporta mais diversidade de formas e funções, que oferecem experiências mais personalizadas para uma sociedade cada vez mais diversa.

Há outros paradigmas em xeque. As diferenças entre as demandas atuais por educação e as estruturas hoje existentes, modelos ainda da era industrial, com salas de aula em que cresce a percepção de que aquilo que ensinamos não é o que os alunos deveriam estar aprendendo. Ou sobre a medida em que a educação deve deixar a perspectiva local para buscar a global, e vice-versa.

Vale refletir sobre uma das maiores preocupações para quem teme a extinção da escola: onde seres humanos vão se encontrar para aprender a conviver? Quanto podemos abdicar do contato físico, coletivo, comunitário, para focar em uma vida virtual, individualista, que parece mesmo caminhar para a dimensão do chamado metaverso? Boas perguntas, não é? Pois refletir sobre isso, e agir pelas escolhas, compete agora a cada diretor de escola pública ou privada.

Não se trata de uma discussão neutra, sobre as pressões que são exercidas pelo mundo econômico ou pela tecnologia. Falar sobre a escola é discutir que mundo queremos, com quais relações entre as pessoas sonhamos, que modelo de equilíbrio com o planeta desejamos. Enfim, que futuro queremos ter? Modelos educativos, seja de sistemas, seja dessa instituição denominada escola, são funções de escolhas éticas de cada ser humano, individualmente, mas também como coletivos — grupos sociais, comunidades, sociedade e, por que não, como humanidade. Qual é o futuro da educação pelo qual você se dispõe a lutar?

PARA SABER MAIS

- OCDE. Back to the Future of Education: Four OECD Scenarios for Schooling. [s.l.] OCDE, 2020. Disponível em: **mod.lk/ges22**. Acesso em: 2 mar. 2022.

SISTEMA FARIAS BRITO

Novo

Ensino Médio

Conheça o que o SFB tem disponível para seus alunos nessa jornada!



Fale conosco e conheça com detalhes tudo o que o SFB tem a oferecer à sua escola para transformar os seus alunos nos verdadeiros líderes do amanhã.



Por que escolher o novo Ensino Médio do SFB

UMA MARCA SANTILLANA EDUCAÇÃO

- Antecipação de conteúdos no 9º ano do Ensino Fundamental. Assim, o **3º ano do Ensino Médio é revisional, com foco nos principais exames**.

- **Núcleo de avaliações e simulados** que fornece análise completa de resultados, com relatórios que auxiliam na tomada de decisões.

- Parceria entre a **Organização Educacional Farias Brito**, escola referência em alto desempenho, e a **Santillana**, editora multinacional com coleções didáticas e programas educacionais.

- **Plataforma de Conteúdos** que permite ao professor utilizar recursos propostos pelo Sistema ou gerar suas próprias atividades, como videoaulas e testes.

- **Materiais com foco na matriz de competências e habilidades do Enem**, familiarizando o aluno com o Exame Nacional.

- Sistema colocador em vestibulares e em competições brasileiras e internacionais, focado em resultados e no **desenvolvimento da autonomia, da criticidade e do protagonismo e do aluno**.

- **Projeto de Vida e Eletivas** com temáticas significativas e estruturados para todo o Ensino Médio, sempre com material de orientação para professores. Alguns dos temas de 2021:



CENTRAL DE ATENDIMENTO

08007721050

www.sistemafb.com.br
atendimento@sistemafb.com.br

/sistemafariasbrito
@sistemafb

Acesse nosso site.

EDUCACIÓN QUE ROMPE FRONTERAS



Proyección con SANTILLANA ESPAÑOL

UMA MARCA SANTILLANA EDUCAÇÃO

SER PIONEIRO NA EDUCAÇÃO É TRILHAR UM TERRITÓRIO DESAFIADOR

Para sua escola se diferenciar em seu negócio, convidamos você a **redefinir as fronteiras da inovação** com uma nova língua certificada.

Afinal, a melhor forma de **superar a concorrência** é criar uma necessidade ainda não explorada!

Para isso, confie em **Santillana Español**!

MÓDULOS FLEXÍVEIS
QUANTO À CARGA HORÁRIA SEMANAL.

SOLUÇÃO EDUCACIONAL DE ESPANHOL
PARA ADOLESCENTES.

ALINHADA AO MCER (MARCO COMUM EUROPEU DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS).

Agende uma reunião
e expanda as fronteiras da educação na sua escola.
http://mod.lk/espsanti

Apresentação disponível em ***Formações Educatrix***:
WWW.MODERNA.COM.BR/EDUCATRIX

A Semana de Arte Moderna ontem e hoje

Um paralelo do centenário da Semana de Arte Moderna e como utilizá-lo para desenvolver a capacidade crítica e de correlação de contextos com os alunos.

TEXTO *Douglas Tufano*

CERTA VEZ, um aluno me perguntou: como podemos chamar de "moderno" um movimento artístico que tem cem anos? Os escritores de 1922 podem ser chamados de modernos ainda hoje?

Essa é uma boa pergunta, e muitos alunos devem pensar o mesmo. Por isso, é bom esclarecer logo isso dizendo que o Modernismo começou no início do século 20 mas foi se desenvolvendo em várias direções, muitas nem previstas pela primeira geração de artistas e escritores. E a Semana de Arte Moderna de 1922 é só uma espécie de marco cronológico inicial. O Modernismo não começou naquele ano nem ficou restrito àqueles escritores e à cidade de São Paulo. Podemos dizer que a Semana de 22 ajudou a reunir os que queriam mudar a situação artística e cultural do Brasil, sugeriu caminhos, mas não sabia bem aonde eles iam dar. Era antes uma atitude ou, nas palavras de Mário de Andrade, "um estado de espírito revoltado e revolucionário".

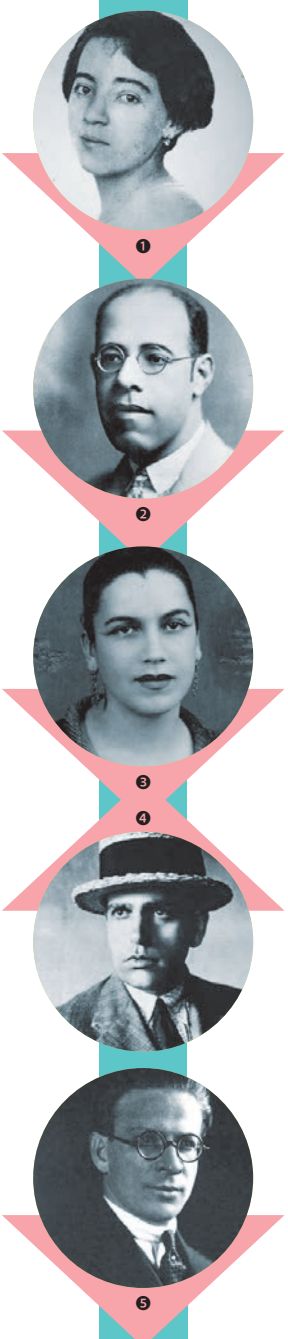
UM TOQUE DE ALARME

O próprio Mário de Andrade afirmou claramente que o movimento modernista era uma promessa, e não um projeto fechado, com tudo esquematizado. Nada disso. Disse ele, muitos anos depois: "O Modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e viram perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia. Mas é uma satisfação ver que o dia está cumprindo, com grandeza e maior fecundidade, as promessas da aurora".

A VIDA NÃO É SÓ ARTE

Hoje, vivemos a era da simultaneidade. Podemos saber instantaneamente o que acontece em qualquer parte do planeta. O adolescente que cursa o Ensino Médio hoje já nasceu nesse lugar de soluções em cliques. Nossos jovens estão acostumados a formular hipóteses, pesquisar caminhos e resolver problemas rapidamente. Mas é importante que saibam que nem sempre foi assim. Isso é agora. Cem anos atrás, em 1922, o mundo era completamente diferente. Falava-se ainda sobre as consequências da terrível Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Nunca se tinha visto tanta mortandade. Se hoje é muito difícil nos lembrarmos das notícias de quatro ou cinco anos atrás, naquela época, o ritmo de vida era outro. As notícias viajavam quase que de forma física e afetavam o pensamento e as formas de expressão artística das gerações mais jovens. »

Desenho de 1922 de Anita Malfatti mostrando o Grupo dos Cinco: Mário e Tarsila estão ao piano. Oswald (o mais gordinho) e Menotti estão deitados no chão da sala, enquanto Anita dorme no sofá.



1. Anita Malfatti 2. Mário de Andrade 3. Tarsila do Amaral 4. Oswald de Andrade 5. Menotti Del Picchia



O "GRUPO DOS CINCO"

Anita Malfatti. *O Grupo dos Cinco*, 1922. Tinta de caneta e lápis de cor sobre papel, 36,5 x 26,5 cm.



Cartaz da Semana de Arte Moderna feito por Di Cavalcanti.



O PALCO DO ESPETÁCULO

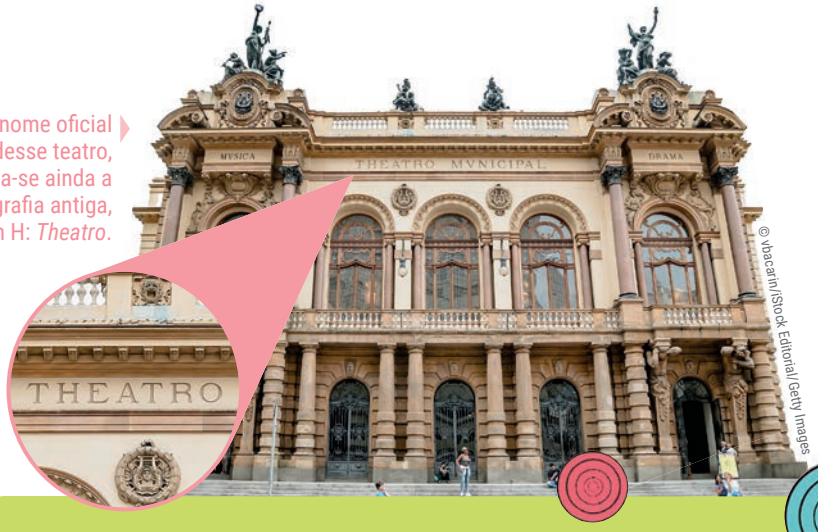
O THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO



© Eduardo Anizelli/Folhapress

Theatro Municipal de São Paulo, em foto recente.

No nome oficial desse teatro, usa-se ainda a ortografia antiga, com H: *Theatro*.



© vbacarin/iStock Editorial/Getty Images



© Weberson Santiago

» Uma sugestão didática importante para o professor é traçar um painel do que estava acontecendo fora do mundo artístico. Nesse sentido, o trabalho interdisciplinar com professores de História é fundamental. Na internet, há muitos documentários e filmes disponíveis sobre os primeiros vinte anos do século 20 que ajudam o aluno a se situar e a descobrir personagens, costumes e reflexões da época. Isso sem contar os cenários e as relações dentro das sociedades – bem menos globalizadas.

A INFLUÊNCIA DA ARTE ESTRANGEIRA

É clara a influência da arte estrangeira no movimento modernista. Quando a pintora Anita Malfatti volta da Europa influenciada pelos artistas de vanguarda que estavam fazendo um certo escândalo pela ruptura com a arte tradicional, ela promove em São Paulo um confronto inesperado entre o conservador e o revolucionário, entre o novo e o velho, desencadeando polêmicas, como o artigo de Monteiro Lobato conhecido como "Paranoia ou mistificação?", publicado em 20 de dezembro de 1917.

Em seu artigo, Lobato, um dos mais influentes críticos de arte da época, comentava de maneira sarcástica as novas tendências artísticas que aportavam em terras brasileiras. "Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude". Nesse trecho, Monteiro Lobato ressalta a importância da tradição (leis) e reverbera negativamente às investidas dos novos artistas nas releituras das artes clássicas.

Essa crítica feita cinco anos antes da Semana de Arte Moderna de 22 pode estimular um debate rico em sala de aula sobre a seguinte questão: hoje em dia também ocorrem essas discussões sobre a validade de novos estilos na arte, como na música e na pintura, por exemplo? Que exemplos podem ser citados?

Para os alunos terem uma ideia mais clara do que foi essa crítica de Lobato, um bom ponto de partida é propor um trabalho interdisciplinar com Arte, a partir de pesquisas complementares sobre os artistas ali comentados. Uma sugestão pode ser reunir a turma em grupos e orientar a montagem de um painel ilustrado de um dos estilos de pintura, por exemplo: Impressionismo, Expressionismo, Cubismo ou Futurismo.

O FESTIVAL: 13, 15 E 17 DE FEVEREIRO DE 1922

A presença de uma artista consagrada, como a pianista Guiomar Novaes, e de Heitor Villa-Lobos, compositor de música clássica que já estava fazendo sucesso, mas nunca tinha se apresentado em São Paulo, deu aos três dias do festival certa garantia de seriedade e profissionalismo. Já as vaias e os tumultos durante as leituras de textos dos escritores modernistas passaram uma imagem de "molecagem", de "brincadeira de mau gosto", como disseram muitos críticos.

Anita Malfatti assim descreveu o momento em que Oswald de Andrade ia ler seu texto: "Quanto mais a vaia subia com silvos, gritaria e apupos, mais calmo e feliz ficava o Oswald, e sua voz muito suave, mas de registro intenso, foi aumentando de volume até terminar tudo que queria dizer".

Além disso, a exposição de pinturas modernas no saguão do recente e mais chique teatro da cidade também foi um choque para a maioria da plateia, acostumada com uma arte mais tradicional e bem-comportada, que tinha o objetivo de ser uma espécie de cópia da realidade. Por isso, a liberdade no uso das cores e a pouca preocupação com a exatidão do desenho provocaram muitas críticas dos conservadores, que não viam essas telas como autênticas obras de arte.

Mário de Andrade tentou explicar um pouco em que consistia a arte moderna ali exposta, mas não conseguiu ser escutado. O clima era de confronto. Ele mesmo escreveu, anos depois: "Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?".

Uma dica pedagógica interessante é propor à turma a elaboração de uma exposição virtual das obras exibidas durante a Semana de Arte Moderna, por meio de uma pesquisa na internet.

A SEMANA FOI IMPORTANTE?

Como um festival de arte moderna, ridicularizado por muitos jornais, que provocou tumultos e brincadeiras, que foi completamente ignorado pela população em geral, acabou ficando na história e ainda estamos falando dele, um século depois?

Antes de tudo, vale destacar que a Semana de Arte Moderna não criou o Modernismo. Foram os escritores modernistas que fizeram a Semana de Arte Moderna. Isto é, as ideias de renovação já estavam circulando pelo menos uns dez anos antes. Havia atitudes de contestação em outras cidades, experiências inovadoras, ruptura com a linguagem tradicionalista, mas eram quase sempre iniciativas individuais e não um



Nesta tela de 1933, *Operários*, de Tarsila do Amaral (óleo sobre tela, 150 x 205 cm), temos uma espécie de painel da mistura étnica em São Paulo nas primeiras décadas do século XX. São operários das fábricas e dos prédios que vemos no fundo da tela. Observe bem cada rosto que fita o espectador. De onde vêm eles? O que esperam de São Paulo? São rostos felizes?





Apesar de terem o mesmo sobrenome final, Mário e Oswald não eram parentes. Os seus nomes completos eram: Mário Raul de Morais Andrade e José Oswald de Sousa Andrade.

© Weberson Santiago



© Tarsila do Amaral Empreendimentos - Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

A palavra **klaxon** era o nome que se dava à estridente buzina exterior que havia nos primeiros automóveis.



© GUSAK OLENA/Shutterstock



© Weberson Santiago

forte movimento coletivo, como houve na cidade de São Paulo naquele momento. Mas depois, cada artista ou escritor seguiu seu próprio caminho, explorando a liberdade criativa pregada e conquistada pelo movimento.

Como lemos no início deste texto, o Modernismo não era um programa pronto e acabado a ser executado. A liberdade de criação foi, talvez, a mais importante conquista no campo artístico. Já vinha sendo praticada na Europa fazia algumas décadas, mas não no Brasil. E isso mudou o panorama da nossa arte e ajudou a formar um público mais receptivo às novidades, menos preso a fórmulas consagradas. Experimentar, inovar, ousar — esses são os verbos que passaram a inspirar os artistas, em todos os campos. Até hoje.

Os nossos jovens talvez não percebam, mas curtem essa liberdade o tempo todo. Há formas de arte para todos os gostos. Ninguém é obrigado a gostar ou elogiar apenas certas vertentes de arte. Essa liberdade é uma das consequências do movimento modernista. Por isso, Mário de Andrade afirmou que o Modernismo era uma aurora, uma promessa. Muita coisa ainda viria pela frente. Há vários momentos distintos dentro do amplo movimento que chamamos de Modernismo.

Nesse sentido, a sugestão é trazer para dentro da sala de aula um debate sobre a liberdade de criação dos artistas de hoje, em todos os campos (música, literatura, teatro, cinema, dança etc.). Segmentos sociais que antes não tinham espaço para se expressar artisticamente lutaram por isso e hoje podem expor suas criações. Trata-se ao mesmo tempo de uma conquista social e estética. Isso é bom para o desenvolvimento da cultura brasileira ou não? Por quê? Esse é um excelente tema para discutir em sala de aula, inclusive com exemplos levados pelos próprios alunos.

Conhecer a história da Semana de Arte Moderna é importante para podermos entender o ponto a que chegamos e por que é preciso seguir em frente. Quanto mais liberdade, melhor. Tanto na arte como na vida.

DOUGLAS TUFANO
é professor de literatura formado pela USP, atua no ensino médio há mais de 30 anos. É autor de vários livros didáticos de português, literatura e história da arte pela editora Moderna.

PARA SABER MAIS

TUFANO, D. *A Semana de Arte Moderna:* São Paulo, 1922. 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2021.

LANÇAMENTO



100 ANOS
do evento que transformou a arte no Brasil

Escaneie o QR Code e conheça mais sobre a obra



CONHEÇA TAMBÉM OUTRAS COLEÇÕES DE LIVROS DO AUTOR DOUGLAS TUFANO!



COLEÇÃO GIRASSOL:

Nesta coleção, passado e presente se aproximam: os jovens vão encontrar uma edição diferenciada e moderna dos principais clássicos da literatura brasileira e portuguesa.



SÉRIE NAVEGANDO:

Nas páginas dos livros desta série, as crianças farão as descobertas mais importantes da vida escolar, iniciando por temas ligados à Língua Portuguesa.



COLEÇÃO TRAVESSIAS:

Nesta coleção, os clássicos da literatura brasileira e portuguesa apresentam um minucioso trabalho de comentários e notas explicativas à margem do texto integral.



COLEÇÃO LENDO E RELENDO:

Por meio dos livros desta coleção, o jovem terá uma visão abrangente da cultura brasileira.



COLEÇÃO NA SALA DE AULA:

Livros didaticamente preparados e ilustrados para um trabalho de iniciação literária.



COLEÇÃO MESTRES DAS ARTES NO BRASIL:

Esta coleção apresenta aos alunos os artistas brasileiros.



COLEÇÃO ALMANAQUE DOUGLAS TUFANO ARTE:

Com os livros desta coleção, os jovens vão conhecer importantes momentos da História da Arte.

Conheça mais em
www.moderna.com.br/literatura

MODERNA

Fale conosco:

/editoramoderna @editoramoderna www.moderna.com.br 0800 017 2002

NOVO Pitanguá



FAÇA SUA ESCOLA VOAR MAIS ALTO!

O **Novo Pitanguá** é a solução educacional da Moderna que conta com abordagem **facilitadora**, para que a escola possa focar nos reais desafios da aprendizagem.

5 MOTIVOS PARA ESCOLHER O NOVO PITANGUÁ

- FORMAÇÃO INTEGRAL E CIDADÃ
- APRENDIZAGEM MÃO NA MASSA
- LITERATURA EXCLUSIVA
- PLATAFORMA EVA - AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM
- MARKETING EDUCACIONAL

Educação Infantil
A PARTIR DOS 2 ANOS

Ensino Fundamental
ANOS INICIAIS

NOVIDADE!

Conheça os **materiais complementares** disponíveis gratuitamente para professores no Portal do Pitanguá:

- ALFABETIZAÇÃO
- CALIGRAFIA
- TABUADA


UMA MARCA
SANTILLANA
EDUCAÇÃO
MKT • MODERNA
Solicite mais informações a um de nossos consultores.
Explore todo o potencial
do **Novo Pitanguá**
www.moderna.com.br/pitangua
MODERNA
moderna.com.br
0800 017 2002
/editoramoderna

Caminhos de espiritualidade na escola

Trabalhar a espiritualidade na escola ajuda na formação de melhores cidadãos.

TEXTO *Renan Nascimento*

NOS ÚLTIMOS ANOS temos visto muitas escolas desenvolvendo projetos que valorizam a dimensão espiritual na educação. Essa tendência se intensificou durante a pandemia de Covid-19, momento em que estudantes e professores, privados da convivência em sala de aula, tiveram de se reinventar e buscar um significado mais amplo, um sentido maior para o processo de ensino-aprendizagem e para suas vidas. Mais do que simplesmente transmitir conteúdos e ensinar conceitos, a escola passou a ser um espaço de desenvolvimento integral dos estudantes. Nesse sentido, dimensões que antes eram relegadas ao esquecimento em detrimento da dimensão cognitiva/intelectual ganharam importância para os envolvidos no processo educativo. Assim, numa íntima comunhão com a socioemocional, a dimensão espiritual tem sido fonte de desenvolvimento de valores e princípios para a formação de cidadãos que transformem o mundo num espaço de paz, justiça, compaixão, solidariedade, diálogo e encontro com quem pensa e age de maneira diferente, com culturas e tradições que têm suas multiplicidades e diversidades.

ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE

Ao longo da história, espiritualidade e religião sempre estiveram vinculadas, pois tanto uma como outra, eram utilizadas pelo ser humano na busca por uma realidade transcendente, por algo além de si mesmo. Mas, nas últimas décadas, a espiritualidade passou por um processo de ressignificação e ressurgiu com novas roupagens. Isso foi consequência da secularização pela qual passou a humanidade e das transformações que ocorreram na relação do ser humano com o mundo e com o sagrado. Se antes, a espiritualidade era "propriedade" das tradições religiosas, hoje ela pertence a diversas esferas da sociedade, desde a ciência até a educação.

De maneira geral, atualmente, a espiritualidade é concebida como dimensão que revela o que há de belo e mais significativo na vida. Por ela, o ser humano desenvolve a capacidade de ir além do que seus olhos veem e do que suas mãos tocam para mergulhar no que há de mais profundo em si mesmo e no outro. A dimensão espiritual ajuda a pessoa a encontrar sentido e valor em tudo o que faz e experimenta. Neste tempo de acentuadas transformações e grandes incertezas, a espiritualidade oferece àqueles que aspiram a voos mais altos, uma experiência de abertura e encontro com sua essência, com as pessoas com as quais convive e com o meio em que está inserido. »



» Essa visão antropológica e contemporânea de espiritualidade necessita readquirir contornos de transcendência quando atrelada à dimensão religiosa do ser humano. Essa "religiosidade" pode ser compreendida como uma forma de expressar a espiritualidade por meio dos elementos que a compõem e seus modos de ser, crer, proceder e conviver.

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: ABERTURA PARA A TRANSCENDÊNCIA

A transcendência está relacionada a tudo o que desperta em nós a sede de infinito e de horizontes maiores para a existência. É a capacidade humana de transpor o que limita e aprisiona, e de lançar-se para além do que existe no mundo. É a forma de simbolizar e dar sentido sagrado às coisas mais simples do cotidiano. Teológica e poeticamente, podemos dizer que transcendência é dar ao ser humano a oportunidade de vivenciar sua finitude como abertura para o infinito, de alcançar o céu com os pés no chão.

Nesse contexto, a infância e a adolescência se tornam períodos da vida mais significativos para o desenvolvimento de uma espiritualidade voltada para a transcendência. Parafraseando Leonardo Boff, podemos afirmar que crianças e adolescentes estão em pleno desenvolvimento da "exterioridade" compreendida como expressão corporal, mas também da "interioridade" entendida como universo psíquico interior, e, por fim, da "profundidade" como sinônimo de espiritualidade.

A criança tem como marca inata a curiosidade, a imaginação e a abertura para novas experiências, é um ser em constante transformação e que empreende a busca incessante por novas aprendizagens. Portanto, a infância é o contexto ideal para proporcionar experiências que potencializem a dimensão espiritual. O adolescente, por sua vez, está vivendo um período de profundas mudanças de todas as dimensões que compõem sua vida, desde a dimensão corporal, passando pela socioemocional até a intelectual. Na busca pela formação de sua identidade, ele é instigado a ir ao encontro dos outros, daqueles que fazem parte de seu núcleo de amizade e que o ajudarão a se conhecer por meio de relações vividas em diversos contextos, principalmente o escolar. É justamente nesse desejo de se conhecer e conhecer os outros que ele se abre para viver o novo e buscar a espiritualidade. O adolescente naturalmente busca transcender e ir além do que está posto. Quer ser como uma águia que se lança audaciosamente em voos mais altos, impulsionada pelo desejo de romper os limites e ser livre.

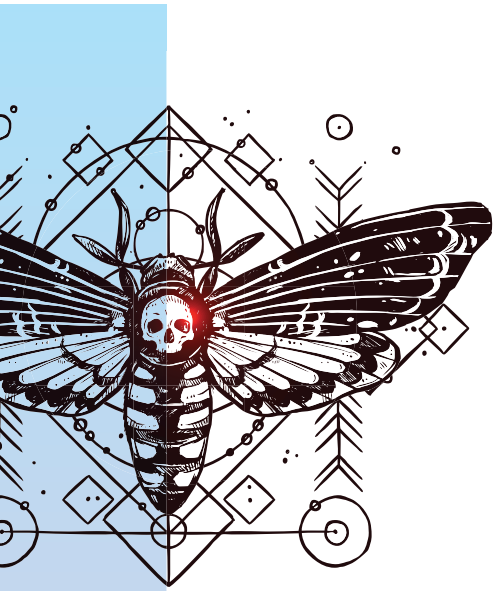
Nesse sentido, infância e adolescência passam a ser compreendidas como fases essenciais para a aprendizagem significativa de valores e princípios éticos que nascem e se fundamentam na vivência da espiritualidade. Abrir-se para a transcendência é o que o impulsiona tanto a criança como o adolescente a construir uma nova humanidade que pensa e age em benefício do bem comum.

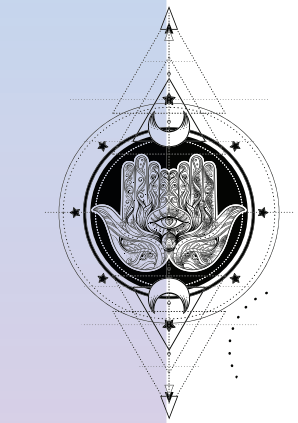
{QS} QUOCIENTE ESPIRITUAL

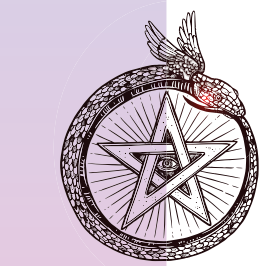
NO INÍCIO do século 20, o Quociente de Inteligência (QI) determinava nossa capacidade de raciocínio para solucionar problemas e questões de lógica. Psicólogos do mundo todo desenvolveram diversos testes para classificar o grau de inteligência das pessoas, indicando quais eram suas potencialidades, habilidades e talentos. Quanto mais alto o resultado, maior o QI.

Já no final do século 20, o psicólogo Daniel Goleman, em conjunto com neurocientistas e psicólogos, afirma que, além do QI, o ser humano é dotado de outra inteligência conhecida como Quociente Emocional (QE). Por meio dessa inteligência, as pessoas desenvolvem uma percepção mais apurada de seus sentimentos e emoções, assim como os dos outros com os quais convivem e se relacionam. Quanto maior o QE, mais as pessoas tendem a se tornar compassivas, empáticas, motivadas e capazes de reagir de maneira apropriada à dor e ao prazer. Se as áreas do cérebro que controlam as sensações e os sentimentos forem afetadas, nosso pensamento será menos eficiente. Essa é a conexão entre QI e QE.

No início do século 21, a filósofa e estudiosa da religião Danah Zohar e seu marido, o psiquiatra Ian Marshall, deram um passo adiante, afirmando a existência de um terceiro tipo de inteligência: o Quociente Espiritual (QS – do inglês *Spiritual Quocient*). Segundo Danah e Marshall, o QS é a inteligência do sentido e significado maior da vida. Com essa inteligência, o ser humano é capaz de resolver questões de sentido e valor, buscar horizontes mais amplos para sua existência e discernir sobre caminhos e ações significativas.









PAPA FRANCISCO: EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICAS

Na Encíclica *Laudato Si*, Papa Francisco conclama todas as pessoas e povos a formar os jovens por meio de uma educação e uma espiritualidade ecológicas. Assim, a escola pode contribuir para educar os jovens na experiência da autotranscedência como forma de superar o individualismo e toda espécie de utilitarismo, além de aprender a cuidar dos outros e do meio ambiente com generosidade e amor.

A BUSCA DE UM SENTIDO ESPIRITUAL NA ESCOLA

Não é preciso ser uma escola confessional para desenvolver a espiritualidade. Basta ser um espaço educativo em que os estudantes entendam, vejam e percebam um propósito no que estão aprendendo em sala de aula, na convivência com seus colegas e na relação com seus professores. A espiritualidade transparece nos gestos e nas atitudes de todos os que estão em constante e permanente relação com cada criança e adolescente. Os estudantes devem sentir que estão num ambiente que propicia naturalmente uma vivência espiritual como busca de sentido transcendente para suas vidas, em um lugar de autoconhecimento constante e de conhecimento mútuo. Esse ambiente permite que desenvolvam uma espiritualidade baseada na abertura para as diferentes visões de mundo e no diálogo com a diversidade de culturas e crenças.

Uma escola que proporciona experiências de espiritualidade não é aquela que ensina a rezar, mas a que oferece oportunidades para que os alunos possam compreender os porquês dos ensinamentos e não sejam movidos pelo "para que serve" o que estão aprendendo nos componentes curriculares, no sentido utilitarista da pergunta.

Outro ponto importante é a transformação do espaço escolar em local de experiências que desenvolvam e fortaleçam os aspectos positivos, as potencialidades e os valores das crianças e dos jovens. Isso pode ser feito por meio de vivências práticas no cotidiano que os ajudem a descobrir e usar a força espiritual interior, a criatividade, a imaginação, os sentidos e o desejo de ser melhor para si e para os outros.

Por fim, uma escola que busca formar pessoas espiritualmente desenvolvidas é aquela que ensina e aprende com as crianças e os adolescentes a descobrir o amor por meio de um ambiente de relações harmoniosas e acolhedoras, e que desperte a sensibilidade diante dos problemas do mundo, do sofrimento das pessoas e das dores da natureza com os elementos que a compõem.

RENAN NASCIMENTO
é licenciado em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque (1995) e em Pedagogia pela Faculdade Claretiano (2016); bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2001), pós-graduado em Psicopedagogia pela Universidade Estadual de Minas Gerais (1997) e em Ensino Religioso pela Universidade Católica de Brasília (2008); músico; leitor técnico e elaborador de conteúdo para livros didáticos; orientador educacional e coordenador da área de Ensino Religioso do Colégio São Luís, em São Paulo, desde 2002.

PARA SABER MAIS

- BOFF, L. *Tempo de transcendência:* o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BOFF, L. *Espiritualidade:* caminho de realização. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FRANCISCO, P. Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. Roma: Vaticano, 2015. Disponível em: **mod.lk/lrac22**. Acesso em: 12 fev. 2022.
- GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- RÖHR, F. *Educação e Espiritualidade*: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- ZOHAR, D.; MARSHALL, I. *QS*: Inteligência espiritual. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.

Educação política: a conscientização começa na escola

Enquanto o conhecimento político não estiver ao alcance de todos, continuaremos em um Brasil desigual. Uma educação básica que prepare para o exercício da cidadania propicia uma sociedade mais participativa e um país mais justo e menos desigual para todos.

TEXTO *Kamila Nunes*

EDUCAÇÃO POLÍTICA É educar para a cidadania. Trata-se de uma postura que precisa ser estimulada nos estudantes. Por isso, é importantíssimo que sejam abordados os direitos e os deveres civis e políticos na escola, que, por sua vez, devem ser vivenciados por meio de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores.

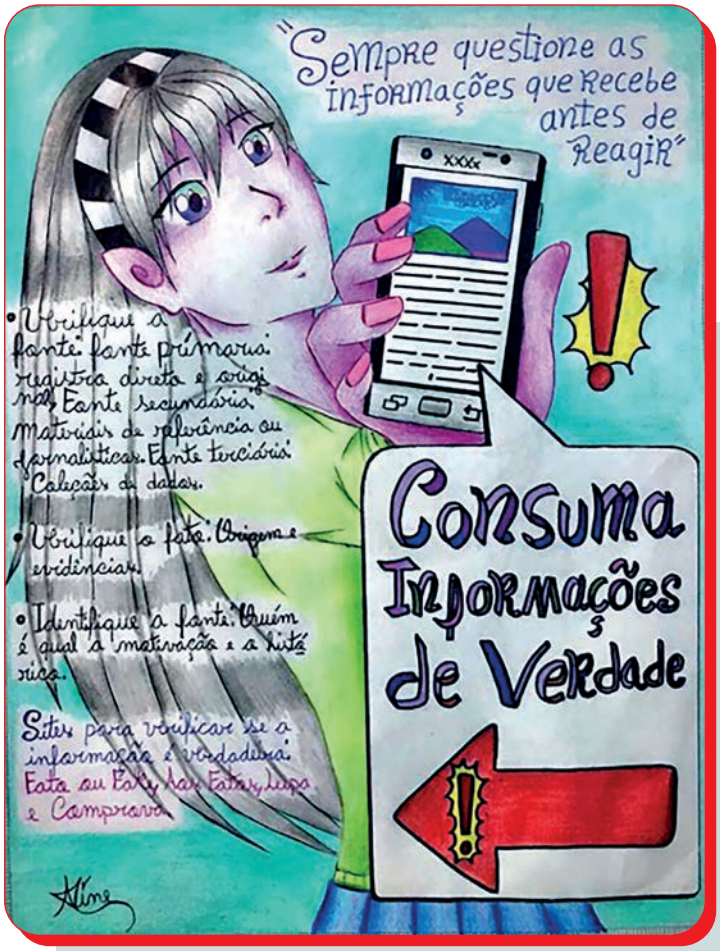
Oferecer educação política é o primeiro passo para a politização e a conscientização. Isso tem grande potencial de render benefícios para a democracia brasileira. Refletir sobre política é um exercício que permite o pensar na coletividade e implica exercitar a empatia, já que somos expostos às visões do outro. Sobretudo, leva-nos a pensar sobre nosso papel como cidadãos e no impacto de nossas ações na sociedade. A educação política fornece ferramentas para a cidadania ativa e, assim, colabora no empoderamento de pessoas, grupos e comunidades, estimulando a atuação em seus territórios. »



LIDERANÇA E CIDADANIA: Investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural, empreendedorismo.


Mídia e comunicação
Direito e acesso à justiça
Inovação e coletividade





» Os jovens devem ter na escola um ambiente para aprender desde cedo a fazer escolhas conscientes na hora de eleger representantes e de participar do processo democrático para além do voto. Esse cenário justifica a necessidade de dialogar, conhecer o sistema eleitoral, as funções dos cargos públicos, meios de participação na democracia, convívio coletivo e participação na vida pública, pois isto faz parte da formação cidadã e estimula a consciência e a apropriação de direitos e deveres com espírito crítico e autônomo.

A FALTA DE GARANTIA DA EDUCAÇÃO POLÍTICA E CIDADÃ NAS ESCOLAS

A escola deve ser um espaço adequado de formação e informação, em que a aprendizagem deve estar em concordância com os assuntos sociais que caracterizam cada momento histórico. As diferentes configurações de organização da sociedade e temas como política e cidadania devem ser abordados no ambiente escolar, com diálogo e debates entre educadores e estudantes. O ensino para o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao exercício da cidadania está previsto na Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e dialoga com diversas competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que aborda a temática da cidadania.

Mas, apesar de ser um direito garantido pela Constituição, a preparação para o exercício da cidadania está longe de ser uma realidade em todas as escolas. No Brasil, os documentos normativos de orientação curricular, os conteúdos e as aprendizagens mais relevantes do campo da educação política para a cidadania ainda precisam avançar nos livros didáticos e nas práticas pedagógicas dos educadores ao longo da educação básica. É comum, nos componentes curriculares de História e Sociologia, no Ensino Médio, haver algumas propostas de discussão, mas sem muito aprofundamento, que toca na história das instituições de Estado e na descrição mínima das institucionalidades políticas e das formas de participação convencional na democracia. É urgente a necessidade de garantir aos estudantes o que já está previsto em lei, para que possam exercer a cidadania ativa e impactar suas comunidades por meio de vivências plurais.

ELEIÇÕES NA ESCOLA

Em 2022, os debates em torno das eleições para deputados (estadual e federal), senador, governador e presidente vão fazer parte da rotina familiar e escolar. A chegada do período eleitoral traz uma ótima oportunidade para discutir com os estudantes a participação política na construção do país que desejamos. Entender como as escolhas que fazemos impactam nossa vida é fundamental para que passemos a fazê-las de maneira cada vez mais consciente. A sala de aula, como mencionado anteriormente, é o lugar ideal para ensinar e vivenciar aspectos da cidadania.





Você se deu conta de que, apesar de colocarmos o humano no centro, foi um vírus, uma entidade não humana, microscópica, que parou o mundo?



Esse processo é especialmente interessante para os estudantes do Ensino Médio que já estão prestes a se tornar eleitores, mas não deve ser desconsiderado para os estudantes do Ensino Fundamental, pois a política faz parte da vida. Ao falar de política, entendemos que há um lugar reservado ao confronto de ideias e percepções opostas. Nesse sentido, é essencial entender que o tema das eleições acaba impactando a todos em casa, nas redes sociais, pela televisão, entre amigos e, também, na escola. Todos vivenciam conflitos familiares ou entre amigos e precisam, de forma coletiva, encontrar uma conciliação ou um espaço de respeito para que as oposições sejam respeitadas. Há um grande aprendizado nesse processo que envolve argumentar, escutar o outro, negociar, ceder e respeitar as decisões diferentes da sua. Todas essas são ações essenciais no exercício da política.

PROGRAMA ESCOLA DA CIDADANIA ATIVA: EDUCAÇÃO POLÍTICA NO ENSINO MÉDIO

Após a implementação da Lei n. 13.415/2017 e a aprovação Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as mudanças para o Ensino Médio foram estabelecidas para todo o cenário nacional. Nesse sentido, após a Reforma, o currículo para o Novo Ensino Médio foi estruturado em duas partes: Formação Geral Básica e Itinerários Formativos. Assim, a carga horária foi alterada de 2.400 horas para 3.000 horas, sendo que 1.800 horas devem ser destinadas para a parte comum do currículo, previstas pela BNCC, e 1.200 para a diversificada, ou seja, que se encaixe nas realidades regionais e locais do território brasileiro.

Na proposta do Novo Ensino Médio permitiu-se que a parte diversificada — os Itinerários Formativos — fosse construída pelas Secretarias de Educação, pelas escolas ou por outras instituições. Como organização da sociedade civil sem fins lucrativos (OSC), o Politize! encarou essa resolução como uma oportunidade para levar diálogos sobre educação política e cidadania para o Ensino Médio de escolas públicas do Brasil.

O Programa Escola da Cidadania Ativa está sustentado na BNCC e na aprovação do Novo Ensino Médio. A iniciativa busca formar uma geração de cidadãos conscientes e comprometidos com a democracia por meio da parceria com as Secretarias Estaduais de Educação contando com o desenvolvimento de componentes curriculares, eletivas, trilhas de aprofundamento, material pedagógico, desenvolvimento de formações para professores(as) e estudantes. Atualmente, o Programa já possui projetos aplicados em São Paulo, Bahia, Sergipe, Amazonas, Roraima e Mato Grosso.

Os materiais são desenvolvidos levando em consideração instrumentos que permitem que os estudantes possam despertar o interesse pela vida pública. A abordagem pedagógica é baseada em metodologias ativas de aprendizagem, focando no protagonismo juvenil, reconhecendo o jovem como principal agente do seu próprio aprendizado com base em seis temáticas:

1. Cidadania local e global
2. Mídias e comunicação
3. Direitos e acesso à justiça
4. Inovação e coletividade
5. Políticas públicas
6. Participação e mobilização social

COMO ENSINAR DIÁLOGOS SAUDÁVEIS NAS ESCOLAS

A escola precisa estabelecer alicerces profundos para tornar e manter a sala de aula como um espaço democrático. É preciso trazer propostas que fortaleçam a comunicação saudável, a intencionalidade, os diálogos e as negociações e que, ao mesmo tempo, se conectem com a realidade da turma.

Para isso, é fundamental fortalecer nos estudantes processos de comunicação com base em conceitos como escuta ativa, comunicação não violenta, reflexão, estruturação e exposição de argumentos e mediação/negociação para resolução de conflitos, propondo que eles pautem o embate de ideias como um elemento fundamental para a consolidação da democracia e compreendam que temos responsabilidade pela maneira como nos colocamos em espaços de tomada de decisão. »

Percebeu que só foi possível continuarmos a nos comunicar, interagir, estudar e trabalhar em função das tecnologias digitais (TD) e da conectividade, entidades também não humanas?





» Essas são premissas da proposta da eletiva "Diálogo, debate e negociação", oferecida no Programa Escola da Cidadania Ativa do Politize!. O projeto sempre propõe que, como conclusão, os estudantes construam um coletivo social a partir de técnicas de comunicação saudável para refletir sobre uma situação-problema dentro da comunidade escolar e tomar uma ação prática para solucioná-la.

COMBATE A *FAKE NEWS* NAS ESCOLAS

A eletiva Informação e desinformação faz parte do Programa Escola da Cidadania Ativa e já foi aplicada nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Sergipe. A finalidade foi exercitar a compreensão crítica de como a checagem da informação auxilia no aprendizado e no desenvolvimento de uma cultura de respeito aos direitos fundamentais e às responsabilidades cidadãs, além de mostrar como os meios de acesso à informação podem ser utilizados como ferramentas para a verificação de dados e conteúdos, promovendo o pluralismo, o diálogo e a tolerância intercultural, que contribuem para o debate democrático e a convivência harmônica dentro do ambiente escolar. A investigação e a checagem da informação desempenham papel importante em nossa vida pessoal, econômica, política e social. Elas são necessárias para o desenvolvimento de uma população mais informada e participativa.

É necessário trabalhar conteúdos para compreensão dos canais de informação de investigação e checagem de fatos, além do conceito de pós-verdade, como: as principais ferramentas de veiculação, os processos de checagem das informações, como funcionam as bolhas digitais, o reconhecimento de como valores pessoais podem afetar a interpretação dos dados, identificando os apelos emocionais e as crenças que, muitas vezes, são utilizados para manipular e desinformar em massa, e instigar o debate sobre as consequências que essa desinformação tem para o convívio político e social.

A estudante Manuelle Hernandes, da escola General Mascarenhas de Moraes, em Elias Fausto (SP) ressalta a importância de a temática da desinformação ter sido apresentada em sala de aula. "Se não partisse de dentro da escola, muitos alunos não dariam a devida atenção ao assunto. Como a discussão é recorrente na internet, acabamos tendo uma falsa ideia de que já sabemos de tudo. Mas esse contato direto, para além da leitura, fez toda a diferença".

A eletiva contou ainda com a formação de professores, que puderam incorporar a temática a ser abordada em sala de aula. "Gostei muito da possibilidade de ensinar os estudantes a diferenciar dados de opiniões e separar as informações verdadeiras das falsas", relata Gabriela Silva Fonseca, que leciona nas escolas Bairro Jundiaquara e Professora Maria Angélica Baillot, no município de Araçoiaba da Serra (SP). "O resultado ficou acima das minhas expectativas. Percebi que os estudantes não tinham a compreensão de que as redes sociais eram tão complexas e repletas de conteúdos que não são necessariamente verdadeiros. Eles aprenderam muito", completa.

A escola é um espaço de experiências reais e formativas. É essencial que nossos alunos tenham um ambiente seguro e saudável para compreender e exercer sua cidadania. A política faz parte da vida em sociedade e, precisa ser um tema comum e não apenas de confronto. Dessa forma, torna-se fundamental educar para a cidadania.

KAMILA NUNES
é gestora do núcleo de Educação Básica do Politize!, mestra em História pela UFSJ, licenciada em História e Bacharel em Humanidades UFVJM. Atualmente, cursa MBA em Gestão de Projetos na USP.

PARA SABER MAIS

- Portal Politize! Disponível em: **www.politize.com.br**. Acesso em: 22 fev. 2022.
- BRASIL. Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, conversão da Medida Provisória n. 746/2016. Diário Oficial da União. Disponível em: **mod.lk/foco22**. Acesso em: 22 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília, 2018.
- REVISTA *Parlamento e Sociedade*, São Paulo, v. 6, n. 11, jul./dez. 2018, p. 11-15.
- BLUME, Bruno A. Educação política: o que é e qual seu propósito. Disponível em: **mod.lk/foco22_2**. Acesso em: 24 fev. 2022.

Greta Thunberg e a escola cidadã

Uma reflexão sobre o papel da escola nas discussões sobre mudanças climáticas e o que pensam alguns jovens ativistas sobre a urgência do tema.

TEXTO *Ricardo Prado*



AGOSTO DE 2018. Uma garota de 15 anos com expressão séria, cabelo dividido em tranças e roupas austeras, sobe alguns degraus do Parlamento sueco, em Estocolmo, e vira-se para o público que passa atribulado por uma das artérias mais movimentadas da cidade. Ela empunha um cartaz com os dizeres *"Skolstrejk för Klimatet"* (Greve das escolas pelo clima). Volta no dia seguinte, e no outro, não deixando de postar no Instagram e no Twitter a imagem do seu protesto solitário. A garota vira tema de reportagens na imprensa local, enquanto seu protesto viraliza na internet e diversas escolas começam a apoiar sua proposta, dentro e fora do país. Na semana seguinte, o mundo inteiro voltaria os olhos para Greta Thunberg, a adolescente que, com seu cartaz solitário de três palavras e uma determinação inquebrantável, iniciaria um movimento, *Fridays for Future* (Sextas pelo Futuro), que, no final de 2018, registrava greves escolares em 270 cidades, e protestos envolvendo cerca de 20 mil estudantes. Em 2019, chegou a mobilizar cerca de um milhão de jovens em todo o mundo.

Na Sessão Plenária da *COP 24* (Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas), com seu estilo direto, Greta acusou os líderes mundiais presentes de "não serem suficientemente maduros para contarem as coisas como elas são". Convidada para falar no Fórum Econômico Mundial de Davos, em janeiro de 2019, foi direto ao ponto: "Nossa casa está pegando fogo". Por fim, culminando um ano de intensa atividade — inclusive a conclusão do Ensino Médio — Greta »

O QUE FALA A JUVENTUDE?

Educatrix conversou com três jovens lideranças brasileiras sobre o ativismo socioambiental e a urgência de uma pauta tão coletiva que precisa ser cada vez mais mobilizada.

Meu povo Munduruku sempre foi muito organizado. Eu comecei a buscar entender o problema com a terra do meu povo em 2012, quando tinha 15 anos e estavam querendo instalar hidrelétricas no rio Tapajós. Em 2014, quando entrei na universidade, identifiquei qual era a problemática enfrentada pelo meu povo, tanto em relação à violação dos direitos quanto à posse do território. Participei de um movimento estudantil indígena na universidade com vários temas de mobilização. Em 2017, conheci o Engajamundo (www.engajamundo.org) e passei a participar.

O que dá certo é ser uma juventude falando para outras juventudes sobre mudanças climáticas. Ocupar os espaços de representatividade porque ter voz nesses espaços faz com que o interesse de outras pessoas também desperte. O que ainda precisamos avançar é a formação, já que essa questão climática não se vê muito discutida na escola.

Participei da* COP-25 *e da* COP-26*, porque havia feito outras formações, me preparando para levar a voz do meu povo, da realidade de tantas pessoas ao meu redor. Existem várias organizações empenhadas nessas formações e nós, enquanto juventude, precisamos ter esse olhar de curiosidade para entender e fazer parte do processo, buscando pressionar quem toma as decisões. Hoje, nós temos ferramentas poderosas de comunicação e temos que saber usá-las contra, por exemplo, alguma decisão do Senado que vá nos prejudicar.**



VALDINEIA SAURÉ, 25 anos, do povo Munduruku de Jacareacanga (PA), formada em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), trabalha na organização Engajamundo e na Associação de Mulheres Indígenas da Área do Tapajós.

A discussão sobre a natureza e o meio ambiente sempre existiu dentro de casa, já que sou de uma família de agricultores. E podia ter continuado na escola, mas isso não aconteceu. A escola tem muito ainda a avançar no sentido de sair de uma visão apenas ambiental para uma visão socioambiental. Como se vai proteger o meio ambiente sem proteger as pessoas que cuidam desse meio ambiente?

Ninguém faz nada sozinho, por isso gente tem que se articular. O quilombo é uma luta coletiva. A principal pauta, que deu origem à EAACONE, é o território. Por que é importante reconhecer? Pela importância que as comunidades têm, de maneira cultural, na conservação do território. Tanto que a roça de coivara dos quilombolas do Vale do Ribeira, um sistema agroflorestal usado desde os nossos antepassados, foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil em 2018. Esse sistema itinerante, de rotação, permite que a floresta se mantenha em pé.**



RAFAELA MIRANDA, 24 anos, nascida no Quilombo de Porto Velho, em Iporanga (SP), formada em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especializada em Direito Ambiental, faz parte da Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira (EAACONE).

Jovem mobiliza jovem. Se os nossos educadores aprendessem isso, o quanto a gente se motiva quando está junto e vê um objetivo coletivo, talvez isso pudesse ser usado a favor da educação. O coletivo se motiva.

***O último painel do IPCC mostra que podemos alcançar o colapso climático na próxima década e a América do Sul será um dos lugares mais impactados. O relatório comprova a gravidade da questão climática. É preciso trazer senso de urgência, fazer circular textos de cientistas reconhecidos, como Carlos Nobre ou Thomas Lovejoy, ou indicar documentários como Planet Earth, do David Attenborough, One Strange Rock, produzido pela National Geographic Society, ou o clássico* Uma verdade inconveniente.**

Li uma frase que respondeu a minha angústia ambiental: 'Mais tremendo que o colapso climático são as soluções que podemos criar para adiar esse fim do mundo'. Existem sim caminhos possíveis, e podemos ser uma parte ativa nisso. Se não tira a ansiedade climática, pelo menos ajuda a entender que isso faz parte da nossa própria sobrevivência. 'Tá desesperado que o mundo está acabando? Pô, levanta a bunda da cadeira e vamos nessa!'***



PALOMA COSTA, 30 anos, advogada de Brasília, foi nomeada um dos sete jovens líderes climáticos pelo Secretário Geral das Nações Unidas, Antônio Guterres, para o Grupo de Aconselhamento de Jovens.

» discursou na Conferência sobre o Clima promovida pela ONU em 2019 com um bordão contundente ("Como você ousa?") e sua fala sintetizaria a indignação e a urgência que move o novo ativismo juvenil. No final de 2019, a revista *Time* a elegeu Personalidade do Ano, tornando-se a pessoa mais jovem a ser destaque na tradicional capa — sem ser esportista nem artista. Estava ali por seu ativismo ambiental, servindo de exemplo e representando, outros jovens que também descobriram a urgência do enfrentamento da questão climática.

A ESCOLA E A QUESTÃO SOCIOAMBIENTAL

Antes da ação, há a problematização. No caso das mudanças climáticas, essa problematização é bastante complexa, alerta o geógrafo Jaime Tadeu Oliva, Professor-Pesquisador do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. "No ambiente escolar as questões ambientais, especialmente o aquecimento global, têm de se amparar em posturas científicas. É a problematização que forma a criatura." Ele ressalta não ver problema no fato de o ativismo ambiental circular no ambiente escolar, mas destaca que o tema deve receber uma abordagem adequada nas escolas. "O Brasil é afetado por um fenômeno conhecido como Zona de Convergência Intertropical, uma situação que se instala no sistema climático em períodos mais quentes, gerando fenômenos recorrentes como *El Niño* e *La Niña*. Foi isso que motivou as fortes chuvas no sul da Bahia e em Minas Gerais, e um verão bastante úmido no início de 2022. Só que certo ativismo ambiental que circula nas redes sociais atribuiu essas situações, que são triviais na dinâmica climática, ao aquecimento global. O mesmo aconteceu durante a crise hídrica sofrida pelo Sudeste em 2014. A crise hídrica passou e isso quer dizer que o aquecimento global foi resolvido? Claro que não! É por isso que o sistema climático precisa ser compreendido em sua complexidade, pois é ponto de partida para o entendimento do próprio funcionamento da natureza. Minha impressão é de que, atualmente, tanto no sistema escolar como fora dele, as discussões sobre clima já partem das alterações climáticas sem o conhecimento de base do funcionamento climático", ressalta Oliva.

Para o geógrafo, após problematizar a questão climática a partir de seu grau de complexidade, daí, sim, será importante identificar o que vem sendo provocado pelo homem e que está alterando a composição da atmosfera. "O aquecimento global é antes de tudo uma realidade detectada pelos cientistas, por pesquisas, mas que não é perceptível pelo cidadão comum. Diferentemente do filme *Não olhe para cima*, no qual um meteoro vai atingir a Terra e as pessoas podem ver o perigo, o aquecimento global não é visível. O que se percebe é a instabilidade do clima", explica o especialista.

Mas o que fazer? A saída é mirar no que está próximo. "Há ações humanas claramente lesivas à natureza e que são perceptíveis em escala individual", argumenta Jaime, citando o caso do Pantanal Mato-grossense, que, em menos de 50 anos, sofreu um assoreamento que reduziu sua capacidade de reter líquidos em 60%. "Isso se deve ao ser humano e se enxerga, é concretíssimo. Assim como o desmatamento, que atingiu níveis recordes nesses dois últimos anos na Amazônia, e que está vinculado a um modelo econômico predatório que já devíamos ter superado", exemplifica.

CONHECER PARA PROTEGER

Educadora ambiental do Centro de Experimentos Florestais da ONG SOS Mata Atlântica em Itu há 12 anos, Kelly de Marchi já recebeu mais de 60 mil estudantes e professores, recepcionando-os em uma antiga fazenda de café e gado restaurada pela organização não governamental. O passeio começa em um jardim sensorial, onde aromas, texturas e sabores estimulam a memória afetiva ligada à natureza. Depois, há uma trilha interpretativa, na qual se entra com lupa e binóculo, para expor a biodiversidade existente na Mata Atlântica. Kelly sempre se espanta com a invisibilidade do bioma presente em 17 estados brasileiros, e em mais de 3.400 municípios. "Muitas vezes a pessoa vive em um domínio da Mata Atlântica, mas para ela essa é uma ideia distante. Isso não acontece com quem mora na Amazônia ou no Pantanal. Como a Mata Atlântica é um bioma extremamente urbanizado, do qual só se manteve 12% da cobertura original, fica mais invisível", constata Kelly.

A ONG trabalha na conscientização sobre a Mata Atlântica por meio de formações. Uma das iniciativas é o site Aqui tem mata? (www.aquitemmata.org.br), criado pela SOS Mata Atlântica, no qual é possível saber se o município pertence ao bioma e conhecer como era a cobertura vegetal original e a atual, além de dados sobre a escala de desmatamento e a bacia hidrográfica. "Como o mapa também permite aproximações, se o fragmento de mata for maior do que 3 hectares, o professor pode identificar com a sua turma as áreas verdes que restam no município, ou no próprio bairro da escola", destaca. O site também disponibiliza uma cartilha que pode ser usada pelos professores, com sugestões de atividades a cada tema abordado.

Outra ação de formação é o Projeto Mata Atlântica na Escola, que existe desde 2008. Em 2021, a experiência passou a ter uma versão em ambiente virtual, disponibilizada para 3.000 inscritos. "É um curso de extensão criado em parceria com o Instituto Singularidades, em formato de tutoria semiativa. Semanalmente abordamos um assunto e o professor pode fazer as aulas no seu ritmo. São vários recursos, como vídeos, gráficos, animações, textos, para trabalharmos os três temas que são as causas da SOS Mata Atlântica: restauração das florestas, água limpa e áreas protegidas. Tudo em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio", explica Kelly de Marchi.













ADEUS, SACOS PLÁSTICOS!

AOS 12 ANOS, Melati Wijsen resolveu fazer alguma coisa contra a proliferação de sacos plásticos na ilha onde vivia, a paradisíaca Bali, na Indonésia. Junto com sua irmã, Isabel, começou em 2013 a mobilizar a comunidade, depois a ilha inteira (e o mundo) com sua campanha *Bye Bye Plastic Bags*. A seguir, ela conta como tudo começou e como nasceu o *Youthtopia*, um site feito por e para jovens transformadores.

COMO SURGIU A VONTADE DE LUTAR CONTRA A POLUIÇÃO POR PLÁSTICOS EM BALI?

Não houve exatamente um momento específico. Todos os dias víamos plástico em todos os lugares, tornou-se padrão: plástico nos supermercados e depois plástico nos rios, nas praias e nas ruas. Estava em todo lugar. Como tínhamos 12 e 10 anos e não queríamos que nossa ilha se afogasse em plástico, resolvemos fazer algo. Sem plano de negócios, sem orçamento, apenas com uma visão simples: livrar Bali dos plásticos. O resto é história!

QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS QUE VOCÊ E SUA IRMÃ ENFRENTARAM?

Sabíamos que não seria possível fazer mudanças sozinhas. No início, tivemos de conscientizar os outros e, sendo nós duas tão pequenas, era um desafio sermos levadas a sério. Muitas vezes nos deparamos com aquele "Ah, vocês são tão fofas, tão inspiradoras!". Não era isso que estávamos procurando. Tivemos de liderar pelo exemplo. E, de forma lenta mas segura, construímos um movimento tão grande que todos viram como era importante mudar. Agora mesmo [fevereiro de 2022] organizamos o maior *Clean Up* de Bali. Mobilizamos milhares de pessoas em 130 locais da ilha. Foi agitado, mas ótimo!

O DOCUMENTÁRIO *BIGGER THAN US*, LANÇADO EM 2021, CERTAMENTE AMPLIOU SUA AÇÃO. COMO FOI ESSA EXPERIÊNCIA?

Definitivamente! Eu tinha 18 anos quando comecei a filmar com a equipe de *Bigger Than Us*. Senti uma grande responsabilidade, mas vi ali uma oportunidade de crescer. A partir dos 12 anos, minha jornada me ensinou muito, e mal podia esperar para conhecer mais pessoas "como eu", que também começaram cedo, e aprender com eles! Vou me lembrar para sempre dessa experiência.

E A PLATAFORMA DE MOBILIZAÇÃO *YOUTHTOPIA*, COMO SURGIU?

Depois de anos na linha de frente do *Bye Bye Plastic Bags*, com a oportunidade de falar com mais de um milhão de estudantes em todo o mundo, percebi que sempre nos faziam uma pergunta: "Como posso fazer o que vocês fazem?". *Youthtopia* existe para tentar responder a essa pergunta. Há tantos de nós, jovens, que querem criar mudanças mas não sabem por onde começar. Como construir uma equipe? Como criar campanhas? *Youthtopia* é a plataforma para os jovens aprenderem com se tornar um agente de mudanças. Tudo é criado por, para e com os jovens da comunidade, chamado de Círculo da Juventude, e é formada por 200 agentes de mudança de 40 países. O que fazemos é levar conhecimento de ponta para mais jovens, em todos os lugares.

PARA SABER MAIS

- ATTENBOROUGH, D. BBC One Planet Earth. Disponível em: **mod.lk/cidada4**. Acesso em: 24 fev. 2022.
- ARONOFSKY, D. One Strange Rock National Geographic Society. Disponível em: **mod.lk/cidada4**. Acesso em: 24 fev. 2022.
- BYE Bye Plastic Bags. Disponível em: **mod.lk/cidada1**. Acesso em: 24 fev. 2022.
- YOUTHTOPIA. Disponível em: **mod.lk/cidada2**. Acesso em: 24 fev. 2022.
- AQUI tem mata. Disponível em: **mod.lk/cidada3**. Acesso em: 24 fev. 2022.

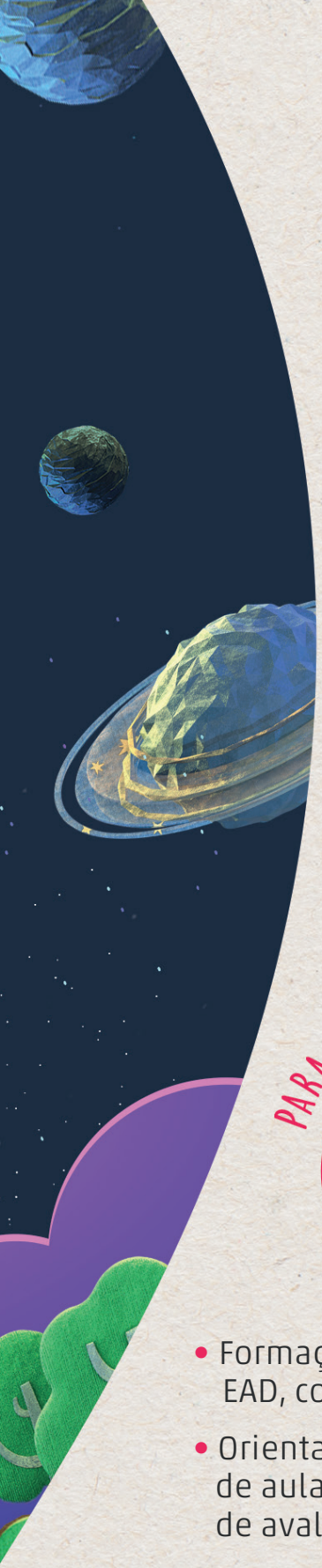
KEPLER

UM UNIVERSO DE POSSIBILIDADES

A UM CLIQUE DE DISTÂNCIA

A sua sala de aula está prestes a decolar com todos os recursos da Plataforma Digital Completa de Kepler!





Educação e empreendedorismo movendo o mundo por meio da integração de todos os agentes educacionais em um só espaço:

UMA MARCA SANTILLANA EDUCAÇÃO

PARA A ESCOLA



- Soluções digitais para tornar a gestão da rotina mais prática e ágil.
- Plataformas para pagamentos, censo, entregas, avaliações e geração de campanhas de *marketing*.

PARA OS ALUNOS



- Versão digital do livro impresso.
- Missões Digitais: Trilhas de Aprendizagem, áudios, parlendas, trava-línguas, atividades extras e resumos de todos os módulos em telas.

PARA OS PROFESSORES



- Formação Contínua no modelo EAD, com emissão de certificado.
- Orientações didáticas, planejamento de aulas completo e sugestões de avaliação.

PARA AS FAMÍLIAS



- Praticidade na hora de acompanhar o progresso dos filhos.
- Agilidade e eficiência na comunicação com as escolas.

www.plataformakepler.com

@plataformakepler /plataformakepler

leiomundo

SOLUÇÃO DIGITAL E PEDAGÓGICA DE INCENTIVO À LEITURA



Ler, aprender e escutar:

três formas para aproveitar os livros de literatura da Editora Moderna e Salamandra

MUITO MAIS BENEFÍCIOS PARA SUA ESCOLA E ALUNOS.

Você e seus alunos poderão aproveitar os livros de uma forma diferente e atrativa

- **Ler digitalmente** as grandes histórias da literatura infantojuvenil
- **Aprender** mais e desenvolver a competência leitora
- Escutar **audiolivros** narrados e dramatizados por profissionais

Os **maiores da literatura infantojuvenil do Brasil**, agora no Leiomundo:

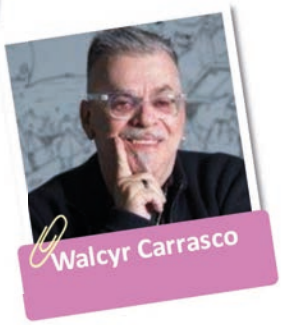
UMA MARCA SANTILLANA EDUCAÇÃO











Nossos diferenciais:

Competências leitoras

Atividades alinhadas à BNCC e aos critérios de avaliação do PISA

Plataforma lúdica

Atividades interativas, com avatares que acompanham os alunos ao longo dos planos leitores

Planos leitores

Professores podem personalizar suas aulas e trabalhar habilidades de leitura e interpretação

Audiolivros

Estimulam a imaginação e a criatividade das crianças

Livros *off-line*

Os leitores podem baixar os livros e fazer suas leituras *off-line*





Para mais informações sobre **Leiomundo**, procure o consultor que atende sua escola.

0800 017 2002

Livros, Filmes



DIREÇÃO PARA OS NOVOS ESPAÇOS E TEMPOS DA ESCOLA

POR *CEDAC e Fundação Santillana*

O que é preciso saber e fazer para atuar nos novos tempos e espaços da escola?
A nova edição do livro que foi sucesso entre diretores escolares está totalmente reformulada para responder a um novo momento da educação. Um momento que exige mais atenção à cultura digital, à pluralidade e à criatividade para manter a relevância da escola junto às novas gerações. Acompanha uma série exclusiva em formato *podcast*. Gratuito e imperdível!
SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em **mod.lk/fav**.



ROBÓTICA COM SUCATA

POR *Débora Garofalo*

Este lançamento de Débora Garofalo é uma introdução ao trabalho de robótica com sucata. Com propostas práticas que se conectam às diversas realidades, a obra busca contribuir com caminhos para uma Educação 5.0, oferecendo ideias e subsídios para os estudantes do Ensino Fundamental desenvolverem autonomia e construírem, coletivamente, saberes que serão usados ao longo da vida dentro e fora da escola.
SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.

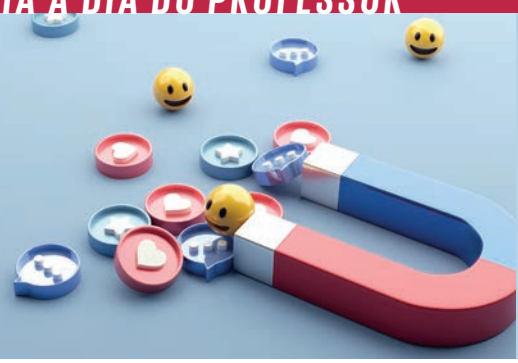


APRENDENDO COM O APRENDIZ
E OUTRAS HISTÓRIAS DE MESTRES E ALUNOS

POR *Ilan Brenman*

A relação entre professores e alunos é tão antiga quanto as pirâmides do Egito. As mais diversas culturas criaram narrativas a respeito dessa relação, que muitas vezes se invertia quando o aluno era aquele que ensinava algo ao mestre. Os grandes mestres falavam ao coração e à mente de seus alunos e, com uma rígida doçura, conseguiam criar desejo e amor pelo conhecimento.
SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.

& Séries





BURN OUT (2017)

FILME DE *Cécile Carre (Dust)*

Neste curta-metragem de ficção científica, a cineasta francesa Cécile Carre conta a história de Stella, uma mecânica espacial, que, após um colapso nervoso, acaba em um planeta deserto. Em seu desespero, encontra uma menina que a conduz numa aventura pelas profundezas do planeta. Nessa aventura misteriosa, Stella encontra uma caverna cheia de objetos que a relembram de seus medos e das expectativas que ficaram para trás. Um filme para incentivar ricas discussões em sala de aula sobre esperanças e sonhos.
SAIBA MAIS Disponível em: **mod.lk/favo22_1**.



GRAPHOGAME BRASIL

APLICATIVO DO *Ministério da Educação*

O *Graphogame* é um aplicativo gratuito lançado pelo Ministério da Educação que usa a gamificação para incentivar o processo de alfabetização. Voltado para crianças entre 4 e 9 anos, o aplicativo colabora no desenvolvimento de habilidades fonológicas e na aprendizagem de letras, sílabas e palavras. Nele, cada fase traz uma ou mais letras que a criança precisa tocar toda vez que ouvir. Cada acerto é contabilizado e, no final da fase, a estrela mostra o índice de aproveitamento daquela etapa.
SAIBA MAIS Disponível para download gratuito nas principais lojas de aplicativo (Android, iOS e Microsoft).



Alexandre Beck - Moderna 2022


MKT • MODERNA
Fundação**Santillana**
A EDUCAÇÃO NOS UNE
• Divulgação de análises, indicadores e boas práticas de políticas públicas.
• Incentivo à formação continuada com soluções inovadoras e criativas.
• Webinários que convidam a refletir sobre novos paradigmas educacionais e a pensar o futuro pós-pandemia.
CONHEÇA NOSSAS AÇÕES E INICIATIVAS
fundacaosantillana.org.br

UM NOVO MOMENTO.
NOVOS DESAFIOS.



EU SOU A
ESCOLA PÚBLICA

A Moderna representa uma empresa que se renova e se reposiciona para atender às necessidades reais da educação de hoje.

A partir de agora, uma equipe 100% dedicada desde o editorial até o atendimento pedagógico em um desafio primordial: **a educação pública!**

CADA VEZ MAIS PRÓXIMA.
CADA VEZ MAIS MODERNA.

MODERNA

/editoramoderna /editoramoderna /edmoderna

MKT • MODERNA • 90005007 | 98000356 | 82000004